

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

NILCEU ROMI KERECH TAVARES

VARIAÇÃO PRONOMINAL (*NÓS/A GENTE*) NOS TELEJORNAIS  
NACIONAIS DA REDE GLOBO

CURITIBA  
2014

NILCEU ROMI KERECH TAVARES

VARIAÇÃO PRONOMINAL (*NÓS/A GENTE*) NOS TELEJORNAIS  
NACIONAIS DA REDE GLOBO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

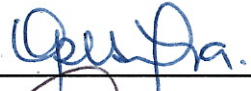

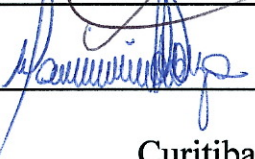
## PARECER

Defesa de dissertação do mestrando NILCEU ROMI KERECZ TAVARES para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE e MAURINI DE SOUZA arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

**“VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS / A GENTE NOS TELEJORNAIS NACIONAIS DA REDE GLOBO”**

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovado
ANDRÉA MARISTELA B. TAMANINE		Aprovado
MAURINI DE SOUZA		Aprovado

Curitiba, 25 de junho de 2014

  
Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran  
Vice-Coordenadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata seiscentésima quadrigésima sexta, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando **NILCEU ROMI KEREZCZ TAVARES**. No dia vinte e cinco de junho de dois mil e quatorze, às quatorze horas, na sala 1020, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON**, Presidente, **ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE** e **MAURINI DE SOUZA**, designadas pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: “**VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS / A GENTE NOS TELEJORNAIS NACIONAIS DA REDE GLOBO**”, apresentada por **NILCEU ROMI KEREZCZ TAVARES**. A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada uma das Examinadoras para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**, devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia vinte e cinco de junho de dois mil e quatorze. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

  
Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon

  
Dr.ª Andréa Maristela Bauer Tamanine

  
Dr.ª Maurini de Souza

  
Nilceu Romi Kerecz Tavares

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço e dedico este trabalho ao meu pai, Nilceu Reni Tavares. Meu mentor, meu professor, meu ídolo, meu herói, chefe da minha família, melhor amigo da minha mãe e, de longe, o melhor homem que conhecerei, tentarei sempre fazê-lo orgulhoso.

À Ana Anita Kerecz Tavares, minha mãe, por todo afeto e preocupação. Muito do que sou devo a ela, somos muito parecidos, tanto fisicamente, como em nossa personalidade, sinto muito orgulho por isso.

À Andressa Kerecz Tavares, minha irmã e segunda mãe. Seu exemplo foi fundamental para a conclusão dessa etapa em minha vida.

À Sirlei Cavalli, companheira de estudos, que acompanhou de perto todo o processo, me auxiliou em vários momentos do trabalho, sempre com bom humor. Ao William Franco da Silva, pelo apoio e incentivo nos momentos finais do estudo. À Kleina Borges da Silva, pela amizade sincera.

Agradeço muito à professora Odete, sem a sua experiência eu jamais conquistaria esse título. Obrigado pelos anos dedicados ao meu trabalho, pela orientação, pela amizade, pela compreensão nas horas difíceis e por deixar meu texto mais colorido com suas correções a lápis, mostrando-me o quanto ainda é preciso aprender.

“A língua, no sentido abstrato, é uma propriedade de todo o grupo social que a emprega. O tempo, os acidentes regionais, as profissões se encarregaram de transformar essa língua abstrata numa quantidade de linguagens concretas diversas.”

(MARIO DE ANDRADE, 1972:207)

## RESUMO

O presente trabalho visa ao estudo da alternância nós/a gente na fala dos apresentadores dos principais telejornais nacionais da emissora de televisão Rede Globo, sendo eles: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. A pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, em que são analisados os possíveis condicionadores linguísticos e sociais para entendimento do fenômeno em questão (LABOV, 1972). O corpus foi constituído por gravações dos telejornais e transcrição da fala dos âncoras, que depois foram codificadas para serem rodados pelo programa computacional Goldvarb 2001. O estudo teve como principal objetivo verificar se a variação entre os pronomes nós e a gente está presente na fala dos âncoras dos telejornais investigados. Elegemos os programas de televisão para análise uma vez que Tarallo (1999) propõe que os meios de comunicação sejam estudados com a finalidade de comprovar a presença dos fenômenos variacionais na língua. Obtivemos como resultado geral do estudo sobre a alternância pronominal *nós/a gente* nos telejornais Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, o uso maior do pronome *a gente* que o de *nós* como referência à primeira pessoa do plural. Verificamos que foram as variáveis *Presença Ausência do Pronome*, *Sexo/Gênero* e *Telejornais* que se constituíram como os fatores mais relevante para determinar a mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*, apontando para a mudança em progresso da forma inovadora.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Alternância pronominal. Variação nós /a gente.

## **ABSTRACT**

The present work aims to study the alternation *nós / a gente* in the speech of the main presenters of national television news broadcaster TV Globo, being: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. The survey was developed based on the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics Variationist, in which we analyze the possible linguistic and social conditioning to understanding the phenomenon in question (Labov, 1972). The corpus consisted of recordings of newscasts and anchors of speech transcription, which were then coded to be rotated by computer program Goldvarb 2001. Study aimed to verify whether the variation between the pronouns *us* and *we* are present in the speech of anchors TV news investigation. We elected the television programs for analysis since Tarallo (1999) proposes that the media are studied in order to prove the presence of variational phenomena in language. Obtained the general result of the study on pronominal alternation *nós / a gente* newscasts Jornal Hoje, Jornal Nacional and Jornal da Globo, the largest use of the pronoun *nós* that *a gente* as a reference to the first person plural. We found that the variables were *Presença/ausência do pronome*, *Sexo /gênero* and *telejornais* who acted as the most relevant in determining the shift toward replacing *nós* by *a gente* the people factors, pointing to the progress of change in innovative ways.

Key-words: Variationist Sociolinguistics; Pronominal Alternation; Variation *Nós A Gente*.



## LISTA DE FIGURAS

QUADRO 1 – PRONOMES PRESENTES NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS.....	29
QUADRO 2 – SISTEMA PRONOMINAL EM USO .....	29
QUADRO 3 – PRESENÇA DE BENS NO TOTAL DE DOMICÍLIOS NO BRASIL.....	41
QUADRO 4 – PERCENTUAL DE AUDIÊNCIA DOS TELEJORNAIS BRASILEIROS.....	43
QUADRO 5 – MOTIVOS PELO QUAL OS BRASILEIROS ASSISTEM TELEJORNAIS .....	44
QUADRO 6 – APRESENTADORES DE TELEJORNAIS DA REDE GLOBO. ....	72
QUADRO 7 – PARADIGMA PRONOMINAL PARA POSIÇÃO DE SUJEITO COM AS FORMAS VERBAIS CORRESPONDENTES DO PORTUGUÊS.....	81

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 – PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO CONSIDERADA MAIS IMPORTANTE POR TELESPECTADORES BRASILEIROS .....	43
GRÁFICO 2 – CANAIS DE TELEVISÃO PREFERIDOS PELOS BRASILEIROS .....	44
GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO GERAL EM PORCENTAGEM DOS USOS DE NÓS E DE A GENTE.....	82

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PRESENÇA/AUSÊNCIA DOS PRONOMES NÓS/A GENTE EM NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESO RELATIVO.....	82
TABELA 2 – NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESOS RELTIVOS DE GÊNERO/SEXO APRESENTADOS PELO GOLDVARB.....	86
TABELA 3 – NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESOS RELATIVOS DE TELEJORNAIS APRESENTADOS PELO GOLDVARB.....	87
TABELA 4– CRUZAMENTO ENTRE APRESENTADORES E PRESENÇA/ AUSÊNCIA DOS PRONOMES .....	89
TABELA 5 – COMPARATIVO ENTRE O USO A GENTE E NÓS NOS TELEJORNAIS .....	94

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	18
1.2 PROPOSTA DESTE TRABALHO .....	21
1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TRABALHO.....	22
1.4 OBJETIVOS .....	22
1.4.1 Objetivo geral .....	22
1.4.2 Objetivos específicos.....	22
1.5 ADERÊNCIA AO PROGRAMA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS .....	23
1.6 HIPÓTESES.....	23
2 REVISÃO DA LITERATURA .....	24
2.1 LINGUAGEM, LÍNGUA E PRECONCEITO .....	24
2.1.1 O USO DO PRONOME PESSOAL NO BRASIL .....	27
2.1.2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NÓS E A GENTE.....	30
2.2 TELEJORNALISMO NO BRASIL .....	36
2.3 O APRESENTADOR COMO ÂNCORA NO BRASIL .....	45
2.4 LINGUAGEM JORNALÍSTICA E TEXTO JORNALÍSTICO .....	49
3 METODOLOGIA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
3.1 FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS .....	55
3.1.1 TELEJORNAIS: PERFIL E HISTÓRICO DOS PROGRAMAS ANALISADOS – CARACTERIZAÇÃO SOCIAL .....	55
3.1.1.1 BOM DIA BRASIL.....	55
3.1.1.2 JORNAL NACIONAL.....	59
3.1.1.3 JORNAL HOJE.....	64
3.1.1.4 JORNAL DA GLOBO.....	67
3.1.2 GÊNERO/SEXO .....	70
3.1.3 FAIXA ETÁRIA .....	71
3.1.4 APRESENTADORES .....	73
3.1.4.1 RENATO MACHADO E RENATA VASCONCELLOS .....	73
3.1.4.2 EVARISTO COSTA E SANDRA ANNEMBERG .....	74
3.1.4.3 WILLIAM BONNER E FÁTIMA BERNARDES.....	74

3.1.4.4 WILLIAM WAACK E CHRISTIANE PELAJO .....	75
3.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS .....	75
3.2.1 MARCAÇÃO DO SUJEITO .....	76
3.2.2 PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME .....	78
4 RESULTADOS DA PESQUISA .....	79
4.1 PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME .....	81
4.2 GÊNERO/SEXO .....	86
4.3 TELEJORNAIS .....	87
5 CONCLUSÃO .....	94
REFERÊNCIAS .....	97
ANEXOS .....	103

## 1 INTRODUÇÃO

É certo que grande parte da população brasileira tem contato diário com a televisão. Esse meio de comunicação está presente na maioria dos lares, salas de espera, restaurantes, empresas, e nos mais variados locais onde se concentram pessoas. Ela é parte integrante da rotina, proporcionando discussões sobre diversos assuntos entre as famílias, rodas de amigos, no trabalho, enfim, para grande parte da população. Quem nunca se deparou com a pergunta: você assistiu ao jornal ontem? E a novela?

Estudos desenvolvidos por Amorim, (1979) Mattos, (1982a e 1985) sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil, apontaram ser a força econômica do governo o principal apoio pelo crescimento dos meios de comunicação de massa, proporcionando à televisão apoio técnico e financeiro; sendo a principal força política, exercendo controle e influenciando os veículos de comunicação. Foi durante o regime militar iniciado no ano de 1964 que foi adotado um modelo de desenvolvimento econômico no qual o Estado emergia como a grande força propulsora existente por trás do crescimento da indústria cultural.

Na esteira desse desenvolvimento, a televisão e a Internet tornaram-se os principais instrumentos de comunicação presentes na vida dos brasileiros. Esses meios, como qualquer outro, dependem de aparato tecnológico para transmitir mensagens de forma eficaz e principalmente exigem a participação humana no arranjo produtivo da informação. Por meio dessas tecnologias, tornou-se possível a comunicação em massa da informação.

Esse desenvolvimento teve início no século XX, quando presenciamos o surgimento de técnicas criativas e inovadoras para comunicar e informar uma coletividade de pessoas sobre diversos assuntos, jamais experimentadas em séculos anteriores, que tornaram a comunicação em massa uma realidade estabelecida e estruturada.

No ano de 1919, a partir do desenvolvimento de recursos utilizados nos bocais de telefone, engenheiros da empresa Westinghouse - fabricante de aparelhos de rádio para as tropas da Primeira Guerra Mundial - desenvolveram um microfone que absorvia o som com mais qualidade, o que possibilitou a radiofusão. Quando a guerra acabou, a Westinghouse ficou com um grande estoque de aparelhos. Para evitar o

prejuízo, instalou uma grande antena na fábrica e transmitiu música para os habitantes do bairro. Os aparelhos encalhados foram vendidos.

A partir de então começa a *Era do Rádio* nos Estados Unidos, que assim ficou conhecida pela rápida expansão e aderência do aparelho por parte da população. Em 1921 existiam 4 emissoras e no final de 1922, os americanos contavam com 382 emissoras.

A primeira transmissão de rádio oficial no Brasil, foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, na comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1922 no Rio de Janeiro. O discurso foi na Praia Vermelha e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado pela Westinghouse.

O pai do rádio brasileiro foi Edgard Roquete Pinto. Ele convenceu a Academia Brasileira de Ciências a comprar os equipamentos que transmitiram o discurso do presidente na Praia Vermelha, e fundou em 1923, a primeira estação de rádio brasileira: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC. Os ouvintes eram associados e pagavam mensalidades para manter a emissora.

A criação da televisão remete às pesquisas realizadas por John L. Baird, que em 1920 uniu componentes eletrônicos que haviam acabado de ser produzidos em várias partes do mundo e montou o primeiro protótipo de televisão. Uma reprodução satisfatória de imagens aconteceu apenas 5 anos depois.

Também neste período, em 1923, o russo Wladimir Zworykin criou e patenteou o ionoscópio, o que lhe rendeu, anos mais tarde, um contrato com a RCA. A partir do ionoscópio ele pôde desenvolver os primeiros tubos de televisão, chamados Orticon, produzido em escala industrial a partir de 1945.

Mesmo ainda não havendo produção em escala industrial de televisores, as transmissões abertas passam a ocorrer a partir da década de 1930, primeiramente na Alemanha, em 1935, e depois na Inglaterra, EUA e União Soviética.

No Brasil, em 1950, a TV Tupi foi a empresa pioneira em transmitir o sinal aberto, Fundada em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, pelo jornalista Assis Chateaubriand. A primeira transmissão aconteceu no saguão do “Diários Associados”, de propriedade de Chateaubriand. Foi necessário ainda que o jornalista importasse cerca de duzentos aparelhos de TV para que os programas da emissora fossem assistidos, já que não havia ainda o consumo em larga escala de televisores. Posteriormente, novas emissoras foram surgindo, como Globo, Record e Bandeirantes.

Dentro de curto prazo de tempo, alguns publicitários iniciaram a participação nesse novo meio de comunicação que passou a contar com grandes anunciantes. Pouco tempo depois da implantação da TV Tupi, se iniciou a fabricação de aparelhos de TV no Brasil - os televisores Invictus - antes disso os televisores eram importados dos Estados Unidos. Para Fleur (1976), com esses inventos a comunicação em massa se tornou real na vida moderna e possibilitou ao homem comunicar-se e interagir simultaneamente no planeta, com acesso a diversos segmentos e públicos.

Possenti (2009) afirma que, no Brasil, o telejornalismo chegou com a indústria televisiva, recebendo apoio do rádio, utilizando sua estrutura, formato, programação, técnicos e artistas, ao passo que a televisão norte-americana recebeu apoio da indústria cinematográfica.

Com o surgimento do rádio e da televisão muitos estudos se desenvolveram com o intuito de entender o impacto dos veículos de comunicação em massa na sociedade. Muitos vão no sentido de perceber como a linguagem usada por esses veículos impactam na a identidade da população exposta a esses meios. Martino (2010) aponta o seguinte:

A tecnologia da comunicação não é apenas um instrumento. Ela altera a relação do ser humano com seu ambiente físico e social a partir de mudanças provocadas no próprio indivíduo – o uso de tecnologias de comunicação altera a percepção do ser humano, modifica o modo como sente, representa, atribui sentido e age em seu ambiente, dito de outra maneira, as mediações tecnológicas alteram a relação das pessoas com os signos ao seu redor, filtrando-os, ampliando-os, eliminando-os de seu campo perceptivo. Alteram sua identidade. Interferem na maneira como os sentidos captam a realidade e, portanto, como a mente processa esses signos (MARTINO, 2010, p. 158).

Frente a essa perspectiva, Gama e Souza (2006) entendem que os meios de comunicação procuram disseminar uma ideia alienadora, uma vez que expõem parcialmente as informações, mostrando apenas o que beneficie as partes interessadas.

Como exemplo podemos citar a cobertura realizada pela Rede Globo das eleições de 1989 em que dois debates foram promovidos, de um turno para o outro, entre os candidatos Collor e Lula. O primeiro aconteceu na TV Manchete, no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro. O último debate entre os candidatos foi transmitido pela TV Bandeirantes, no dia 14, em São Paulo, a partir das 21h30.

No dia seguinte, a Rede Globo veiculou no *Jornal Hoje* e no *Jornal Nacional* duas reportagens editadas do último debate, sendo acusada pelo Partido dos



Trabalhadores (PT) por eleger partes favoráveis do candidato Collor e momentos em que o candidato Lula “não se saiu tão bem”. O PT processou a Rede Globo, movendo uma ação contra a emissora no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), solicitando que o debate fosse reeditado e apresentado antes das eleições no Jornal Nacional, mas o recurso foi negado.

Atualmente, alguns movimentos sociais têm se voltado contra as emissoras nacionais, atacando principalmente a Rede Globo e seus telejornais. Os participantes do *Levante Popular da Juventude* de São Paulo, sob o slogan: “Para democratizar e dar a voz ao povo, nós vamos desligar a Globo” acusam a emissora de representar o monopólio da mídia brasileira com dezenas de veículos de comunicação e concentração de boa parte da verba publicitária.

O movimento *Ciranda Internacional de Comunicação Compartilhada*, em um texto publicado no site [www.ciranda.net](http://www.ciranda.net), no dia 16 de julho de 2013, discute que os atos de protestos realizados em 2013 em todo o Brasil não eram somente contra o reajuste de vinte centavos no valor da tarifa de ônibus, mas também contra a oligarquia das emissoras de TV que não criticam o governo sob o escudo da imparcialidade. Como aponta Moreira (2013), autora do texto:

Por isso, entendo o silêncio, só não a apatia. Criticar o governo é uma das práticas mais saudáveis que conquistamos no pós-regime militar. Não é possível compactuar com tudo. É da natureza humana divergir. Mas, é na sombra desse argumento que se escondem as intenções do oligopólio midiático. Alegam imparcialidade, isenção e pluralismo. Mas onde está a pluralidade? Todos vendem o mesmo. Caça-palavras de frases repetidas, embaralhadas. A tradicional agenda setting em ação, talhada de forma cada vez mais conservadora. (MOREIRA, 2013)

O movimento Fora Globo, em sua página do Facebook, com 294 seguidores, - enquanto a página da Rede Globo apresenta 3.981.514 seguidores - posta diariamente acusações contra a emissora, mostrando ações de brasileiros contra o governo e assuntos que, segundo os autores do movimento, a mídia não mostra, bem como organizam manifestações e passeatas contra a Rede Globo, inclusive nos portões de suas sedes em todo o Brasil.

Diante das várias omissões da mídia apontadas por esses movimentos sociais, a Rede Globo em seu site <http://memoriaglobo.globo.com>, em uma sessão chamada *Erros*, apresenta dois casos que considera ter falhado em seus mais de 45 anos de história, que são: as eleições de 1989 e as *Diretas já*. Frente a isso percebe-se que a

emissora não está disposta a discutir as falhas e ausências apontadas pelos movimentos sociais que apoiam a mídia alternativa, sendo um canal de mão única, que acaba por não escutar o que uma parcela da população reivindica. A partir desses “erros”, a TV Globo decidiu não mais editar debates políticos. Declarando o seguinte:

A TV Globo decidiu não editar debates políticos, limitando-se a apresentá-los na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que, ao condensar um debate, bons e maus momentos dos candidatos ficarão de fora, segundo a escolha de um editor ou de um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos se sentir prejudicado. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

Diante dessas circunstâncias, esses movimentos levantam também a questão da concessão dos canais de televisão no país, que, segundo Deursen (2010), é realizada da seguinte maneira:

Nenhuma emissora de TV brasileira é dona do canal em que sua programação é transmitida: todos os canais de sinal aberto pertencem ao Estado e são concedidos (daí a palavra "concessão") temporariamente às emissoras, através de processos de licitação. Para concorrer a uma concessão, a empresa deve ter no mínimo 70% do capital nas mãos de acionistas brasileiros e respeitar o limite de controle de até dez estações em todo o país, sendo no máximo duas por estado e cinco em VHF (não entram na conta as retransmissoras). Aí uma comissão do Ministério das Comunicações analisa sua proposta de programação e sua condição técnica e financeira, dando pontos em diferentes quesitos. Quem tiver a melhor média de pontos fica com a concessão, ganhando o direito de explorar determinado canal por um período pré-definido e, ao final dele, passa por uma nova análise (DEURSEN, 2010)

Frente a essa situação, a constituição brasileira aponta que a difusão de sons e de sons e imagens é um serviço público, ou seja, tem que consentir aos interesses da população e deve seguir regras que condicionem a prestação. Para atingir os objetivos, a opinião daqueles que irão receber o serviço deve ser levada em consideração. Porém, as redes de televisão acabam por criar sua própria programação, sem consulta pública, buscando resultados que beneficiem os donos das emissoras, ou seja, o lucro. Qualquer ação reguladora imposta pelo governo ou proposta por movimentos sociais é tida por esses grandes meios como quebra da liberdade de expressão, quando na verdade, Correia (2010) afirma que tais atitudes serviriam como um controle democrático finalístico de um serviço público, como explica

Deveria haver órgãos – conselhos, comitês ou qualquer nome que se queira dar – cuja composição representasse toda a sociedade, a partir de critérios sociais, econômicos, geográficos, de idade, para se estabelecerem padrões mínimos de finalidades públicas e seus reflexos nas programações televisivas. (CORREIA, 2010, p. 36)

Os movimentos citados acima vão ao encontro do que sugere Correia, porém as grandes emissoras não veiculam suas ações e não atendem suas reivindicações, sendo que grande parte da população nem sabe que existem esforços no sentido de democratizar a programação e a informação na televisão, ou ainda, os participantes dessas correntes são criminalizados pelas grandes emissoras.

Com isso percebemos que no Brasil, apesar da televisão funcionar por meio de concessão e ser em sua essência um serviço público, não funciona desta maneira, uma vez que as emissoras não atendem as reivindicações de uma parcela da população que almeja por uma programação mais democrática.

Para alcançarmos o que os movimentos sociais buscam - uma televisão mais democrática - é fundamental que se desenvolvam estudos para avaliar as consequências dos sistemas atuais de comunicação, suas propriedades e controle como instrumentos midiáticos. Para De Fleur (1976), a dificuldade em se fazer esses estudos consiste no fato de que os formatos e estilos de programas veiculados na televisão são muito variados (entretenimento, notícia, publicidade, entre outras coisas). Estudos isolados, dessa forma, deveriam ser confrontados, para termos um panorama científico de como a programação das emissoras impacta na sociedade brasileira.

A presente pesquisa, nesse sentido, avaliará a fala de apresentadores de telejornais da emissora Rede Globo, contribuindo assim com a descrição da língua falada no país. Nosso objetivo é verificar se a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* está inserido nos telejornais e quais os fatores sociais e linguísticos estão influenciando nesse processo.

Buscou-se a televisão para análise uma vez que ela está presente diariamente na vida dos brasileiros, como demonstra a pesquisa desenvolvida sobre a exposição do indivíduo à mídia televisiva brasileira, pelo IBOPE (2013), maior empresa privada de pesquisa da América Latina, e divulgada em seu site [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br). O estudo revelou que a média de exposição diária do brasileiro à televisão é de cinco horas e quarenta e cinco minutos, sendo uma das maiores do mundo, como demonstra outra

pesquisa também realizada em 2013 pela Motorola Mobility. Divulgada no Brasil pelo site [www.tecmundo.com.br](http://www.tecmundo.com.br), os dados da pesquisa revelaram que o público brasileiro está entre os seis que mais assistem à TV no mundo. Segundo o estudo, os Estados Unidos lideram esse ranking. O Brasil está atrás somente da China, Malásia e Turquia.

Diante desses estudos, pode-se apontar a relevância dessa mídia para comunicar, informar e instruir a população brasileira, pois para essa comunidade permanecer em casa e receber inúmeras informações veiculadas via canal televisivo tornou-se um hábito arraigado na cultura de muitas famílias.

Quanto a linguagem dos telejornais, base para o presente estudo, Squirra (1993) aponta que uma pesquisa de audiência divulgada pela Folha de São Paulo no ano de 1988, demonstrou que no Brasil, nesse ano, do total de telespectadores que sintonizavam o Jornal Nacional da Rede Globo, 90% consideravam a notícia de fácil entendimento, tendo 84% da preferência da população na época, comparado às demais empresas concorrentes. Essa mesma pesquisa revelou que 44% dessa população consideravam a notícia confiável e audiência era maior entre paulistanos com baixa escolaridade, sendo a maioria mulheres.

Com base nesses estudos, percebeu-se que a linguagem utilizada na notícia deveria ser de entendimento fácil, enfatizando a procedência do fato veiculado, com inovações visuais bastante atraentes. No Brasil, os telejornais basearam-se em programas norte-americanos na forma de apresentar os conteúdos e temas, especialmente no desenvolvimento da ação e no uso da linguagem televisiva, sem necessariamente afrontar ou invadir culturalmente, espelhando-se em antecedentes vivenciados e assimilados pelo jornalismo brasileiro impresso. Squirra (1993) aponta que essas manifestações estilísticas norte-americanas introduzidas no jornalismo eletrônico brasileiro foram bem recebidas pela população.

Porém, em entrevista publicada no site [www.portal.comunique-se.com.br](http://www.portal.comunique-se.com.br), no dia 04 de outubro de 2011, o então diretor geral da Rede Globo, Octavio Florisbal, afirma que há a necessidade de mudar o formato dos telejornais locais em todo o país, com o objetivo de tornar a linguagem do meio mais próxima do telespectador. Ele comenta que algumas alterações já estão sendo feitas nas duas atrações deste segmento mais assistidas: o 'SP TV' e o 'RJ TV'. A principal foi a retirada do teleprompter (TP), aparelho que exibe os textos a serem lidos pelos âncoras, dessa forma o apresentador não lê integralmente a notícia, ou seja, em alguns momentos ele improvisa.

Florisbal aponta que as mudanças que recentemente aconteceram nas duas praças próprias da Globo poderão ser implantadas em todas as afiliadas da rede para alcançar um padrão no jornalismo local. Ele acredita que com a ausência do TP a linguagem passe a ser mais informal, ou seja, segundo ele, de maior compreensão. O diretor geral comenta que os telejornais de âmbito nacional permanecerão com conteúdo formal. Ele, porém, afirma que com um aspecto mais solto, ou não, o veículo busca o mesmo resultado: qualidade de informação.

Nesse sentido podemos observar que os produtores dos meios de comunicação e aqueles que atuam nessa área, mesmo não sendo linguistas, perceberam que há variações no modo de se falar no país e que elas devem ser valorizadas. Mesmo nos jornais de âmbito nacional essa noção também é adotada, o jornalista Willian Bonner (2001) afirma que a fala presente nos telejornais deve ser próxima daquela usada por pessoas ao conversar, para que todos possam entender, porém não é isso que observamos no próprio programa que apresenta, o Jornal Nacional, em que tanto a fala é formal, como a postura dos apresentadores, que seguem um formato estritamente tradicional.

Essa variação na fala é característica inerente a qualquer sistema linguístico; porém é ignorada ou tratada como erro ainda hoje por algumas pessoas e instituições, partindo-se do princípio que existe apenas um modo correto de se falar, aquele presente nas gramáticas normativas, e tudo que for usado fora disso é estigmatizado.

Estudos para compreender as opções realizadas pelos usuários da língua começaram a ser traçados com o advento da Sociolinguística, termo desenvolvido nos anos 1950 para apontar uma nova perspectiva de pesquisa que reunia as ideias de linguistas, bem como de sociólogos para debater assuntos relacionados ao uso efetivo da língua na sociedade.

Essas pesquisas demonstram que as escolhas entre sons, palavras ou até mesmo estruturas não acontecem por vontade do falante, mas seguem um padrão sistemático condicionado por regras, chamadas de regras *variáveis*, que apontam a covariação entre elementos linguísticos e sociais.

Na década de 1960, pesquisas realizadas nos Estados Unidos por William Labov, originaram o que hoje conhecemos como *Teoria da Variação Linguística*, ou *Sociolinguística Quantitativa*.

Dentro da discussão do telejornalismo e sua influência social e vice-versa, buscamos neste trabalho analisar como a variação entre os pronomes *nós/a gente*

ocorre dentro de um ambiente formal e padronizado como os telejornais da Rede Globo.

## 1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

De Fleur (1976) afirma que os veículos de comunicação modernos impactam sensivelmente as sociedades ao transmitirem cultura e informação em tempo real. Dessa forma, a comunicação torna-se objeto de investigação para entender os impactos causados pelos veículos midiáticos na sociedade, sendo relevante reconhecer a influência que o telejornal exerce na comunicação humana, na língua usada pelo usuário e na norma culta. Ilari e Basso (2006) afirmam que na língua das sociedades complexas é corriqueiro alguns falantes consagrarem modelos de linguagem comuns e em situações relevantes falar ou escrever segundo um modelo de prestígio, acrescentando valor à mensagem.

Estes autores apontam que, após a Proclamação da Independência do Brasil (1822), procurou-se conhecer a língua em que deveriam ser expressos os escritos da literatura brasileira. Além disso, no século XX, a distância entre as variantes portuguesa e brasileira do português aumentou em razão dos avanços tecnológicos do período: não existindo um procedimento unificado para a incorporação de novos termos à língua, certas palavras passaram a ter formas diferentes nos dois países (comboio e trem, autocarro e ônibus, pedágio e portagem e outras.). Além disso, o individualismo e nacionalismo, que caracterizam o movimento romântico do início do século, intensificaram o projeto de criação de uma literatura nacional expressa na variedade brasileira da língua portuguesa, argumento retomado pelos modernistas que defendiam, em 1922, a necessidade de romper com os modelos tradicionais portugueses e privilegiar as peculiaridades do falar brasileiro.

Os escritores brasileiros do período romântico interpretaram a Escola Literária no contexto da independência política e entenderam que a exaltação da natureza e o mito das origens de nacionalidade, em que o índio substitui o cavaleiro, eram um modo de diferenciar o português europeu do brasileiro. No entanto, José de Alencar entendia que a linguagem literária deveria apresentar características brasileiras e retirar do escritor o peso de modelos antigos de linguagem portugueses. (DE FLEUR, 1976).

Para discutir essas questões, entre outras coisas, foi realizado em 1956 o I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, que tinha por objetivo principal a

padronização de uma pronúncia não marcada regionalmente. Nesse momento a língua falada é tomada como sinônimo de pronúncia e assim é tratada na maioria dos textos dos anais do evento.

A partir disso, houve um distanciamento entre a língua falada no Brasil e em Portugal; na tentativa de normatização da língua brasileira, o sotaque foi valorizado e o modo de falar de algumas regiões foi tomado como modelo (ILARI e BASSO, 2006). Ilari e Basso (2006) comentam que teses de 1936, motivadas na cultura e na história da pronúncia regional, coordenadas por Mário de Andrade e Manuel Bandeira, apontam a linguagem carioca como superior.

Destacar a linguagem de uma região como modelo de norma para o restante do país é típico de determinada época, mas essa expectativa foi substituída por Antônio Houaiss no II Congresso, que reconheceu diferentes normas regionais e que determinado modelo de pronúncia poderia ser resultante de negociação entre regiões (LAGE, 1979). Um fato importante que os especialistas definiram nos congressos foi o tipo de pronúncia recomendada, espalhando-se para áreas amplas e recaindo no ensino.

Segundo Ilari e Basso (2006), Celso Cunha, como presidente do Congresso Nacional Brasileiro, em 1957, aborda a evolução tecnológica no discurso de abertura, motivada especialmente no crescimento dos meios de comunicação em massa que se difundiriam no século XXI, apontando a televisão e o rádio como instrumentos aliados no implante da língua escolhida pelos congressistas, no Brasil todo.

Os canais de televisão transmitem informações jornalísticas em cadeia nacional e se transformam em uniformizadores linguísticos importantes, por seguirem uma forma padrão de fala, usando a norma da gramática tradicional como regra, uma vez que os jornais são escritos previamente e depois lidos pelos apresentadores.

As raízes da norma culta estão em Portugal e não exatamente no Brasil e exercem influência na forma como a sociedade usa a língua padrão, distanciando o português padrão do cotidiano do povo. Internamente, no que hoje se considera norma culta, ainda existe variação, segundo Ilari e Basso (2006), existem normas para diferentes capitais no português escrito e no português falado, entre gêneros de linguagens.

Já por algum tempo, a língua usada na literatura brasileira e a linguagem de diferentes programas televisivos não é a mesma da gramática tradicional (doravante GT) de forma que os gramáticos brasileiros estão desatualizados. Ilari e Basso (2006)

afirmam que jornais e telejornais brasileiros veiculam o que escrevem e não recorrem às gramáticas. A representação da língua da gramática é antiquada e limitada pela incapacidade dos gramáticos de atualizarem seus compêndios de acordo com a língua usada pela população.

Com base nessas questões, nos propusemos a analisar a fala usada pelos âncoras de telejornais da atualidade, com o intuito de verificar como a variação linguística está inserida nesse meio. Por motivo de delimitação teórica, buscou-se verificar a variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, tomando-se como princípio que o primeiro é o mais formal e, dessa forma, seria usado com maior frequência nos telejornais, uma vez que esse ambiente é encarado pela população em geral como formal.

A utilização do pronome *nós* e do respectivo substituto *a gente*, no Brasil, para designar a primeira pessoa do plural é empregada naturalmente entre falantes de Língua Portuguesa; fato demonstrado em diversos estudos realizados por Omena (1996), Menon (1994; 1995; 2003); Albán e Freitas (1991; 1991a; 1991b); Lopes (1993); Tamanine (2002; 2010) e outros teóricos brasileiros, que tratam de variação da língua. Todas essas pesquisas demonstram uma mudança linguística, em que o pronome *nós* está sendo substituído pelo pronome *a gente*. Porém a maioria das gramáticas tradicionais (GT) desconsidera a oralidade e descarta o sujeito pronominal *a gente*, apontando para certo preconceito, uma vez que somente a forma pronominal *nós* é usada como pronome na primeira pessoa do plural (BUENO, 2003).

As definições tradicionalistas servem para livros didáticos, porém, implicam no distanciamento entre *norma escolar*, que considera correto somente o que está presente em gramáticas normativas (GN); e *norma padrão* (NP), que está presente no dia a dia, em jornais, revistas, livros e alguns outros meios de forma oral e escrita (TAMANINE, 2002, p. 1), implicando no que não está presente nas GTs seja avaliado como erro, ou seja, o uso do pronome *a gente* tem sido entendido como um erro por muitas pessoas, durante muito tempo.

De acordo com Cagliari (1989), no Brasil, não há definição clara sobre o que é a *norma padrão falada*, porém, “com a entrada do rádio e [...] da televisão [...] na vida dos brasileiros criou-se um novo conceito de fala de prestígio: a fala formal da televisão”. A Inglaterra apresenta uma variedade de linguagens e o “inglês da rainha” (ou da “BBC”, *received pronunciation* – pronúncia recebida), é usado por falantes



com diferentes variantes quando pretendem não ser identificados regionalmente (CAGLIARI, 1989, p. 85).

Barbeiro e Lima (2002) entendem que a linguagem da tevê deve ser clara, direta, precisa, simples, concisa e objetiva, próxima à usada naturalmente no diálogo entre pessoas, uma vez que o objetivo principal é que maior número possível de telespectadores compreenda o que está sendo dito e que a mensagem atinja seu objetivo, que é informar.

Bagno (1999) discute que no Brasil a linguagem usada pelos jornalistas (repórteres e âncoras) contribui para a padronização da língua, por isso está mais próxima da norma, porém deve ser clara para que cidadãos de diferentes idades, regiões ou níveis socioeconômicos, independentemente do nível de escolarização, compreendam. E acrescenta que mesmo sendo a língua portuguesa falada pela maioria da população, ela apresenta grande diversidade e variabilidade de dialetos, sendo esse um desafio para os telejornais.

Nesse sentido Tarallo (1999) aponta que a língua dispõe de um sistema variável de regras, e que o telejornal é uma forte tentativa de normatizar e unificar a língua nacional. Com isso, sugere que a linguagem dos meios de comunicação de massa seja analisada para verificar como a variação linguística está infiltrada nesses meios.

## 1.2 PROPOSTA DESTE TRABALHO

A proposta de estudo é analisar a variação pronominal entre o pronome *nós* e sua variação *a gente*, empregada nos telejornais brasileiros veiculados nacionalmente pela Rede Globo, a fim de perceber como a variação entre esses pronomes está inserida na linguagem utilizada por âncoras do telejornalismo brasileiro.

Dentre as prerrogativas desta dissertação, procura-se contribuir com estudos que demonstram que a forma pronominal *a gente* é usada no português do Brasil, como pronome de primeira pessoa do plural, entre as comunidades que utilizam uma linguagem informal, mas também entre as que utilizam linguagem formal.

O tema selecionado para esta dissertação “Variação Pronominal (*Nós/A gente*) nos Telejornais Nacionais da Rede Globo” tem profunda relação com a Linha de Pesquisa Mudança e Variação, que vem permitindo assim conhecer como a

variação pronominal *Nós/A gente* é tratada, seja entre crianças, jovens, adultos; entre níveis mais ou menos elevados de escolaridade; entre as faixas etárias; em diferentes regiões geográficas ou ainda nos meios de comunicação, mais especificamente na linguagem dos jornalistas da televisão brasileira.

### 1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TRABALHO

O objetivo deste estudo é analisar a variação dos pronomes *nós* e *a gente*, com base em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), na fala de “âncoras” de telejornais brasileiros veiculados em cadeia nacional pela Rede Globo, meio pelo qual grande maioria da população entra em contato diariamente com a fala formal. A intenção desta pesquisa é verificar como a variação tem sido empregada no meio televisivo jornalístico e relacionar os resultados com outros estudos que demonstraram a variação na fala usando o pronome *nós* e *a gente*, de comunidades brasileiras.

O interesse deste tema fundamenta-se na escassez de trabalhos que tratem da variação pronominal no Brasil, principalmente quando se fala em meios de comunicação social. Com o desenvolvimento deste estudo pretende-se contribuir para descrever o português falado no Brasil com base no uso que os jornalistas fazem da língua no noticiário televisivo em geral.

### 1.4 OBJETIVOS

#### 1.4.1 Objetivo geral

Descrever como a variação pronominal *nós* e *a gente*, na primeira pessoa do plural está inserida nos telejornais da Rede Globo de Comunicação (Bom Dia Brasil; Jornal Hoje; Jornal Nacional, Jornal do Globo) a partir da fala de âncoras.

#### 1.4.2 Objetivos específicos

- a) Abordar de que forma a variação pronominal *nós* e *a gente* é usada no telejornalismo brasileiro;

- b) Apontar referências linguísticas e extralinguísticas que condicionam a variação pronominal (*nós/a gente*) na fala dos âncoras dos telejornais;
- c) Mostrar a importância da mídia televisiva como fonte de pesquisa para a sociolinguística.

## 1.5 RELAÇÃO COM O PROGRAMA ESTUDOS LINGUÍSTICOS

O tema desta dissertação tem relação com o Programa de Estudos Linguísticos, haja vista que uma das linhas de estudo do mesmo é sociolinguística, por tratar da variação pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em telejornais da Rede Globo. E será usada a fala de âncoras do jornalismo de quatro programas jornalísticos na forma gravada.

Esta abordagem tem estreita relação com a área de concentração “Estudos Linguísticos”, com a Linha de Pesquisa “Mudanças e Variação” e com o Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) para auxiliar futuros profissionais da área de Letras, Linguística, Sociolinguística e afins, por meio da pesquisa teórico-prática para que compreendam a variação como mecanismo de evolução em sociedades letradas e não letradas, aceito pela Linguística e pela Sociolinguística como instrumento na mudança de paradigma.

## 1.6 HIPÓTESES

Este estudo tem como hipóteses de pesquisa os seguintes pontos,

1. A variação entre pronomes pessoais da primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* está presente nos quatro principais telejornais nacionais da Rede Globo, indicando que as duas formas fazem parte do quadro pronominal do Português do Brasil.
2. Existem fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação pronominal *nós* e *a gente* na fala de âncoras do telejornalismo brasileiro. Como variável dependente, controlamos as variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito para verificar a frequência da forma *a gente*. Entre os grupos de fatores *linguísticos*, controlamos *presença ou*

*ausência do pronome e concordância verbal*. Já os fatores sociais analisados foram: *Idade, sexo/gênero, apresentadores e os telejornais*

3. O pronome *nós* seria usado com maior frequência nos telejornais, pois é encarado como mais formal pela população em geral, uma vez que assim é retratado na gramáticas e livros didáticos e o ambiente jornalístico é também visto pela população em geral como formal.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo abordaremos a linguagem e o preconceito ligado à comunicação, contextualizada com a oralidade antiga-contemporânea, seu funcionamento, uso do pronome pessoal e variação linguística no Brasil. Pretende-se tratar da importância do jornalismo como área da Comunicação, abordar o jornalista no telejornalismo, na elaboração e apresentação como âncoras do noticiário brasileiro. Ao final desta abordagem, argumentaremos sobre assuntos ligados à linguagem jornalística e ao texto jornalístico, sobre normas de redação e apresentação no telejornalismo.

### 2.1 LINGUAGEM, LÍNGUA E PRECONCEITO

O homem sempre teve a necessidade de se comunicar, mesmo nos primórdios da humanidade. Assim, de forma orgânica, surgiram as línguas. O que mais tarde Saussure conceituou como tratar-se “de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (CLG, p. 21)

Assim, o signo linguístico, formado por um significante e um significado, traz uma carga de conhecimentos históricos que se acoplam ao seu significado, moldando, às vezes, de tal maneira o seu sentido que ele passa a ter um cunho preconceituoso, pejorativo. A língua é um produto da cultura, também é um instrumento de manifestação dela, que se adapta ao meio e se modifica conforme variem as necessidades e as condições de seus falantes. Lima (2003) indica que a linguagem usada em sociedades letradas ou não letradas é uma etiquetagem, um rótulo ou um padrão usado por determinada classe social, comunidade ou povo de um mundo inicialmente designado e compreendido. A partir disso, várias questões sobre como

devemos usar a língua ou que palavras e expressões melhor definem tal situação ou pessoa foram levantadas, trazendo à tona a questão do “politicamente correto”, que tem por objetivo tornar a língua, apesar da impossibilidade do fato, tornar a língua o mais neutra possível quando se fala em discriminação, evitando assim que ela possa ser ofensiva para alguns grupos sociais ou pessoas.

Sobre essa questão, em entrevista à jornalista Ileana Maia (2010), do site Brasil de Fato, o linguista Marcos Bagno aponta que o controle social linguístico ocorre no momento em que os governantes elegem uma língua ou uma determinada variedade linguística, tornando-a oficial. Evidentemente qualquer processo de seleção implica um processo de exclusão. Quando, em um país, existem várias línguas faladas, e uma delas se torna oficial, as demais línguas passam a ser objeto de repressão.

O autor discute ainda que há muito tempo se distingue a língua associada ao símbolo de poder dos dialetos. Inclusive a palavra dialeto carrega preconceito racial ou cultural, ou seja, o dialeto é associado a uma maneira errônea, ou ainda, ao mau modo de se falar uma língua, sendo inclusive uma forma de diferenciar a língua dos povos civilizados, brancos, das formas supostamente primitivas de falar dos povos selvagens. Essa forma de classificação é tão poderosa que se radicou no inconsciente da maioria das pessoas, inclusive nas que declaram fazer um trabalho politicamente correto. (MAIA, 2010)

De fato, a diferença entre língua e dialeto é política e vai além dos critérios estabelecidos pelos linguistas para delimitar essa separação. A escolha de um dialeto, em detrimento de outros, para ocupar o cargo de língua oficial, acaba por menosprezar todas as outras variedades de língua de um mesmo território. A referência do que vem de cima, do poder, das classes dominantes, cria aos falantes das variedades de língua sem prestígio social e cultural um complexo de inferioridade linguística.

Bagno discute ainda que a língua é um objeto criado, normatizado, institucionalizado para garantir a unidade política de um Estado. Ao longo de muitos séculos, para se alcançar a unidade nacional, várias línguas foram caladas, pessoas foram e são massacradas, povos inteiros foram calados e exterminados. Como exemplo desse fato, Bagno cita o seguinte:

No continente americano, temos uma história tristíssima de colonização construída sobre milhares de cadáveres de indígenas que já estavam aqui quando os europeus invadiram suas terras ancestrais

e dos africanos escravizados que foram trazidos para cá contra sua vontade. (BAGNO apud MAIA, 2010)

O que chamamos de “língua espanhola”, “língua portuguesa”, ou “língua inglesa” tem um histórico, não é algo que nasceu naturalmente. Podemos amar e cultivar essas línguas, mas sem esquecer o preço altíssimo que muita gente pagou para que elas se implantassem como idiomas nacionais e línguas pátrias. (BAGNO apud MAIA, 2010)

Para Junkes (2008), a gramática tradicional e seu respectivo ensino nas escolas é responsável por eleger formas com mais prestígio em detrimento de outras, que acabam sendo menosprezadas e tratadas como erro. Bagno (1999), reforça essa ideia, apontando que termos muito antigos, de séculos passados, são repassados ano após ano nas escolas, praticamente intactos, de uma geração de alunos para outra. Segundo o autor, o ensino tradicional opera, assim, na imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas, que permitiram o surgimento e a permanência da Gramática Tradicional (GT).

Os livros didáticos, ao imporem a Gramática Tradicional, funcionam como uma ideologia linguística, com resposta única e correta para todas as dúvidas. Por isso, o que não está nos livros é "erro" ou simplesmente "não é português". (BAGNO, 1999, p. 48).

Com isso os livros didáticos levam os educadores de língua portuguesa ao ensino das formas mais tradicionais da língua. Diante da correção do texto de um aluno, o primeiro ponto a ser analisado e corrigidos são os erros ortográficos. Bagno (1999, p. 121) defende que: “Em vez de reproduzir uma doutrina gramatical falha e ultrapassada, (...) o professor deverá refletir (...) com bases nos pressupostos mais criteriosos da ciência lingüística moderna”.

Nesse sentido, Bechara (1985) afirma que os livros didáticos não são desenvolvidos para que professores e alunos trabalhem com a finalidade de fazer as distinções necessárias entre gramática geral, gramática descritiva e gramática normativa, com isso, o professor se volta para a gramática normativa como objeto central de sua preocupação, deixando de lado toda uma série de atividades que possibilitariam levar aos alunos à educação linguística necessária ao uso afetivo do seu potencial idiomático,

E agora está cada vez mais difícil estudarmos a língua, porque na escola, de modo geral, só se estuda sobre a língua e não a língua. Sabemos muito das teorias gramaticais, mas sabemos pouco do funcionamento da nossa língua". (BECHARA, 1985, p. 35)

Fato esse faz com que muitos educadores e alunos confundam a escrita como sendo a própria língua; ou ainda, a fala e a escrita serem a mesma coisa, ou a escrita se sobressair e ser mais importante que a fala. A língua na escola não é analisada diante de toda sua complexidade e formação social. Somente uma das formas de expressá-la, exterioriza-la, é trabalhada, ou seja, a ortografia e a gramática tradicional.

Possenti (1996) ressalta ainda que não é possível ao professor ao tratar de língua materna, deixar de abordar que uma língua é naturalmente variável, quando se fala em tempo, espaço geográfico e às várias condições sócio-culturais. Ao aceitar que a língua é naturalmente variável, o professor enxerga que a gramática dos manuais impõe uma língua artificial, que quase não tem relação com o modo como as pessoas cultas usam a língua. Ao contrário, o professor que recusa essa concepção, quase sempre encara as formas não padrão como erros e classifica os alunos como desconhecedores da língua portuguesa.

Conforme aponta Castilho (2002), as contribuições das pesquisas científicas são necessárias para mostrar que existem manifestações linguísticas produzidas em diferentes regiões do país; pois esse posicionamento por parte dos linguistas brasileiros sobre a realidade pode gerar a flexibilização da norma e assim atender às necessidades do uso linguístico. Diante disso, a escola poderá dedicar-se ao ensino das atividades que realmente importam ao alunado: o domínio da leitura e da produção textual e o uso linguístico.

Bechara (1985), Possenti (1996), Castilho (2002) e Bagno (2010) apontam que as gramáticas tradicionais não tratam do uso da língua, sendo esse fato refletido nos livros didáticos trabalhados na maioria das escolas do país, inclusive nas universidades que formam docentes. Com isso, muitas formas consagradas e usadas pela população, porém não tratadas nos compêndios gramaticais tradicionais, acabam sendo encarados como erro por professores e conseqüentemente pela população em geral, quando na verdade a variação é inerente à qualquer língua.

### 2.1.1 O USO DO PRONOME PESSOAL NO BRASIL

No Brasil, a classe de pronomes é heterogênea e nela os gramáticos reúnem considerável número de palavras que exercem funções diferentes entre si. Na prática, trabalham com subclasses distintas de pronomes, tais como os pronomes pessoais, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos, pronomes relativos e finalmente, os pronomes indefinidos (ILARI e BASSO, 1973).

A subclasse de pronomes pessoais é representada pela gramática brasileira por três pessoas do singular (eu, tu, ele/ela, o/a, lhe) e por três pessoas do plural (*nós*, *vós*, *eles/elas*, *os/as*, *lhes*). Porém diversos estudos demonstram que estamos diante de uma mudança no quadro pronominal que muitas vezes não é levada em consideração no ensino da língua. O pronome *vós*, por exemplo, sobrevive na forma escrita, somente em situações muito formais, utilizado para reedições litúrgicas, por exemplo, ou nas gramáticas tradicionais que o descrevem. Exemplificando essa mudança, Mouillaud e Porto (2002) demonstram que o pronome *tu* tem presença regional e alterna em alguns momentos e regiões com o pronome *você*. O uso de *tu* e *você* é uma modalidade de variação regional do português brasileiro. Essa variação é demonstrada também por Menon (1995) no estudo *O sistema pronominal do português brasileiro*, que aponta mudanças no sistema pronominal do Brasil que, muitas vezes, não são levadas em consideração por gramáticos e educadores, levando essa exclusão do uso a equívocos no ensino da língua.

Menon (1995) apresenta dois quadros em que se pode perceber as mudanças ocorridas no sistema pronominal do português do Brasil. O quadro 1 mostra os pronomes presentes nas gramáticas tradicionais. Já o quadro 2 registra o sistema pronominal em uso, porém a autora ressalta que não contemplou a possibilidade de *a gente* representar a primeira pessoa do plural, bem como do singular, porém reconhece seu uso:

PESSOA	PSUJ	POBJ DIR	POBJ IND	POBJ PREP.	PPOS.
1ª Sing.	eu	me	me	mim	meu, minha
2ª Sing.	tu	te	te	ti	teu, tua
3ª Sing.	ele, ela	o, a	lhe	si, ele, ela	seu, sua
1ª Plur.	nós	nos	nos	nós	nosso, nossa
2ª Plur.	vós	vos	vos	vós	vosso, vossa
3ª Plur.	eles, elas	os, as	lhes	si, eles, elas	seu, sua

QUADRO 1 – PRONOMES PRESENTES NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

FONTE: MENON (1995)

Legenda: PSUJ – Pronome pessoal sujeito. POBJ: Pronome pessoal objeto (DIR: direto; IND: indireto; PRE: preposição). PPOS – Pronome possessivo.



PES	PSUJ	POBJ DIR	POBJ IND.	POBJ. PREP	PPOS.
1ª. S.	eu	me	me	mim	meu, minha
2ª. S.	tu, você	te, lhe, se	te, lhe, se	você, ti	teu, tua, seu, sua
3ª. S.	ele, ela	ele, ela	ele, ela, lhe	ele, ela, si	seu, sua, dele, dela
1ª.P.	nós	nos	nos	nós	nosso, nossa
2ª. P.	vocês	vocês, lhes, se	vocês, lhes, se	vocês	seus, suas, de vocês
3ª P.	eles, elas	eles, elas	eles, elas, lhes	eles, elas, si	seus, suas, deles, delas

QUADRO 2 – SISTEMA PRONOMINAL EM USO

FONTE: MENON (1995)

Legenda: PSUJ – Pronome pessoal sujeito. POBJ: Pronome pessoal objeto (DIR: direto; IND: indireto; PRE: preposição). PPOS – Pronome possessivo.

Nesse mesmo sentido, Ilari e Basso (1973) afirmam que na maior parte do território brasileiro o sistema de pronomes pessoais inclui os pronomes-sujeito *eu*, *você*s, *eles/elas*. E complementam que o pronome *nós* alterna com o pronome *a gente*. Em registros menos formais, encontra-se o pronome *te* usado em referência ao pronome *você*. Também pode ser encontrado *lhe* usado como objeto direto no lugar de “o/a”. Esses usos acabam aparecendo na fala culta e na escrita, encarados como anomalia para ser corrigida. A variedade culta e não culta do português brasileiro compartilha a tendência de evitar o uso de pronomes átonos e particularmente em posição de objeto.

Nesse contexto, Mouillaud e Porto (2002) relatam que no século XIX tornou-se regular omitir o pronome objeto no português sempre que o referente estivesse inferido, por exemplo: comprei um sanduiche e comi ali mesmo, em vez de dizer: comprei um sanduiche e comi-o ali mesmo. As variedades que fazem uso raro dos pronomes átonos costumam usar formas tônicas nessa posição: “comprei um sanduiche e comi ele ali mesmo”.

Ilari e Basso (1973) apontam que o pronome pessoal é usado para indeterminar um sujeito semelhante: “Você põe dinheiro no banco e o banco cobra até a folha de cheque”. “Você cai na farmácia e os remédios só sobem”. No entanto, o pronome *você* pode ser substituído por outros pronomes indeterminadores tal como “o sujeito”, “o neguinho” ou “o cara”.

No âmbito desta pesquisa, que trata da variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, partiu-se do princípio como hipótese de que o pronome *a gente* seria aquele com menor prestígio social, enquanto *nós* seria usado na norma padrão. Um dos fatores que contribuem para esse estigma é o fato da variante menos aparentemente menos valorizada estar excluída de muitas gramáticas. Alguns autores de manuais

escolares e livros didáticos até usam a expressão “novos pronomes”, segundo Menon (1996), inclusive os apontam em forma de exercícios ou nos textos, porém não discutem o novo paradigma pronominal. Isto pode ser demonstrado no momento em que os gramáticos apresentam o pronome “você”, definindo-o em alguns momentos como forma de tratamento e em outros como pronome de tratamento; e o mesmo ocorre com o pronome *o(a) senhor(a)*. Com relação ao pronome *a gente*, a descrição é mais distante ainda da sua real função, muitos continuam enfocando esse pronome como se fosse o substantivo *gente*, antecedido de artigo para forma a locução *a gente*.

Mais recentemente, essa percepção vem mudando, principalmente por conta de estudos variacionistas baseados na teoria sociolinguística, ao demonstrarem que entre os pronomes sujeitos de 1ª. pessoa, também está incluso o pronome *a gente*, que tanto é usado para a 1ª. pessoa do singular quanto do plural, na língua oral e escrita.

Dessa forma, temos por objetivo contribuir com as pesquisas que demonstram a presença do pronome *a gente* como parte do sistema pronominal do português do Brasil, presente inclusive em meios formais como nos telejornais, indo ao encontro de outras pesquisas, que apontaram o uso dessa variante pela população brasileira, demonstrando que o sistema pronominal do português do Brasil está em processo de mudança.

### 2.1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NÓS E A GENTE

Podemos observar que os falantes de uma determinada língua, ao quererem expressar uma mesma coisa, podem fazer escolhas entre diferentes vocábulos, sons ou estruturas. Também se pode ver que com o decorrer do tempo algumas formas desaparecem em detrimento de outras, ou ainda, permanecem disputando o mesmo lugar na língua e são usadas conforme a escolha do falante ou grupo conforme a idade, sexo, região geográfica, situações formais e informais, etc. Tarallo (1999) define as variantes linguísticas como as diversas maneiras de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com um mesmo valor de verdade.

A Teoria Sociolinguística, também conhecida como Teoria Sociolinguística Quantitativa, ou ainda, Sociolinguística Variacionista, busca demonstrar que as variações entre sons, termos e estruturas na língua não acontecem somente por

vontade do falante, mas seguem um sistema regido por regras variáveis, determinadas pelo ambiente linguístico e pelo contexto social.

O precursor dessa análise é o linguista americano William Labov, que estabelece a relação entre social-linguístico, aspecto primordial em suas pesquisas. A teoria desenvolvida por Labov pressupõe que a variação linguística existente na língua decorrente de seu uso é passível de sistematização, e essa variação ocorre dentro de uma determinada comunidade de fala,

[...] a variação é inerente às línguas e ela [...] não é aleatória, mas sistemática e predizível, tanto estrutural quanto socialmente. [...] há de se considerar na análise linguística a inter-relação de fatores internos e externos ao sistema. Um dos aspectos mais interessantes dessa perspectiva é a possibilidade de se observar a dinamicidade da mudança em progresso quando se estudam fenômenos variáveis num determinado momento e nas diferentes faixas etárias, o que se convencionou chamar de estudo da mudança em tempo aparente. (LOPES, 1999, p. 26).

Alguns trabalhos de Labov são mais representativos, tal como a “A Análise da Variação entre Ditongos (ay) e (aw) na Ilha de Martha’s Vineyard”; e o desenvolvimento de uma pesquisa que trata da “Estratificação Social do “r” em Lojas de Departamento Nova-iorquinas”; e finalmente, uma “Reflexão Sobre o Falar dos Jovens Negros do Harlem”. Os resultados desses estudos demonstraram que os as variantes linguísticas seguem um sistema gramatical em que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam seu desenvolvimento, demonstrando que o uso da língua fora da norma padrão também apresenta regras implícitas

Alkmin (2006) afirma que existem variantes que recebem maior prestígio sociolinguístico comparativamente a outras convencionadas como padrão. As variantes linguísticas refletem uma hierarquia estrutural de grupos sociais e também na variedade padrão. Historicamente, coincidem com a variedade falada pelas classes sociais de níveis elevados, por grupos socialmente dominantes ou determinadas regiões geográficas.

Calvet (2002, p. 68), aponta que, apesar da variação linguística ser inerente à língua, existe uma ideia corrente que há somente um modo correto para se falar, ou seja, o fato segundo o qual há modos diversos para falar bem uma língua é condenável por muitas pessoas, inclusive por alguns gramáticos e professores de língua portuguesa. Para combater essa visão distorcida e mostrar que toda variação linguística, mesmo a “condenada” socialmente é passível de sistematização é que

muitos pesquisadores se propuseram a estudar a realidade linguística pelo viés sociolinguístico.

No entendimento de Tarallo (1999) se tem uma variante linguística quando duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, isto é, quando dois significantes têm o mesmo significado. Nesse sentido, Castilho (1978) afirma que entre as variedades do português do Brasil, aquela que tem maior prestígio e é tomada como norma, como padrão, é o português usado pela população mais escolarizada, conhecido como o português culto ou norma culta. É essa variedade que é ensinada na escola, que é usada nos documentos oficiais e em livros, jornais, revistas, televisão e rádio, nos momentos mais formais.

Levando-se em conta a extensa área do país e a presença de muitos centros urbanos, percebe-se que a norma culta apresenta distinções dependendo de cada região. Não existe, dessa forma, uma só norma culta para todo o país. No mais, levando-se em consideração que a variação estilística é uma realidade na língua, o desempenho dos falantes em situações com diferentes graus de formalidade nos permite também observar diferenças na norma culta. Observando ainda que os usuários da língua não falam como escrevem, a norma culta se estende em uma modalidade escrita e uma modalidade oral.

No Brasil, diversos estudos se desenvolveram na área da mudança e da variação linguística. Relacionados especificamente com a questão da variação entre o pronome *nós* e *a gente*. O precursor deles é o estudo de Omena (1978), publicado em 1996, que usou como *corpus* para análise uma amostra composta por 48 informantes, divididos por sexo, faixa etária e nível de instrução retirada do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, em 1978.

Essa analisou variantes com pronomes que estão em função de sujeito, pois é nessa função sintática que formas são mais comuns. O objetivo foi esclarecer o porquê de o falante usar uma das formas e não a outra em contextos iguais. Indicando a possibilidade das formas *nós* e *a gente* serem avaliadas como ambíguas, uma vez que fazem referência à primeira pessoa do plural e a primeira pessoa do singular em determinados contextos.

Ainda concluiu que a substituição do pronome *nós* pela forma alternativa *a gente* representa um processo de mudança linguística no português do Brasil. Um dos fatores testados que reforçam essa afirmação é a faixa etária por demonstrar maior frequência no uso da forma inovadora por indivíduos mais jovens. Fato que

indubitavelmente, segundo concepções da teoria Sociolinguística, mostra que há indícios de um possível processo de mudança linguística em pleno curso de desenvolvimento.

Outro trabalho que analisou a alternância na fala de informantes cariocas foi o estudo de Fernandes e Gorski (1968), onde as autoras analisaram a fala de 64 indivíduos com pouca escolaridade e de classe econômica baixa. O estudo apontou que o caminho de mudança demonstrado pelo uso variado das formas *nós* e *a gente*, como pronome sujeito, está influenciando no sentido entre as formas verbais do presente e do pretérito perfeito, no momento que essas formas se opõem por meio da desinência verbal. Isso é perceptível na marcação do presente do indicativo com a forma Ø (desinência zero) - (*a gente* anda) e no pretérito imperfeito, pela desinência -*mos* (*nós* andamos, ou o modo alternativo, *a gente* anda). O estudo apontou uma mudança em progresso, já que todas as faixas etárias observadas apresentaram a variação *nós* e *a gente*.

No estudo intitulado “A alternância *nós/a gente* no interior de Santa Catarina”, desenvolvido por Tamanine (2002) se analisou um *corpus* que constituiu-se a partir do banco de dados do projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul, projeto desenvolvido para descrever a norma urbana oral da Região Sul do Brasil, e focou em dados orais das cidades do interior de Santa Catarina, de Chapecó, Blumenau e Lages.

Tamanine (2002) delimitou o objeto de estudo ao uso dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* ao verificar pesquisas linguísticas já realizadas sobre essa variação em outros dialetos ou variedades no PB, como OMENA, 1996; MENON, 1995, 2001; ALBÁN e FREITAS, 1991, 1991a, 1991b entre outros. Esses estudos comprovaram o uso da expressão sujeito *a gente* como forma pronominal sujeito de primeira pessoa, concorrendo com *nós*. Também influenciou a pesquisadora o fato de já ter estudado o assunto com dados do VARSUL referentes à cidade de Londrina - PR (TAMANINE *et alii*, 1999), em trabalho da disciplina de Sociolinguística.

Contudo, diferentemente da maior parte das pesquisas que abordaram a alternância entre o uso de *nós* e de *a gente* buscando saber quais as probabilidades de co-ocorrência entre esses pronomes, Tamanine analisou além de ocorrências isoladas, o uso das duas formas pronominais quando em seqüência, de dois ou de três pronomes, em um mesmo turno de fala.

O quadro geral da amostra apontou para um número de dados superior de ocorrências isoladas em relação às ocorrências em sequência. No entanto, os resultados probabilísticos obtidos demonstraram resultados interessantes quando contrastados aos das ocorrências isoladas, como o uso de *a gente* ser mais frequente entre homens, enquanto nas isoladas a maior frequência ocorreu entre as mulheres. Ainda assim, entendeu que as diferenças apresentadas entre ocorrências isoladas e ocorrências em sequências não alteraram a constatação da progressão do uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa.

No intuito de melhor compreender a variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, Albán e Freitas (1991) desenvolveram um estudo intitulado “Eu, Você em Três Diálogos”, que contou com o *corpus* do projeto NURC/Salvador, onde analisaram a variação a partir de três inquéritos do tipo diálogo entre informantes.

A partir das definições de Benveniste (1976), sobre formas de expressão dos pronomes pessoais, como sujeito dentro do discurso (EU, NÃO-EU, EU AMPLIADO e NÃO-PESSOA) Albán e Freitas (1991) revelaram que a forma pronominal alternativa *nós* e *a gente* varia para a expressão do “EU AMPLIADO”, ou “EU” mais a “NÃO-PESSOA”, ou para a indeterminação do *a gente*.

No estudo intitulado “*Nós ou A gente?*”, desenvolvido por Albán e Freitas (1991) - com dados do NURC/Salvador - testou-se como condicionadores da variação pronominal *nós* e *a gente*, variáveis como: faixa etária, momento de elocução e atitude do locutor. Assim como as demais pesquisas anteriores, esta revelou que a faixa etária mais jovem (25-35 anos) apresenta um maior uso da forma alternativa *a gente*, apontando mudança em curso que já havia sido observada por Omena (1978).

Um estudo semelhante ao proposto nessa dissertação é o de Menon *et alii*. (2003), que analisou a variação *nós* e *a gente* em um *corpus* de histórias em quadrinhos da Revista Pato *Donald*. A semelhança está no fato de que as histórias em quadrinhos “na condição de texto impresso passam por um processo de revisão editorial” (MENON, 2003, p. 97) como ocorre nos telejornais. Os textos dos telejornais são previamente redigidos para que posteriormente sejam lidos e em alguns casos são disponibilizados na Internet na forma escrita. Outro ponto de convergência entre a presente pesquisa e a de Menon *et alii* (2003) é o fato de analisar veículos de comunicação de massa. Intitulado “Alternâncias *Nós* e *A gente* nos Quadrinhos: Análise em Tempo Real” o estudo teve como objetivo analisar a variação do pronome *nós* e *a gente*, em tempo real, levando em conta a data de publicação das revistas e

em tempo aparente, incluindo a faixa etária dos personagens, em revistas do Pato *Donald*, (que foram selecionadas por décadas 1950/1959/1969/1979/1989/1999).

Um total de 2.059 dados foram levantados e submetidos ao programa VARBRUL. A análise revelou que o fator mais relevante foi a data de publicação, depois a faixa etária, após a classe social. Os resultados obtidos no trabalho das revistas do Pato *Donald*, como os demais estudos, apontaram haver um processo de mudança em tempo real e em tempo aparente no emprego do pronome inovador *a gente*.

Um estudo intitulado “Itinerário do Uso e Variação de *Nós* e *A gente* em Textos Escritos e Orais de Alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis”, desenvolvido por Brusolin (2009) informa que embora o pronome *a gente* venha a ser empregado em situações diversas de comunicação e nas esferas sociais díspares, ainda que em muitas dessas vezes tenha sido aplicada a linguagem coloquial, as gramáticas não o validam ou o registram no quadro pronominal. No entanto, é importante salientar que essas formas pronominais de comunicação medeiam as relações sociais contemporâneas e concorrem entre si, perpassando o boca a boca e estão presentes nos contextos das instituições de ensino.

Campos (2008) no estudo “O uso do pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia televisiva – uma análise do português culto falado em Belém.” fez uma análise das ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia falada, na cidade de Belém, sob o enfoque teórico da Gramaticalização.

O corpus da pesquisa foi composto por 12 páginas de transcrição de entrevista do Programa Sem Censura Pará, com duração de 40 minutos. O Programa que ocorreu no dia 26.03.08, segue o modelo de entrevistas do Programa Sem Censura da Rede de Televisão Cultura, em que entrevistador e convidados, distribuídos numa mesa em forma de círculo, conversam sobre assuntos de informação geral e prestação de serviços à comunidade.

Os entrevistados do Programa foram um secretário de Estado, a coordenadora de um programa de assistência social, um professor e escritor local e um cantor. A transcrição limita-se às duas primeiras entrevistas, com cerca de vinte minutos cada.

No corpus analisado, as formas *nós* e *a gente* expressam valores diferentes quanto à noção de pessoa. Tendem a ocorrer ora com valor Exclusivo – exclui o ouvinte (*nós*), ora com valor Inclusivo – inclui o ouvinte (*a gente*), ora com valor neutro – podendo incluir ou excluir o ouvinte (*nós / a gente*). Campos se baseou na tipologia

apresentada por Shopen (1996) e Payne (1997) quanto ao traço inclusivo/exclusivo na distinção da primeira pessoa do plural, em algumas línguas.

O emprego do pronome nós exclui a não-pessoa, portanto temos o nós exclusivo, em 99% das ocorrências. Já o emprego do pronome a gente ora inclui, ora exclui a não-pessoa, ocorrendo duas possibilidades: a gente inclusivo e a gente exclusivo.

O uso desses pronomes no corpus analisado revelou um caso de especialização, ou seja, ocorrem como pronomes inclusivos ou exclusivos e diferenciam-se da classificação tradicional.

Todos os estudos apontados demonstram o maior uso do pronome *a gente*. Embora esse pronome seja usado pela maioria da população brasileira, inclusive nos meios de comunicação social, como demonstrou o estudo de Menon *et alii* (2003), é excluído de muitas gramáticas e livros didáticos. O presente estudo vem ao encontro aos trabalhos descritos acima com o intuito de reforçar que o pronome *a gente* faz parte do quadro pronominal em uso no português do Brasil.

## 2.2 TELEJORNALISMO NO BRASIL

No Brasil, o telejornalismo chegou com a implantação da indústria da televisão, em meados de setembro de 1950. No dia seguinte da inauguração da primeira emissora brasileira de televisão, a PRF-3TV, foi ao ar um programa de caráter jornalístico, denominado “Imagens do Dia”, que não tinha horário fixo. Seu início oscilava entre às 21h30 e 22h00, a depender da instabilidade da programação ou de problemas relacionados à sua operacionalidade e durava o tempo que fosse necessário para exibir imagens brutas, ao vivo, de acontecimentos do dia, como afirma Paternostro, 1999: p.35,

Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1999: p.35).

Para estruturar o novo sistema de comunicação, padrões externos ao meio foram adotados, uma vez que para os processos mais inéditos os paradigmas para a produção deveriam vir do âmbito externo.



[...] ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve que se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas. (MATTOS *apud* SQUIRRA, 1973, p. 104)

Para Maciel (1995), mesmo o rádio, que com o passar do tempo ganhou versões portáteis e apresenta a condição de veículo não exclusivo, por poder ser ouvido em qualquer lugar e momento, perdeu espaço para a televisão quando se fala em informação.

O rádio trabalha também com o imaginário do ouvinte, obriga o ouvinte a construir mentalmente o cenário descrito pelo repórter. Por mais que o repórter tenha talento para descrever os fatos nenhuma descrição vai conseguir superar a força da imagem com todos os detalhes vistos pelo repórter e pelo cinegrafista e, por vezes, com alguns detalhes que só serão percebidos pelo telespectador no momento em que ele recebe a informação visual. (MACIEL, 1995, p.19)

O primeiro telejornal da televisão brasileira, o *Imagens do Dia*, permaneceu no ar por pouco mais de dois anos. Como ainda se estava estudando como fazer telejornalismo no país e por questões de audiência, em 1952, foi substituído por pelo *Telenotícias Panair*, que também saiu rapidamente do ar com a chegada do *Repórter Esso*, que vinha de uma carreira de sucesso do Rádio, na época. Transmitida a sua primeira edição em 1º de abril de 1952, um dos mais famosos telejornais brasileiros levava o nome de seu patrocinador, a Esso.

Ele foi adaptado pela Tupi Rio de um radiojornal de grande sucesso transmitido pela United Press International (UPI), sob a responsabilidade de uma agência de publicidade, que entregava o programa pronto. A TV Tupi limitava-se a colocá-lo no ar. A agência usava mais material internacional, filmes importados da UPI (agência fornecedora de serviços de filmes), do que material nacional. Com uma expressiva sonoplastia, o apresentador anunciava: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”. Esta frase ficou consagrada na voz do gaúcho Heron Domingues. O *Repórter Esso* ficou no ar, diariamente sempre às oito horas da noite até 31 de dezembro de 1970, época em que os anunciantes passaram a comprar espaço entre os programas em vez de patrocinar o programa.

Assim, o Telejornal, além de espelhar-se no Rádio brasileiro, no Brasil, a indústria da televisão passou a demonstrar dependência do suporte publicitário para

sobreviver. Nesse contexto, “duas características são marcantes na programação inicial da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores” (SQUIRRA, 1993).

O *Repórter Esso* padronizou a forma de apresentação de notícias no jornalismo eletrônico brasileiro, bem como na forma de tratar fatos ligados à imagem do programa e seus apresentadores. Para isso possuía algumas regras que deveriam ser seguidas estritamente,

As frases nunca deviam ter mais de trinta palavras, e cada notícia devia durar, no máximo, 14 ou 15 segundos. Era obrigatório o uso da linguagem popular (corretamente) e dizer sempre a procedência da notícia. O *Repórter Esso* não noticiava suicídios, crimes horrendos e desastres que não fossem fatos de grande repercussão na comunidade. Somente pessoas muito importantes eram citadas nominalmente. Nas campanhas eleitorais sempre que o *Repórter Esso* falava de um candidato, falava também de outros. Ameaças de perturbação social também não entravam (SQUIRRA, 1993, p. 105).

Squirra (1993) relata que um manual de produção orientava os jornalistas no ato de elaborar o radiojornal e na sequência introduziram a organização inicial do processo de produção do programa. Outra regra orientava que cada edição deveria compor pelo menos 40% de notícias e informações locais, 40% nacionais e 20% internacionais.

O mesmo autor afirma que, na atualidade, os programas televisivos brasileiros são semelhantes aos norte-americanos. No entanto, Barbosa Lima (1985) afirma que, nos primeiros anos, cada estação de TV procurou criar suas próprias formas de apresentação e encontrou um estilo, sem copiar telejornais americanos. De acordo com esse jornalista todos os jornais apresentavam similaridade: “uma cortina de fundo, uma mesa e a cartela com o nome do patrocinador”. (BARBOSA LIMA, 1985, p. 9)

Embora tenha atingido sucesso como um veículo de comunicação novo, mas visual pobre na apresentação dos telejornais, a acanhada produção se revelou cansativa e desestimulante aos telespectadores da época. O *Jornal de Vanguarda*, no Rio, e o *Show de Notícias*, em São Paulo, romperam com o formato padronizado das telas até esse período, passando a ser apresentado por jornalistas e contava com atraentes inovações visuais.

Squirra (1993) afirma que havia dificuldade na qualidade visual das informações, na independência, diversificação de fontes e instabilidade produzida com

o Ato Institucional nº. 5, de 13 de dezembro de 1968, marcando o começo de um período extremamente rígido da ditadura militar (1964-1985), que restringiu o telejornalismo criativo e crítico em desenvolvimento no período.

O autor aponta ainda que a chegada da Rede Globo reorganizou o processo de produção dos telejornais atrelados a agências de publicidade e princípios de mercadologia, não aceitando patrocínio de um programa por um único anunciante, como era o caso do *Repórter Esso*.

No entendimento de Lins da Silva (*apud* SQUIRRA, 1993, p.95), o *Jornal Nacional* da Rede Globo configurava um serviço de notícias que integrava um “Brasil Novo”, em que a imagem e o som estavam presentes em maior número de equipamentos em todo o país. O desenvolvimento tecnológico na área de telecomunicações viabilizou a liberdade de informar, mas o endurecimento do regime militar caminhou para unir o país por meio da televisão, aplicando o poder centralizador na divulgação e controle da notícia, um exercício contínuo de verticalização da informação.

Os parâmetros iniciais do estilo jornalístico brasileiro foram introduzidos com o *Jornal Nacional*, similares no modelo norte-americano da época. O modelo adotado pelos profissionais da Rede Globo, para os programas nacionais televisivos, foi sedimentado partindo do conhecimento, avaliação e adoção de experiências diversas externas, uma vez que a Rede de televisão tinha claramente o modelo internacional e o modelo norte-americano como principal orientador, sendo o padrão *networks* (modelo de concepção americana, com produção centralizada e distribuição dos programas para todo o país) implantado pela Rede Globo (SQUIRRA, 1993).

O telejornalismo brasileiro, desde seu início, disputou a audiência do público com a do rádio, seu crescimento e disseminação nas diversas emissoras foi aumentando ao longo dos anos. A força da imagem, da informação visual, dá ao telejornalismo uma credibilidade muito grande frente ao público. Nesse sentido, o telejornal é visto como um espelho da realidade. Isso pode ser comprovado quando alguém lê alguma notícia no jornal escrito, ou ouve pelo rádio e logo após liga a televisão para confirmar os fatos.

Hoje não há uma emissora que não apresente em algum momento o seu noticiário. Pois, o jornalismo transmitido por meio da televisão não é apenas item de programação diária, mas integra o contrato de concessão do empresário da área de comunicação. É uma obrigação entre a empresa de comunicação e o público-alvo a

prestação de serviços à comunidade. Sendo assim, é responsabilidade dos concessionários, professores e estudantes da área identificar o perfil do telespectador e ajudar a decidir sobre os conteúdos a serem colocados nos telejornais. O que não se observa na maioria dos canais abertos no Brasil, em que os editores-chefes do jornal decidem o que vão veicular. (BRASIL, 2007).

O Observatório Imprensa (OI), organização pertencente à sociedade civil, não corporativa e não partidária, junto com outras organizações da sociedade civil acompanhou o desempenho da mídia brasileira por dez anos. Na direção de Alberto Dines, jornalista brasileiro, verificou que a imprensa nacional segue o conceito *media watch* (observação da mídia). Um conceito desenvolvido nos Estados Unidos (1980), que busca sensibilizar a comunidade e os profissionais da área de comunicação sobre a função jornalística na sociedade moderna (BRASIL, 2007).

Atualmente, o OI funciona como

[...] fórum permanente, onde os veículos da mídia, leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, organizados em associações desvinculadas, poderão manifestar-se e participar ativamente, num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos (BRASIL, 2007, p. 37-38).

A importância em se pensar em uma televisão como um serviço social é pensar no seu papel social e abrangência, uma vez que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, 59,4 milhões de lares tinham televisão – 96,9% do total de lares do país, como mostra o Quadro 3:

PRESENÇA DE BENS NO TOTAL DE DOMICÍLIOS		
Bem	2009	2011
<b>Fogão</b>	<b>98,4%</b>	<b>98,6%</b>
Filtro de água	51,3%	53,2%
<b>Geladeira</b>	<b>93,3%</b>	<b>95,8%</b>
Freezer	15,3%	16,4%
Máquina de lavar roupas	44,3%	51%
Rádio	87,8%	83,4%
<b>Televisão</b>	<b>95,6%</b>	<b>96,9%</b>
DVD	71,9%	75,5%
Carro	37,4%	40,9%
Motocicleta	16,2%	19,1%

QUADRO 3 – PRESENÇA DE BENS NO TOTAL DE DOMICÍLIOS NO BRASIL entre 2009 e 2011

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>.

Diante do Quadro 3, percebemos a relevância da televisão no cotidiano dos brasileiros, uma vez que em 2011 está atrás somente do fogão, que apresenta 98,6% dos domicílios; e à frente da geladeira, presente em 95,8% dos lares.

O percentual para rádio, diante da televisão é menor – presente em 83,4%. Entretanto, Antonik, diretor-geral da Associação de emissoras de radiodifusão do Paraná (Aerp), em texto publicano por sua assessoria de imprensa no site da Aerp, aponta que esse número deve ser analisado com cautela.

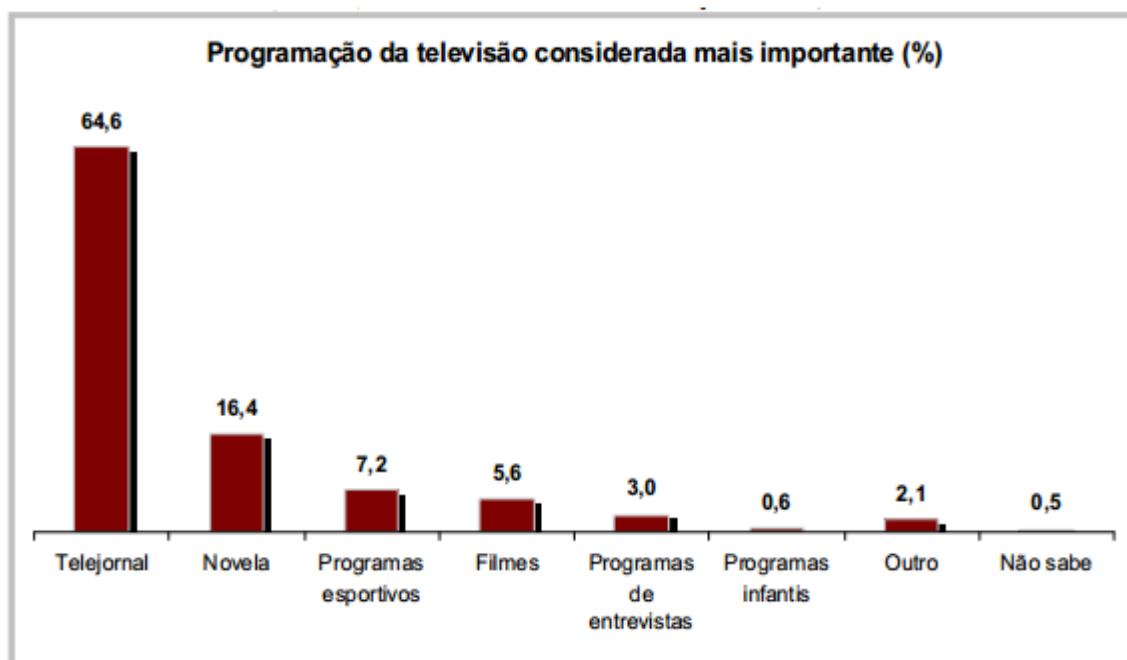
Antonik afirma que com a modernização e a convergência tecnológica, os receptores tradicionais de rádio cedem espaço a novos aparelhos, como celulares, computadores, smartphones e tocadores de MP3 (a exemplo dos Ipods).

Ao final de 2010, 36% dos 202,9 milhões de aparelhos celulares estavam equipados com aparelhos de rádio, uma soma aproximada de 75 milhões de receptores. O número foi maior em 2011, porque, desde 2002, a quantidade de domicílios com celular cresce mais de 15% ao ano.

O diretor aponta que esses dados não constam das estatísticas do IBGE, pois a pergunta do Instituto não é se o brasileiro ouve rádio, mas se ele tem um aparelho de rádio no domicílio. A área econômica da Abert considera que os diversos receptores de rádio no Brasil deram um salto nos últimos anos, chegando a casa dos 300 milhões.

Grande número de receptores de rádio também estão nos veículos. Se considerarmos que 80% dos 29,9 milhões de carros possuem aparelho de rádio, são mais 23,92 receptores agregados à vida dos brasileiros.

Um dado importante para nossa pesquisa é o fato de que, diante da disseminação da televisão no país, os telejornais são considerados pela população, em maior proporção, como a programação televisiva mais relevante (64,6%), segundo pesquisa realizada pelo instituto *Meta Pesquisa e Opinião*, a pedido da Fenapro (Federação Nacional das Agências de Propaganda). A segunda programação considerada mais importante foi a novela (16,4%). Como mostra o gráfico 1, retirado do relatório de pesquisa quantitativa *Hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira* (2010).



Base de estimativas percentuais: 11.592 respondentes (Correspondente a 96,6% do total da amostra: entrevistados que costumam assistir televisão)

GRÁFICO 1 – PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO CONSIDERADA MAIS IMPORTANTE POR TELESPECTADORES BRASILEIROS

Fonte: <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>. Acessado em 26/04/2014

A mesma pesquisa apontou ainda que o canal de televisão preferido pela maior parte dos entrevistados que assistem televisão é a rede Globo (69,8%). A rede Record apresentou o segundo percentual de preferência (13,0%). O SBT é preferido por 4,7% e a Bandeirantes por 2,9%. Como mostra o Gráfico 2:

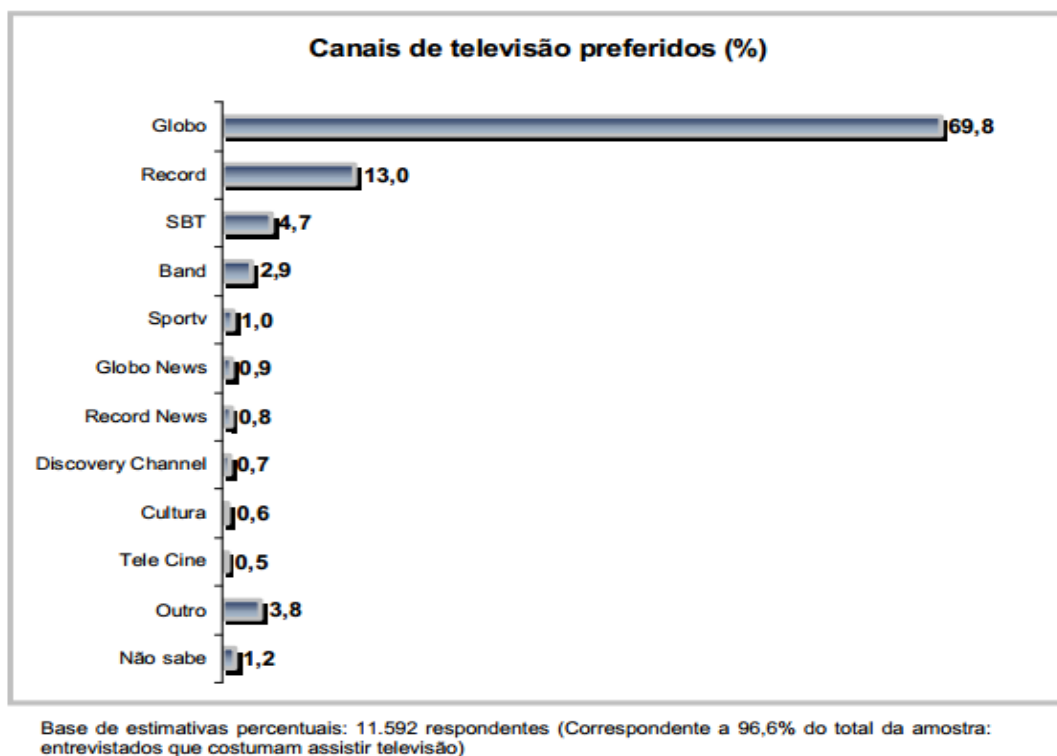


GRÁFICO 2 – CANAIS DE TELEVISÃO PREFERIDOS PELOS BRASILEIROS

Fonte: <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>. Acessado em 26/04/2014

Diante disso o telejornal mais assistido é o jornal Nacional da Rede Globo (56,4%), seguido pelo Jornal da Record (7,4%), como mostra o quadro 4:

Telejornal	%
Jornal Nacional	56,4
Jornal da Record	7,4
Jornal Hoje	2,8
Jornal da Globo	2,7
Jornal da Band	1,9
Balanço Geral	1,4
Jornal do SBT	1,4
Record News	1,2
Bom Dia Brasil	0,7
Brasil Urgente	0,5
Outros	3,2
Jornais locais	13,8
Sem preferências	5,8
Não assiste telejornal	0,8

QUADRO 4 – PERCENTUAL DE AUDIÊNCIA DOS TELEJORNAIS BRASILEIROS

Fonte: <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>. Acessado em 26/04/2014.

A confiança na emissora foi apontada como o principal motivo para assistir ao Jornal Nacional por 27,8% dos entrevistados. No caso do Jornal da Record, a preferência foi motivada, principalmente, pela identificação com as notícias veiculadas (26,6%) e pela confiança na emissora (26,5%), fatores demonstrados no quadro 5:

<b>Motivos pelo qual assiste o Telejornal</b>	<b>%</b>
<b>Jornal Nacional</b>	
A emissora é confiável	27,8
Identifica-se com as notícias veiculadas	23,3
Linguagem simples, fácil de entender	18,7
Os apresentadores são confiáveis	12,8
Forma de comunicação dos apresentadores	10,8
Não tem outras opções	4,1
Não sabe	2,5
<b>Jornal da Record</b>	
Identifica-se com as notícias veiculadas	26,6
A emissora é confiável	26,5
Linguagem simples, fácil de entender	23,3
Forma de comunicação dos apresentadores	9,8
Os apresentadores são confiáveis	9,0
Não tem outras opções	2,5
Não sabe	2,3

QUADRO 5 – MOTIVOS PELO QUAL OS BRASILEIROS ASSISTEM AOS TELEJORNAIS

Fonte: <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>. Acessado em 26/04/2014

Olhando para os dados da pesquisa realizada pela Fenapro, percebemos a importância e presença do telejornal na vida dos brasileiros, sendo o programa considerado mais importante pelos entrevistados. Outro fator interessante é a quase hegemonia da Rede Globo de Comunicação no país. Esse foi um dos fatores determinantes para a escolha dos telejornais dessa emissora para o presente estudo, uma vez que apresenta números representativos de audiência e é modelo para a maioria dos telejornais de outros canais. Outro fator determinante é que a Rede Globo apresenta uma regularidade de horários e apresentadores de seus telejornais e ainda um grande resgate histórico de seus programas, propiciando comparações históricas e de desenvolvimento dos programas no decorrer do tempo, suas influências entre outras coisas; informações pouco divulgadas por outras emissoras.



### 2.3 O APRESENTADOR COMO ÂNCORA NO BRASIL

O termo âncora (*anchorman*) nasceu em 1948, nos Estados Unidos, para identificar os profissionais que centralizavam todas as informações de uma cobertura jornalística. A primeira vez que se fez o uso desse termo foi na Convenção dos dois principais partidos políticos dos Estados Unidos, realizada na cidade de Filadélfia, em 1948, pelo então diretor de jornalismo da CBS, Sig Mickelson, que estava fazendo a cobertura do evento. O homem-âncora seria a pessoa melhor informada que centralizaria todas as informações da convenção. Todos os repórteres de rua ou nos hotéis deveriam transmitir para uma mesa central. Esta deveria apresentar na tela informações que seriam difundidas pelo âncora. (SILVA, 2009)

Silva (2009) define esse profissional como um jornalista que participa do processo de produção do telejornal, apresenta, comenta, interpreta e opina sobre a notícia que veicula. Esse seria o jornalista âncora do jornalismo.

No Brasil, o papel de âncora no telejornalismo começou a tomar forma com o apresentador Boris Casoy, que implementou o tipo de jornalismo baseado no modelo norte-americano. Em 1988, o apresentador faz comentários sobre as notícias anunciadas e realiza entrevistas ao vivo. Como jornalista do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Casoy apresentou o jornal TJ Brasil.

A resposta do público à novidade foi imediata e logo se refletiu no faturamento. Em pouco tempo, o TJ Brasil passou a ser o segundo produto do SBT a atrair mais publicidade. Boris Casoy causou certo desconforto nas outras emissoras que passaram também a adotar novos estilos de apresentação.

Nesse período, na TV Cultura de São Paulo, o Jornal da Cultura é reestruturado e passa a contar com o ex-repórter Carlos Nascimento para ancorar o programa. Nascimento - que então comandava uma equipe dividida em editorias de economia, política, internacional e geral - se destaca e se populariza com a cobertura da agonia do presidente Tancredo Neves. (REZENDE, 2000, p. 127)

Marília Gabriela, já conhecida do público pelo seu programa de entrevista *Cara a Cara*, assume tarefas típicas de âncora à frente do Jornal da Bandeirantes. Mas diferente de Boris, preferia adotar um estilo menos opinativo.

A Globo - que até então mantinha seu estilo frio inalterado, depois do episódio do debate entre Fernando Collor e Lula, nas eleições de 1989, quando o programa

exibiu uma edição adulterada que favorecia a Collor - passa a adotar um jornalismo de rua, fora do estúdio. O resultado dessa experiência fica evidente na cobertura da Guerra do Golfo, em 1991, quando a Globo, trazendo seus repórteres ao vivo, direto dos lugares de conflito, deixa claro que seu potencial jornalístico e tecnológico poderia ser equiparado ao das grandes redes mundiais de televisão. (REZENDE, 2000, p. 128-30).

O telejornalismo brasileiro passa então a considerar fundamental a presença de um jornalista que participe do processo de elaboração do jornal por acreditar que isso repercute em uma maior credibilidade para o noticiário.

É assim que em abril de 1996, os apresentadores símbolos do maior telejornal do país, Cid Moreira e Sergio Chapelin, se despedem do JN para dar lugar aos jornalistas William Bonner e Lílian Witte Fibe. Na verdade este foi um momento de mudança telejornalismo da Globo, que não se limitava à troca de apresentadores. Novos cenários e uma edição mais dinâmica também foram adotados. (REZENDE, 2000, p. 133)

A partir daí os apresentadores passaram a ser praticamente como jogadores de futebol. Assim como os clubes, as emissoras passaram a "brigar" pelos jornalistas.

O modelo importado aqui no Brasil é o americano, pelo qual o apresentador é transformado em estrela, mais importante que a notícia. Na Europa, por exemplo, tal figura não tem espaço. A opinião dele ofende o discernimento do telespectador europeu. A questão é mais cultural do que se pensa. E a ocasião é propícia para refletirmos sobre alguns pontos sempre recorrentes à imprensa: onde acaba o jornalismo e começa o entretenimento? O jornalista pode ser a estrela de seu noticiário, competindo em importância com a própria notícia? Esse modelo autoritário de ancoragem opinativa ainda agrada? (VEIGA JUNIOR, 2005, p 28.).

Os interesses mercadológicos das emissoras definem quem vai para onde e, depois de muitas mudanças, o panorama no ano de 2010 - quando foram realizadas as gravações para o presente estudo - estava da seguinte maneira: no Bom dia Brasil, da Rede Globo, Renato Machado e Renata Vasconcelos dividiam a apresentação com a participação dos comentáristas Miriam Leitão e Alexandre Garcia; Sandra Annenberg e Evaristo Costa comandavam juntos o *Jornal Hoje*; o casal Fátima Bernardes e William Bonner à frente do maior telejornal no país, o *Jornal Nacional*; e o *Jornal da Globo* era e continua sendo apresentado pelos jornalistas William Waack e Christiane Pelajo.

Para facilitar a compreensão do papel exercido pelo âncora no telejornalismo brasileiro e tornar possível, didaticamente, uma classificação desses profissionais a partir de seus perfis, Silva (2009) criou uma tipologia específica para enquadrar os apresentadores brasileiros. Verificamos, assim, que os âncoras podem ser classificados em três tipos distintos:

1. O primeiro tipo é o mais formal, amarrado ao script. Um âncora que praticamente se detém na leitura da notícia, sem muito envolvimento emocional e com pouco espaço para dar opiniões. Os poucos comentários proferidos são previamente definidos. Normalmente apresentam telejornais mais clássicos nos quais a bancada é o cenário e eles permanecem sentados durante todo o programa. Como exemplo podemos citar William Bonner, Fátima Bernardes e William Waack. Há, no entanto, algumas variações de estilo. Jornalistas que, quando a linha editorial do programa permite, gesticulam mais e interagem entre si, tornando a apresentação mais leve, neutralizando um pouco a formalidade, como é o caso da apresentadora Sandra Annenberg e de seu companheiro de bancada Evaristo Costa, ambos apresentadores do Jornal Hoje.

2. O segundo tipo engloba aqueles profissionais com maior liberdade de opinião dentro do telejornal que apresentam. O roteiro é apenas a base da apresentação e ele dialoga com o telespectador acrescentando nuances particulares ao que está sendo noticiado. Geralmente tem uma autonomia maior com relação ao que será exibido e acaba se tornando polêmico por um ou outro comentário mais ousado. O cenário continua sendo a bancada e ele está sempre sentado, mas a postura adotada por esse tipo de âncora já é um pouco mais solta que o tipo anterior; Nenhum dos apresentadores analisados se enquadram nesse perfil. Como exemplo podemos citar Boris Casoy.

3. A leveza e certo grau de informalidade são traços fortes do terceiro tipo de âncora. Um profissional que segue um roteiro pré-estabelecido, mas também pode opinar sobre os assuntos apresentados. Adotam uma linguagem mais informal e próxima do telespectador e, normalmente interagem diretamente com correspondentes ou comentaristas no estúdio como numa conversa natural. Neste caso, os apresentadores podem ser vistos em cenários diferentes das tradicionais bancadas, geralmente algo semelhante a uma sala de estar, com poltronas

confortáveis e centros de mesa. Caminham pelo ambiente e alternam a postura, ora em pé, ora sentados nessas poltronas ou na própria bancada. Quanto a essa mobilidade dentro de alguns cenários, como exemplo, podemos citar os apresentadores do Bom Dia Brasil: Renato Machado e Renata Vasconcelos, ao mesmo tempo que são estritamente formais.

De acordo com Bonner (2009, p. 231), o profissional do telejornalismo tem compromisso com a televisão, mas um jornalista de um programa, tal como o Jornal Nacional, tem compromisso com seu público, de informar, conscientizar.

Só que nós telejornalistas temos a pretensão de oferecer jornalismo na televisão. E nós, do Jornal Nacional, temos o compromisso de mostrar o que de mais importante aconteceu no dia, de forma clara, isenta e plural. Se ao fim de um dia tivermos despejado milhares de palavras e fragmentos de imagens em sua TV sem que você espectador se aproprie daquelas informações e as transforme em um instrumento para o exercício pleno da cidadania, nosso compromisso não terá sido cumprido. Nosso trabalho terá sua importância social nivelada à de uma fogueira de São João. (BONNER, p. 27, 2009)

Ao mesmo tempo em que faz essas declarações em seu livro, Bonner, apresentador do Jornal Nacional, usa diariamente uma linguagem estritamente formal, mantém um formato padronizado de apresentação, não existe espaço em seu programa para que emita alguma opinião ou explicação para as reportagens apresentadas. E pela limitação de tempo das matérias, em que apresentam no máximo 2 minutos, dificilmente os telespectadores vão se apropriar das informações e transformá-las em um instrumento de cidadania sem uma discussão posterior.

Ricardo Boechat - em entrevista ao programa Agora é Tarde, no dia 28 de setembro de 2011- ressalta o seguinte,

Os telejornais aqui no Brasil, com exceção um pouco do telejornal em que o Boris apresenta, o Jornal da Noite, e do modelo mesmo que o Boris imprimiu aos telejornais que apresenta, são telejornais mais lidos do que comentados pela bancada. Você tem uma ou outra intervenção. Não são dinâmicos, cada segundo é uma preciosidade. Então se você eventualmente improvisar um comentário ou se você se sentir um pouco mais tocado por um VT que acabou de sair do ar e quiser expressar um pouco a tua indignação, perplexidade, a tua alegria o que seja, tem um ponto, que é feito de acordo com o modelo da tua orelha, e o diretor reclama que o tempo do programa está estourado; isso funciona rigorosamente em todos os telejornais, o fator tempo é muito limitante para a possibilidade de você nesse modelo interferir e interagir com as matérias. Essas intervenções inclusive não fazem parte da natureza dos próprios telejornais. (BOECHAT. Entrevista ao programa agora é tarde. 28 de setembro de 2011. Disponível em [http://www.youtube.com/watch?v=DQ05\\_MXHlo](http://www.youtube.com/watch?v=DQ05_MXHlo))

Além do fator tempo apontado por Boechat, o que barra os apresentadores a emitir suas respectivas opiniões é a premissa da imparcialidade do telejornalismo imposta pelos editores dos telejornais. Porém, como afirma Genro Filho (1987), no momento em que os editores elegem as pautas e também o que vai para o ar, estão de alguma maneira, determinando o que é mais relevante para ser noticiado, sendo assim, a imparcialidade, de certa forma, fica ameaçada,

Certamente que há um "grão de verdade" na idéia de que a notícia não deve emitir juízos de valor explícitos, à medida que isso contraria a natureza da informação jornalística tal como se configurou modernamente. Mas é igualmente pacífico que esse juízo vai inevitavelmente embutido na própria forma de apreensão, hierarquização e seleção dos fatos, bem como na constituição da linguagem (seja ela escrita, oral ou visual) e no relacionamento espacial e temporal dos fenômenos através de sua difusão. (GENRO FILHO, 1987, p. 45)

Assim, mesmo não falando diretamente as respectivas opiniões, os apresentadores e o editor de cada programa, ao elencar o que consideram mais importante para ser noticiado e como isso será feito, acabam por implicitamente colocar sua opinião sobre os fatos.

Como coloca Veiga Junior (2005) a questão é cultural e depende muito do país, região ou emissora em que o telejornal é transmitido para que o jornalista tenha liberdade para expressar sua opinião ou não. Segundo o apresentador Ricardo Boechat, na já citada entrevista ao programa *Agora é Tarde*, no Brasil existem “mais apresentadores do que âncoras; o âncora interage mais, opina mais, interfere mais, muda o curso do telejornal durante a apresentação. Ele pode até determinar que seja repetido uma reportagem.” Já o apresentador segue estritamente um roteiro.

No presente trabalho, no capítulo referente aos resultados, serão utilizados, com o mesmo sentido, tanto os termos *âncora* como *apresentador* para definir o jornalista que apresenta o telejornal.

## 2.4 LINGUAGEM JORNALÍSTICA E TEXTO JORNALÍSTICO

Genro Filho (1987) em seu livro, *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*, ao tratar da linguagem jornalística, inicia sua discussão abordando a questão da *objetividade (imparcialidade)* da notícia, afirmando que a maioria dos autores que discutem essa temática reconhecem que a objetividade plena é impossível no jornalismo.

Os fatos jornalísticos são um recorte no fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo. Nessa medida, é inevitável que os fatos sejam, em si mesmos, uma escolha. Mas, para evitar o subjetivismo e o relativismo, é importante agregar que essa escolha está delimitada pela matéria objetiva, ou seja, por uma substância histórica e socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo. (GENRO FILHO, 1987, p. 185)

Por não englobarem todo o contexto dos fatos, as notícias são fruto da escolha editorial do telejornal ou do jornalista, que apresenta aquilo que julga ser mais relevante, apontando de forma implícita sua opinião. Mesmo que não comente os fatos, somente ao fazer um recorte dos mesmos e apresentá-los de determinada forma e não de outra, configura sua visão sobre o mundo, daí a prerrogativa que aponta que as notícias não são imparciais. Para o autor “não há dúvida que a chamada *objetividade jornalística* esconde uma ideologia, a ideologia burguesa, cuja função é reproduzir e confirmar as relações capitalistas” (GENRO FILHO, 1987, p. 185)

Dentro desse contexto de imparcialidade, desenvolveu-se uma técnica de se escrever os textos jornalísticos denominada como *pirâmide invertida*, em que as informações relativas aos fatos considerados mais relevantes seriam abordados no primeiro parágrafo, de forma condensada, e no decorrer do texto os detalhes menos importantes seriam abordados.

A primeira notícia redigida segundo a técnica da "pirâmide invertida" teria aparecido no The New York Times em abril de 1861. A partir da segunda metade no século XX, alguns dos mais importantes periódicos latino-americanos passaram a publicar notícias das agências norte-americanas, redigidas segundo esse modelo. Nesse período, essa técnica se espalhou gradativamente, tendo chegado no Brasil exatamente em 1950, pela iniciativa do jornalista Pompeu de Sousa. (GENRO FILHO, 1987, p. 186)

Antes dessa estrutura, a *narração cronológica* dominava a forma de se apresentar as notícias, ou seja, se respeitava a ordem em que se sucederam os fatos e era necessário ler todo o relato para inteirar-se do que havia ocorrido. Genro Filho (1987), citando Rangel (1981), afirma que

Para os novos leitores que a imprensa conquistou, resultava muito mais prático essa estrutura da "pirâmide invertida". Mais adiante, o autor complementa que o leitor, assim, informa-se brevemente e não pergunta pelas circunstâncias dos fatos. Essa nova estrutura da notícia não foi planejada para chamar o leitor à reflexão, mas apenas "para informá-lo superficialmente, para adormecê-lo, fazê-lo indiferente e evitar que pense". (GENRO FILHO, 1987, p. 187).

A explicação para esse modelo também é dada por uma delimitação de diagramação dos jornais impressos, uma vez que anunciantes compravam espaços nos jornais e os diagramadores eram obrigados a cortar os últimos parágrafos para dar espaço aos anúncios, e como no final do texto estavam as informações julgadas como menos relevantes pelo autor, não haveria problema em retirá-las.

O radiojornalismo e o telejornalismo mantiveram como referência o texto de jornal impresso. O âncora apresenta de forma resumida o assunto que a reportagem detalhará. Porém, segundo Bonner (2009) é importante frisar que os jornais impressos são escritos para que sejam lidos, os telejornais são elaborados para serem transmitidos e ouvidos. O leitor de um jornal interrompe sua leitura quando bem entender ou necessitar, retornando quando puder ou quiser, não ocorrendo o mesmo com o telejornal; dessa forma algumas questões textuais foram modificadas com o decorrer do tempo pelos redatores de televisão. Por exemplo, a redação de texto com verbos flexionados no presente do indicativo, comum nas manchetes de papel, acabou ocupando os textos introdutórios das reportagens e notas, lidos pelos apresentadores. No Jornal Nacional, segundo Bonner (2009), o Departamento Jornalístico procurou acabar com esse ritual de linguagem. Os textos passaram a flexionar verbos no tempo real, ou seja, passado, presente e futuro.

Segundo Bonner (2009), no Jornal Nacional, para atingir o que parece ser a linguagem mais adequada para um telejornal, compreensível a todo cidadão, procurou-se observar alguns procedimentos como “utilizar termos de compreensão mais imediata para a maioria das pessoas. Por que mencionar uma coalizão partidária, num texto se pudermos dizer que houve uma aliança de partidos?”. (BONNER, 2009, p. 253)

No entendimento de Bonner (2009), escrever para um telejornal é diferente de escrever para um jornal, é parecido com um mecanismo utilizado instintivamente, para contar uma coisa para alguém. Os melhores textos de telejornalismo são os que se apropriam desse mecanismo. O problema é que escrever como se fala não é nada instintivo. O profissional não é treinado para escrever instintivamente. Não é assim que aprende na escola ou na faculdade, ou ainda nas redações de jornal. Contudo, essa é a maneira mais indicada para aproximar um texto do universo do espectador. Escrever textos parecidos com o falar das pessoas de maneira sintética e clara é a forma ideal do texto de telejornalismo.

Apesar de Bonner (2009) ter essa visão de que o telejornal que apresenta faz uso de uma linguagem que é usada pela maioria da população, observamos nas declarações feitas pelo jornalista Ricardo Boechat - na já citada entrevista ao programa *Agora é tarde* - que no Brasil o modo como paulistas e cariocas falam, pelo fato de São Paulo e Rio de Janeiro serem os grandes centros econômicos do país, são as formas mais usadas por apresentadores de telejornais nacionais, não havendo espaço para outros sotaques. O jornalista comenta que a questão do sotaque nesse sentido é muito relativa, apontando que as pessoas que moram no nordeste do país, por exemplo, sempre assistiram a telejornais nacionais com sotaque paulista,

Na verdade você tá dizendo que ela é a primeira apresentadora que tem sotaque porque você é aqui de São Paulo, se você perguntar ao nordestino, todos os apresentadores aqui de São Paulo ou Rio de Janeiro tem sotaque. Agora a Ticiane é a primeira nordestina, com sotaque de sua terra, da sua região em que não se treinou para se enquadrar num padrão dominante. (Boechat, 2010)

Lage (1985) afirma que o registro formal é uma imposição política trabalhada nas escolas, onde o social-científico valoriza seu emprego e coloca outras variantes linguísticas como erro. Sua imposição se confunde com a ideia de nação ou cultura diferenciada, uma vez que unifica a língua do país. E é essa linguagem usada pelos telejornais.

Para Maciel (1995) o objetivo principal do jornalista, sobretudo na televisão, é se fazer entender. Para o autor, os profissionais da TV devem seguir uma premissa: adequar a linguagem ao público. Como explica,

Apesar de todo esse público, é importante lembrar que sempre que alguém fala ou escreve para a televisão precisa pensar, como recomenda o ex-diretor geral da Central Globo de Jornalismo, Armando Nogueira, que a mensagem, na verdade, é enviada para apenas uma – e para cada uma – das pessoas que estão assistindo. O olho da câmera, a lente que mostra ao telespectador o que ocorre do lado de cá do televisor, é o olho do telespectador a quem é dirigida a fala da televisão” (MACIEL, 1995, p.19)

Maciel afirma que a televisão é um veículo dispersivo no momento em que é quase impossível realizar análises mais profundas sobre qualquer assunto com a prerrogativa de se perder audiência. “O espetáculo televisão torna o veículo superficial, exige dele um ritmo constante para fixar a atenção do telespectador”. (MACIEL, 1995, p.21)



Diante dessas questões, percebemos que os telejornais brasileiros de rede nacional que foram escolhidos para a presente pesquisa, apesar de apresentarem uma postura imparcial, por não expressar opinião dos apresentadores, como veremos na descrição dos programas realizada no próximo capítulo, não o são, pois seguem um modelo que, mesmo sem comentar diretamente os fatos, acabam por transmitir recortes dos mesmos segundo a preferência de um grupo determinado de jornalistas que os julga como mais importantes para serem veiculados.

A linguagem usada, apesar de declarações realizadas pelo jornalista William Bonner (2009) - em que afirma usar uma fala próxima das pessoas ao conversar nas ruas do país - é formal e segue padrões da língua culta dos falares dos grandes centros econômicos, como São Paulo e Rio de Janeiro.

### 3 METODOLOGIA

Neste momento vamos especificar o corpus e os dados a serem incluídos na análise variacionista, assim como os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos a serem testados a fim de investigar o processo de alternância representado pelos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*.

A metodologia para a coleta e análise dos dados se deu de acordo com os pressupostos da *Sociolinguística Variacionista* (LABOV, 1972). A pesquisa foi baseada em dados obtidos por meio da transcrição da fala de apresentadores de quatro telejornais veiculados para todo Brasil pela emissora de televisão *Rede Globo*, sendo eles: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*. As gravações foram realizadas no ano de 2010, nas seguintes datas:

- a) Bom Dia Brasil: dias 3, 4, 5, 6 e 7 de maio de 2010.
- b) Jornal Hoje: dias 3, 5, 6, 7 e 10 de maio de 2010.
- c) Jornal Nacional: dias 3, 5, 6, 10 e 11 de maio de 2010.
- d) Jornal da Globo: dias 3, 4, 5, 6 e 7 de maio de 2010.

Utilizamos cinco edições de cada telejornal, totalizando vinte programas. De cada programa foram transcritas as falas dos apresentadores, somente no momento em que usavam os pronomes *nós* e *a gente*, totalizando 211 dados.

Depois da transcrição, os dados foram codificados para serem rodados pelo programa computacional para análise estatística de dados linguísticos, Goldvarb 2001. Essa ferramenta é um aplicativo para a análise multivariada, baseado numa versão prévia do Goldvarb 2.0, criado pela equipe de David Sankoff em 1990. Porém o Goldvarb 2.0 somente funcionava em computadores Macintosh, dessa maneira, o Goldvarb 2001, organizado por John Robinson, Helen Lawrence & Sali Tagliamonte, foi desenvolvido a partir da necessidade de pesquisadores em usar um programa similar para Windows. Com ele, temos as variantes distribuídas segundo o peso relativo de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas escolhidas.

Os pesos relativos são importantes, pois com eles é possível comparar dois fatores em um grupo de fatores, e não os seus valores individuais, ou seja, o mais importante é analisar a relação entre os pesos ao comparar entre si os valores associados e medir suas diferenças, e não somente verificar os valores propriamente ditos isoladamente. Assim, pesos relativos próximos à 1,00 são fortemente favoráveis a aplicação da regra em relação ao fenômeno em estudo; próximos a 0,50 são neutros; e pesos próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra.

Assim sendo, a quantidade de ocorrências e os percentuais de determinada variante retratam como ela está sendo usada no momento, enquanto o peso relativo retrata a probabilidade de a forma ocorrer na língua.

É importante salientar que o programa computacional seleciona os grupos de fatores mais significativos, portanto, de acordo com a estatística dos dados, a análise permitirá perceber quais são os grupos de fatores mais relevantes para a realização da variação linguística e que alguns fatores não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável. Então, nesta etapa, faz-se a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos a partir do número de ocorrências da realização e não-realização do fenômeno estudado.

Como variável dependente, controlamos as variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito para verificar a frequência e o peso relativo da forma *a gente*, como fizeram outros autores em trabalhos sobre essa variação (MENON, 1995, *et alli* 2003; OMENA & BRAGA, 1996; OMENA, 1996a, 1996b).

As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: as *linguísticas* e as *sociais*. Entre os grupos de fatores *linguísticos*, controlamos *presença ou ausência do pronome e concordância verbal*. Já os fatores *sociais* analisados foram: *Idade,*

*sexo/gênero, apresentadores e os telejornais.* Cada um desses itens foi detalhado abaixo a fim de colocar a relevância de cada um deles para o estudo.

### 3.1 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Os fatores extralinguísticos testados na amostra foram: telejornais, sexo/gênero, apresentadores e idade. A seguir discutiremos sobre cada um deles.

#### 3.1.1 TELEJORNAIS: PERFIL E HISTÓRICO DOS PROGRAMAS ANALISADOS – CARACTERIZAÇÃO SOCIAL

Para entendermos como a variação acontece ou não nos telejornais do Brasil, se está presente e por que ocorre, é imprescindível descrever como esses programas surgiram, as mudanças técnicas e culturais que ocorreram no tempo e porque foram motivadas. Também para entender como o cenário, figurino, iluminação, postura dos apresentadores e público a quem se dirige a notícia pode influenciar na forma como a linguagem oral é empregada.

A descrição foi baseada na análise dos quatro principais telejornais brasileiros, veiculados pela *Rede Globo: o Bom Dia Brasil, o Jornal Hoje, o Jornal Nacional e o Jornal da Globo*, sendo que para cada um deles foram gravados cinco programas. Os sites [www.globo.com](http://www.globo.com) e [www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com) foram fundamentais e serviram de base para a análise dos programas, pois neles observamos descrições, entrevistas, fatos que não seriam encontrados em nenhum outro local. Dessa forma, muitas das informações que embasam o perfil dos programas da emissora foram retiradas de lá. Essa base descritiva retirada dos sites da própria emissora visam também confrontar se o que está sendo descrito pelos autores dos telejornais realmente reflete a realidade do programa quando se trata de questões como formalidade e informalidade, por exemplo.

##### 3.1.1.1 BOM DIA BRASIL

O *Bom Dia Brasil*, (doravante BDB) é o primeiro telejornal nacional da grade da Rede e exibido de segunda a sexta-feira, às 7 horas e 15 min. Apresentado atualmente por Chico Pinheiro e Renata Vasconcellos, o programa possui cerca de 40 minutos de duração, sem os intervalos comerciais, e traz comentários com a apresentação e

repercussão dos fatos nacionais e internacionais da madrugada e uma análise do possível impacto dos mesmos no dia que se inicia. Estão envolvidos na produção do jornal um total de 52 jornalistas, sem contar os repórteres das sucursais que produzem as reportagens em todo o Brasil.

Atualmente o jornal apresenta uma média mensal no Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) nacional de 8,08 pontos. Cada ponto no Ibope corresponde a cerca de 60 mil domicílios. Sendo 49% do público formado por mulheres e 51% por homens. Desse total, 37% são das classes A e B e 36% da classe C. A maioria dos telespectadores, 66%, tem mais de 35 anos. (SECHIN, 2003, p. 24)

Uma das características marcantes do BDB é o pioneirismo em fugir do formato bancada, em que os apresentadores passam todo o tempo sentados. Uma das primeiras modificações foi a implementação de uma sala de estar, em que os âncoras recebiam entrevistados e todos ficavam sentados em poltronas.

Essas modificações, frente ao padrão do jornalismo brasileiro, nasceram da necessidade em tornar o programa mais atrativo, para que o telespectador que está acordando mantenha-se concentrado e interessado pelo programa.

A primeira edição do *Bom Dia Brasil* foi ao ar no dia 3 de janeiro de 1983. No início era veiculado diretamente de Brasília e apresentado por Carlos Monforte. O foco principal do jornal era o noticiário econômico e político com entrevistas e análises de comentaristas. Segundo o site [globo.com](http://globo.com), o telejornal matutino foi criado para ser um formador de ideias e opinião, e tinha como objetivo mostrar os bastidores da capital federal. Possuía 30 minutos de duração. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

Com o passar do tempo, os produtores do programa sentiram a necessidade de ampliar os assuntos abordados, abrindo espaço para notícias mais gerais, discutindo temas relacionados à cidadania, tecnologia, de interesse internacional e apresentando os fatos da madrugada. Com o crescimento do escopo noticioso houve a necessidade de reformulação do formato do jornal. A ideia seria deixá-lo mais dinâmico.

Para isso, em 1996, o Bom Dia Brasil entra em uma nova fase com a chegada do jornalista Renato Machado como âncora e também editor-chefe, nascido no Rio de Janeiro em 1943, formado em direito pela PUC e começou sua carreira como comunicador no rádio em 1970. Ele foi um dos grandes responsáveis pela renovação do formato e da apresentação visual do telejornal, privilegiando tanto as notícias como

as informações úteis e a agenda cultural. De Brasília, de onde era originalmente apresentado, o jornal passa, então, a ser realizado do Rio de Janeiro, contando com entradas ao vivo de Brasília, São Paulo, bem como das demais capitais, que também ampliaram a participação no novo formato do programa. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

Em 2002, Renata Vasconcellos recebeu o convite para assumir a bancada do *Bom Dia Brasil*, ao lado de Renato Machado. A apresentadora nasceu no Rio de Janeiro, no dia 10 de junho de 1972. É formada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Começou sua carreira em 1996, junto com o nascimento da *Globo News*. No último ano do curso de jornalismo, assumiu a apresentação do programa *Em Cima da Hora*, que de hora em hora apresentava um boletim com os principais fatos jornalísticos do Brasil e do mundo. Foi extinto no dia 17 de outubro de 2010 para dar lugar ao *Jornal da Globo News*.

Renata Vasconcellos, em entrevista ao site [globo.com](http://globo.com), declara que "O jornal tem um formato descontraído, que abre espaço para o comentário, para a análise. Isso é muito interessante. É como se estivéssemos tomando café da manhã na sala de estar das pessoas, conversando e levando as primeiras notícias do dia". (BOM DIA BRASIL, 2011).

Em 2011, depois de 15 anos à frente do Bom Dia Brasil, Renato Machado se despede da bancada para ser correspondente em Londres e comentarista de notícias internacionais. Chico Pinheiro, nascido em 1953 no Rio Grande do Sul, graduado em jornalismo pela PUC, estreia no programa, dividindo a apresentação com Renata Vasconcellos.

Desde a inauguração, até o presente momento, o cenário acompanhou e foi fundamental nas mudanças que o programa sofreu. A primeira, ocorrida devido à renovação realizada no ano de 1996, com a mudança de Brasília para o Rio de Janeiro, foi na ambientação, criando um cenário mais adequado ao formato dinâmico que o jornal incorporou. Além da bancada dos apresentadores, o espaço incluía uma sala de estar, onde eram realizadas as entrevistas.

Além da tradicional bancada, os apresentadores também ficavam em pé ou sentados em poltronas. Essa movimentação tinha como objetivo dinamizar o programa jornalístico, que é transmitido muito cedo e deveria prender a atenção daqueles que o acompanham.

Essa mudança no espaço foi importante para a configuração do novo formato do jornal, que saía do tradicionalismo da bancada, inovando com a presença de

elementos que não eram tão comuns ao jornalismo brasileiro, como poltronas, que deixavam os apresentadores com um aspecto mais natural, que segundo a descrição do site da emissora, passava a sensação de conforto para os telespectadores

Em 2000 o BDB sofreu mais transformações. Para facilitar a comunicação entre a narração de notícias e os comentários dos apresentadores, tanto a tradicional bancada como as poltronas foram alocadas em um único local. Também estavam presentes uma mesa de centro e uma escultura. No decorrer do tempo, novas câmeras foram inseridas para dar mais dinamismo e movimento, enquadrando a bancada de diferentes pontos e não apenas de forma frontal, como é de costume nos telejornais, tentando acabar com a sensação de algo estático. Novos ambientes também foram incorporados, como novas bancadas, *longe* de entrevistas, *set* para comentaristas e *set* neutro. (MEMÓRIA GLOBO. 2012)

No dia 26 de setembro de 2011, além da mudança dos apresentadores, o cenário do *Bom Dia Brasil* ficou mais amplo, moderno e integrado. O estúdio passou a contar com uma nova bancada e um novo set de entrevistas, chamado pela equipe de “cantinho de bate-papo”. O espaço foi desenvolvido para facilitar a conversa dos apresentadores com os comentaristas, simulando um ambiente de sala de visitas para a discussão e a análise das notícias de economia e segurança pública. Para falar de esporte, foi inserido um telão com capacidade para exibir, simultaneamente, entradas ao vivo de repórteres, apresentadores e comentaristas do Brasil e do exterior, além de gráficos e imagens. (BOM DIA BRASIL, 2011)

Nos telejornais gravados observamos que os apresentadores conversam com outros jornalistas, alocados em cenários diferentes. Um deles é um estúdio de vidro, com vista para a ponte *Octávio Frias de Oliveira*, um dos principais pontos turísticos de São Paulo. A ideia é mostrar a claridade, o dia que está começando e também o movimento da cidade, uma espécie de janela para o perceber como está o dia. A previsão do tempo carrega um pouco dessa característica, ou seja, conforme a garota do tempo cita as cidades, imagens ao vivo das mesmas são veiculadas. A câmera geralmente mostra uma imagem panorâmica de um ponto turístico, em que é possível visualizar o céu. Dessa forma, além da descrição meteorológica dada pela jornalista, os telespectadores podem visualizar como está o tempo em sua cidade, ou em sua região.

Por tratar de um momento do dia em que as pessoas não podem parar para assistir à televisão, muitas estão se preparando para o dia que se inicia, tomando café

da manhã, preparando os filhos para a escola, a caminho do trabalho, entre outras coisas, o BDB acabou criando estratégias para atrair a atenção dos telespectadores. Muitas delas foram descritas acima, como a mudança do perfil das notícias, antes exclusivamente políticas e agora abarcando diferentes assuntos, bem como as mudanças no cenário, postura dos apresentadores, cores, implementação de outros espaços, etc.

Analisando a história do jornal e o material coletado, observamos que a maioria das mudanças realizadas no decorrer do tempo foi em prol da adequação ao público e ao horário, em busca de maior audiência. Outro ponto favorável para essas transformações foi o nascimento de programas concorrentes em diferentes emissoras. Com isso, cresce a necessidade de veicular o que as pessoas querem ver, caso contrário, elas podem optar por assistir a programação de outros canais de televisão.

O fenômeno analisado nesse trabalho, a variação dos pronomes *nós* e *a gente* é encontrada em todos os programas gravados e usada muitas vezes pelos apresentadores. Perceptível principalmente em momentos em que os apresentadores param de ler o *teleprompter* (doravante TP), aparelho situado logo abaixo da câmera, que projeta, em letreiros, o texto para o locutor, como na hora de chamar um entrevistado, um repórter de rua, a jornalista que apresenta a previsão do tempo, por exemplo. Assim mostrando que o uso do pronome *a gente* faz parte da fala dos apresentadores desse jornal.

O BDB, na análise que fizemos, demonstrou características informais diante de outros telejornais que preservam somente a bancada. Porém, apesar de toda descrição feita no site da emissora na tentativa da construção de um telejornal mais informal, percebemos que a linguagem usada é formal. Quando falamos em informalidade estamos tratando de inovações que o programa apresenta no decorrer do tempo para atrair o telespectador e não necessariamente que está se tornando um programa de entretenimento e informal. Pelo contrário, ainda segue padrões rígidos de apresentação como no primeiro telejornal apresentado pela emissora em 1969, o *Jornal Nacional*, o qual trataremos em seguida.

### 3.1.1.2 JORNAL NACIONAL

O Jornal Nacional (doravante JN) foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional no Brasil. A edição de inauguração foi no dia 1º de setembro de 1969,

às 19h45, e em pouco tempo se tornou o principal programa jornalístico do país, líder de audiência em horário nobre. Hilton Gomes e Cid Moreira foram os apresentadores da primeira edição do JN e iniciaram o programa com a seguinte fala: "O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". (MEMORIA GLOBO, 2012)

Essa frase resumiria o que seria o Jornal Nacional até hoje: uma tentativa de fazer com que informações de todas as regiões do país chegassem à casa de todas as pessoas. Isso implica em fazer um programa atrativo para pessoas de todos os níveis culturais e educacionais, de todos os estratos socioeconômicos, gêneros, idades e regiões do país e que elas compreendam o que está sendo dito e transmitido. Segundo Willian Bonner, esse é um dos maiores desafios do JN. (BONNER, 2010)

No final da edição de inauguração, Cid Moreira disse a seguinte frase: "É o Brasil ao vivo aí, na sua casa". Logo em seguida se despediu com um "boa noite", saudação que o apresentador viria repetir cerca de 8 mil vezes ao longo dos 27 anos seguintes e usada também por aqueles que o sucederam. (Memória Globo, 2012)

Inicialmente o programa possuía 15 minutos de duração e era dividido em três blocos. O primeiro tratava de assuntos locais, o segundo nacionais e o último apresentava conteúdo internacional. Para se diferenciar do *Repórter Esso* e demonstrar autonomia, o *Jornal Nacional* sempre apresentou no final uma notícia com assunto mais descontraído, conhecida na redação como "boa-noite", diferente do concorrente, que deixava a matéria mais impactante para o fim. Porém o grande diferencial entre os dois programas foi conceitual, o JN trouxe falas de entrevistados e conteúdo testemunhal, já o *Repórter Esso* apenas mostrava imagens com narração do apresentador, sendo próximo do rádio. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

Como foi o primeiro a ser construído em rede, os produtores tiveram que desenvolver o conceito de um jornal nacional, que ainda não existia no país, ou seja, o programa era construído em diferentes regiões, porém as matérias deveriam ser de interesse nacional. Grande preocupação da equipe foi não valorizar demasiadamente determinado local em detrimento de outros. "Os assuntos selecionados tinham que atrair a atenção de todos os telespectadores, tanto os de Manaus, quanto os de Porto Alegre" (MEMÓRIA GLOBO, 2013) apesar de ficar explícito que as notícias concentram-se mais em assuntos relacionados no Rio de Janeiro e São Paulo.

Um fato citado no site [memoriaglobo.com](http://memoriaglobo.com) descreve bem a dificuldade e a adaptação em lidar com a diversidade regional e linguística existente no Brasil:



Um exemplo das dificuldades de lidar com as diversidades regionais ocorreu com a meteorologia. Nos primeiros anos, o boletim do *Jornal Nacional* anunciava “tempo bom” para afirmar que faria sol e “mau tempo” para dizer que choveria. Até que alguns telespectadores reclamaram, dizendo que em certas regiões do Nordeste, castigadas pela seca, sol não representa tempo bom, mas o contrário. A partir de então, passou-se a ter o cuidado de não mais usar o adjetivo “bom” ou “mau” para se referir ao tempo, usando as expressões “dia ensorulado” e “dia chuvoso” no lugar. (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

Essa breve descrição mostra que a preocupação com a linguagem sempre permeou a história do telejornalismo no Brasil, havendo preocupação com a seleção das palavras que seriam usadas na apresentação das notícias.

Em 1972, a cor chegou à televisão brasileira. Porém somente depois de um ano o programa conseguiu produzir reportagens conforme essa nova tecnologia. Nesse período a produção do JN contava com 150 profissionais e diariamente começava a ser produzido às 6h30. Nesse horário eram definidas as pautas e os jornalistas iam às ruas para produzir as matérias. Esse trabalho era muito complexo devido a falta de portabilidade dos materiais (microfones, câmeras, luzes, etc).

Depois de coletadas as imagens e as informações, os repórteres retornavam à redação para redigir os textos, ao mesmo tempo em que as imagens eram reveladas, para, em seguida, serem levadas à equipe de montagem. Por fim a equipe de edição trabalhava as imagens com o texto. As informações internacionais chegavam das agências de notícias por meio de telegramas e através de imagens via satélite.

Com o recurso de micro-ondas da empresa Embratel as sucursais transmitiam as matérias. Às 19h o jornal tinha que estar finalizado para então passar por uma última revisão do diretor de imagem. Enquanto isso os âncoras, Cid Moreira e Sérgio Chapelin liam os textos para treinar o que iriam apresentar. Às 19h45 o jornal iniciava.

O início das transmissões foi conturbado, pois o país passava por um dos momentos mais dramáticos da ditadura militar e informações eram censuradas ou trabalhadas com muito cuidado. A pressão sobre a mídia em todas as suas caracterizações era intensa. A notícia que o então presidente Costa e Silva havia sofrido um derrame, por exemplo, passou por negociação com os militares, pois os mesmos queriam escondê-la.

Frente a essas dificuldades políticas que o país enfrentava, com restrição de informações veiculadas pela mídia, a alternativa encontrada pela Globo foi focar nas

notícias internacionais, enviando mais correspondentes ao exterior. Como o material produzido fora do país era transportado por meio de aviões, as notícias chegavam atrasadas e defasadas, muitas vezes com até três dias depois do ocorrido. Para resolver esse problema, um contrato foi assinado com a agência de notícias United Press International, que então enviava todos os dias, via satélite, imagens de todo o mundo para o Jornal Nacional. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Com isso, a cobertura das informações mundiais passou a ser quase que em tempo real. A partir disso a Rede Globo decidiu construir escritórios no exterior. O primeiro foi em Nova York, no ano de 1973. No ano seguinte uma sede foi fundada em Londres.

A invenção do Eletronic News Gathering (ENG), unidades portáteis com câmeras mais leves, transmissores de micro-ondas, videoteipes e sistemas de edição que facilitou o envio de imagens e sons diretamente do local do acontecimento para a emissora.

O ENG era um equipamento eletrônico que trazia agilidade à reportagem, pois eliminava a perda de tempo com a revelação de filmes. O equipamento eletrônico permitia ao cinegrafista constatar na hora, olhando no monitor, se havia cometido algum erro e, assim, lhe dava tempo e recursos para refazer uma tomada ou, se necessário, gravar tudo novamente. Antes, os erros só eram constatados na emissora, depois da revelação. Além disso, o filme não podia ser passado muitas vezes na moviola, senão poderia ser arranhado ou mesmo completamente danificado. O ENG, por não ter essa limitação, facilitava o processo de edição. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Apesar da chegada do ENG, a Rede Globo continuou usando as câmeras de 16 mm e foi reduzindo seu uso aos poucos. No ano de 1985, o laboratório de revelação de filmes foi desativado e a nova tecnologia passou a ser adotada de forma integral na produção de todas as matérias jornalísticas. Esse fato deu maior dinamismo ao jornal, as matérias eram produzidas mais rapidamente e o número delas aumentou. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Um ponto marcante no telejornal, no que tange a linguagem oral, foi a inclusão de comentaristas em algumas notícias. Algo que não está no perfil do programa atualmente, que segue um modelo que apenas apresenta as notícias. O primeiro foi Paulo Francis, que participava do telejornal de Nova York em 1981, opinando sobre os mais diversos assuntos, a começar por política internacional indo até arte e cultura, comentado exposições, tradições regionais, etc. Como descrito no site [memoriaglobo.com](http://memoriaglobo.com):

A participação dos comentaristas aumentou a partir de junho de 1989, quando eles passaram a gravar em ambientes externos. Tradicionalmente postados em fundos neutros de estúdio, em pose sóbria, os comentaristas ganharam as ruas e passaram a falar seus textos de cenários variados. A ideia era dar mais flexibilidade ao *Jornal Nacional* e tornar a atuação dos jornalistas mais descontraída, com o uso também de uma linguagem mais coloquial. Para explicar os efeitos da inflação na vida das donas de casa, por exemplo, Lillian Witte Fibe colocou-se à frente do caixa de um supermercado, cercada de alimentos e produtos de limpeza. Para falar de crédito rural, Joelmir Beting filmou em um sítio, rodeado por bois e tratores. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Em 1991 houve mudanças na direção do jornal que transformaram substancialmente a orientação do programa, porém sem mudar o seu perfil noticioso. Edson Ribeiro deixou o cargo e foi substituído por Carlos Absalão. Depois de pouco tempo quem assumiu o posto foi “Xico” Vargas. Com isso, a ideia do programa foi se aproximar mais do público. Para isso foram incluídas matérias focadas mais na comunidade, nos direitos do cidadão e em assuntos comportamentais.

Outros telejornais têm investido em entretenimento e têm buscado suavizar a linguagem. Na bancada do *Jornal Nacional* já é possível ver sorrisos e algumas brincadeiras. Cá entre nós, esse avanço era necessário, mas é preciso refletir sobre os excessos e buscar encontrar um meio termo, porém um meio termo que privilegie a informação porque nenhuma brincadeira substitui a informação jornalística de qualidade. (FEITOZA, 2012, p.1)

A ideia foi evidenciar mais reportagens exclusivas, além das matérias factuais, apresentadas pela maioria dos jornais veiculadas no país. Acompanhando essa linha, repórteres e apresentadores passaram a adotar uma postura mais descontraída. Essa mudança vai ao encontro do que afirma Souza (2009, p.1):

Com a evolução tecnológica e o uso frequente da internet como fonte para o telejornalismo, o acesso à informação tem se tornado cada vez mais homogêneo. Dessa forma, os telejornais apresentam praticamente as mesmas notícias. O que vai diferenciá-los é justamente a maneira como essas notícias são apresentadas e quem as apresenta.

O ano de 1996 foi marcante na história do *Jornal Nacional*, pois em março houve a saída dos então tradicionais apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, que estavam a frente do jornal desde sua inauguração, e a entrada de William Bonner e Lillian Witte Fibe. Essa mudança teve como princípio colocar a frente do JN jornalistas profissionais como apresentadores, pessoas que trabalharam na produção das reportagens e matérias, dando mais credibilidade e propriedade ao que está sendo veiculado. Assim, sair do papel de mero apresentador para ficar mais próximo

da definição de âncora, proposta por Silva (2009, p.1): “Um jornalista que participa de todo o processo de produção de um telejornal e, não só apresenta, como também comenta, interpreta e opina sobre as notícias. Esse é o âncora”.

Depois de dois anos Lillian Witte Fibe deixou a apresentação, sendo substituída por Sandra Annenberg, que ficou no posto durante apenas um mês. Fátima Bernardes foi quem assumiu a bancada, ao lado de Willian Bonner que, além de âncora, se tornou editor-chefe do telejornal, supervisionado por Ali Kamel, diretor executivo da CGJ. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Depois dessa configuração, não houve mudanças por aproximadamente 14 anos na apresentação. Em 2012, Fátima Bernardes deixou a posição para assumir a apresentação de um programa de auditório chamado *Encontro*. Em seu lugar entrou Patrícia Poeta.

### 3.1.1.3 JORNAL HOJE

O *Jornal Hoje* (doravante JH) é o programa jornalístico que tenta apresentar mais informalidade na Rede Globo. Isso pode ser observado no foco das matérias que, além de apresentar as principais notícias do dia, nacionais e internacionais, abordam também temas como moda, culinária, cidadania, defesa do consumidor, entre outras coisas.

Em seu lançamento, tinha o formato mais voltado para revista e era focado no público feminino. A linguagem usada também era informal, sendo o telejornal em que acreditamos apresentar o pronome *a gente* em maior escala, por ser mais inovador, como declarado no *site* da emissora. De acordo com a apresentadora e editora-chefe do Jornal Hoje, Sandra Annenberg, em entrevista ao Globo Repórter, o público do jornal das 13h15m, horário do almoço, é eclético, vai “desde criancinhas até aposentados, passando por donas de casa, mulheres ativas, que trabalham fora, executivos, pessoas que estão em um bandejão almoçando” (ESPECIAL GLOBO 40, 2009).

A Central Globo de Jornalismo tinha planos de produzir um programa voltado para o público feminino nos moldes do antigo *TV Mulher*. O projeto não foi adiante e decidiu-se aproveitar os estudos e as pesquisas realizadas em outro programa. O JH, pela identificação com aquele tipo de público e o horário de exibição, parecia o mais adequado. (MEMÓRIA GLOBO. 2012)

O JH estreou em abril de 1971, apresentado por Léo Batista e Luís Jatobá. No início era local, transmitido somente para o Rio de Janeiro. Possuía meia hora de duração. A partir do dia 3 de junho de 1974, o programa passou a ser transmitido para todo o país, com o auxílio das praças de Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Recife, com Fernanda Marinho como editora-chefe.

Nesse mesmo ano, o *Jornal Hoje* começou a ser apresentado também aos sábados,

A edição de sábado do *Hoje*, inaugurada em 1974, tinha um tom experimental, diferente do adotado nas outras edições. As principais notícias da semana eram revisitadas e desenvolvidas, e o telejornal dava um destaque maior às matérias de cultura e comportamento. Esta edição tinha espaço também para receitas de culinária, previsões astrológicas e entrevistas com personalidades. Foi aos sábados que o *Hoje* deu início às entrevistas informais que se tornaram marca registrada do telejornal. Ao longo dos anos, artistas, atletas, políticos, personalidades das mais variadas áreas foram entrevistados no *Hoje*. Entre eles, nomes como Carlos Drummond de Andrade, Pelé, Caetano Veloso, Chacrinha, Zico, Fernanda Montenegro, Dorival Caymmi, Gilberto Braga, Tom Jobim, Cazuza, Lima Duarte e Ayrton Senna. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

A década de 1980 foi de mudanças no formato do Jornal Hoje, que se tornou mais noticioso, próximo do perfil dos outros jornais da emissora. Porém com espaço para quadros mais informais, como moda, artes, receitas culinárias, etc.

O telejornal investiu no lado *hard news*, e os repórteres ganharam mais destaque em matérias especiais. Os apresentadores Carlos Campbell, de Brasília, e Sérgio Roberto, de São Paulo, entravam ao vivo. A equipe de produção definia as pautas e os assuntos que mereciam reportagens especiais e faziam uma “ronda nacional” pelas praças para selecionar matérias para o terceiro bloco. O *Hoje* também ganhou novos quadros e colunas. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

O passo para deixar o Jornal Hoje mais semelhante com o que acompanhamos na atualidade, o que inclui os jornais gravados para análise do presente trabalho, foi dado na década de 1990. A ideia foi deixá-lo com status de programa jornalístico, em que fossem abordados na maior parte do tempo informações da realidade atual, com mais entradas ao vivo, participação de repórteres. O programa acabou adotando um pouco do *hardnews*, que são notícias que estão acontecendo no momento da veiculação do programa, ao vivo.

Nessa nova etapa, o telejornal passou a ser produzido também em São Paulo, os produtores investiram bastante no público principal do programa, formado

basicamente por mulheres e jovens. Além das notícias o telejornal investiu em quadros voltados à educação, psicologia, música jovem, economia doméstica, etc. Nesse período de mudanças, Carlos Nascimento passou a ser o editor-chefe e apresentador do telejornal.

No aniversário de 30 anos no ar, no ano de 2001, o programa sofreu mais reformulações para que não perdesse o tom informal que conquistou com o passar do tempo, passando a ser apresentado diretamente da redação,

A transferência do estúdio para a redação significou mudanças na iluminação e nos elementos cenográficos. O *Jornal da Globo* já era apresentado da redação desde 1994, mas a ambientação criada para o *Hoje* reforçava sua identidade visual, evitando confusões entre os dois telejornais. Inspirada no trabalho de artistas da escola concretista, a editoria de arte da Central Globo de Jornalismo desenvolveu para as vinhetas e os grafismos do jornal um conceito visual baseado na tridimensionalidade. A logomarca do telejornal ganhou movimento e se transformava em um cubo ao final das vinhetas. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

No início de 2003, Sandra Annenberg começou a dividir apresentação com Carlos Nascimento e iniciou a integração de novas tecnologias, como é o caso da *internet*,

Ao longo da década de 2000, com a consolidação da internet e das redes sociais, foi aumentando a participação do telespectador no *Jornal Hoje*. O site do telejornal abriu um espaço para receber vídeos, fotos, sugestões e comentários do público. O material passado pelos internautas passou a ser utilizado pela equipe do *Hoje* na elaboração de pautas. (MEMÓRIA GLOBO, 2012)

Carlos Nascimento deixou a Rede Globo em 2004 e com isso Evaristo Costa se tornou o novo apresentador, ao lado de Sandra Annenberg. Em 21 de abril de 2006, para comemorar os 35 anos no ar, o *Jornal Hoje* estreou cenário novo. Sandra Annenberg e Evaristo Costa passaram a ficar separados da redação por uma estrutura de metal e acrílico, com 11 monitores de vídeo afixados. O objetivo era proporcionar maior dinamismo ao telejornal.

Em entrevista ao *Jornal Hoje*, o designer gráfico Hans Donner, idealizador do cenário, bem como das vinhetas do programa descreve o porquê do uso de algumas cores no cenário e o impacto disso para o telespectador:

Eu sempre puxei logo as cores mais quentes, transformei o cenário, na época, em tons de madeira. Eu queria que o jornal fosse mais suave, explica o

designer Hans Donner [...] A primeira [vinheta] eu me lembro nitidamente, que foi usando uma linguagem, na época revolucionária, toda formada de linhas e formando como se fosse os caminhos de comunicação”, completa Donner. Desde a estréia, a vinheta já mudou 10 vezes. (BRITO, 2011)

Na análise dos dados coletados, verificamos que o Jornal Hoje foi o que mais usou o pronome para designar a primeira pessoa do plural *a gente*. Baseado nas informações descritas nos parágrafos acima sobre o telejornal, desde sua inauguração até os dias atuais existe a motivação de ser um programa jornalístico com tom informal, voltado para públicos específicos, como mulheres, adolescentes e jovens.

#### 3.1.1.4 JORNAL DA GLOBO

O *Jornal da Globo* (doravante JG) é veiculado diariamente, de segunda a sexta-feira, sendo o quarto e último da grade diária da Rede Globo. O foco do programa é o noticiário de repercussão nacional e internacional, apresentando os fatos de maior repercussão do dia e buscando antecipar uma perspectiva para os principais fatos do dia seguinte. Não apresenta horário de exibição delimitado, pois está sujeito à programação noturna de Rede Globo, variando entre 23h e 00h30m. O JG tem duração média de 30 minutos, sem os intervalos comerciais, e é transmitido de segunda a sexta-feira. Conforme séries, novelas, filmes, futebol e shows vão entrando na grade, existe variação no horário do jornal. No site [www.globo.com/jornaldaglobo](http://www.globo.com/jornaldaglobo) o horário de início é informado como a partir das 23 horas.

Um diferencial desse programa frente aos outros jornais transmitidos na emissora é a veiculação de grandes reportagens, séries, quadros fixos, colunas sobre música, tecnologia, viagens, etc. Gonçalves (2001, p. 6) define grande reportagem como: “Grande reportagem consiste na composição sob forma de vídeo ou filme, de uma série de informações respeitantes de um acontecimento particular, da atualidade, ou de um fenômeno particular da sociedade.”

Essas características não fazem parte das reportagens do dia a dia, uma vez que essas tendem a seguir um padrão curto de tempo, aproximadamente um minuto e 30 segundos. As grandes reportagens requerem pesquisa e apuração do jornalista que precisa entregar mais de uma matéria ao dia. Nos programas gravados para o presente trabalho, pode-se observar, por exemplo, a coluna “Conecte” que a cada

veiculação aborda assuntos relacionados à tecnologia, como celulares, TVs, robôs, computadores, entre outras coisas. Por gerar grande repercussão entre os telespectadores, a coluna tem uma peculiaridade, ganhou um site especial, dentro do site do Jornal da Globo, apresentando certa autonomia em meio ao programa.

Segundo o Ibope, a audiência do Jornal da Globo tem um perfil bem definido. Quase metade dos telespectadores tem de 25 a 49 anos de idade, sendo que 39% pertencem às classes A e B e 37% são de classe média. O JG tem uma média de 14 pontos de audiência, o que equivale a cerca de 12 milhões de telespectadores. (BLOG RESUMO DO DIA, 2007)

Desde a inauguração, em 1979, a grade de assuntos abordados pelo jornal sempre foi diversificada. Análises esportivas, quadros especiais, entrevistas ao vivo, sempre estiveram presentes entre a apresentação das notícias. No início o jornal tinha no mínimo 30 minutos de duração, o que estipulava o tempo eram entrevistas realizadas diariamente. O noticiário internacional era apresentado de Londres e Nova York pelos correspondentes da emissora.

Depois de quase dois anos no ar, em 1981, foi substituído pelo *Jornal Nacional 2ª Edição* e em 1982 o *Jornal da Globo* retomou o lugar na grade da emissora. Nesse período os apresentadores também produziam as matérias, revisavam, editavam, apuravam as informações, aproximando-se do conceito de âncora já discutido nesse trabalho. Renato Machado, Belisa Ribeiro e Luciana Villas-Boas eram os apresentadores e a ideia do programa era aprofundar as notícias, comentando, entrevistando especialistas, como descrito no site [memoriaglobo.com](http://memoriaglobo.com):

Fugindo do papel do apresentador-locutor tradicional, que mantinha um distanciamento em relação ao noticiário, os três jornalistas participavam do processo de apuração e redação das notícias. Não era incomum que interrompessem o andamento normal do telejornal para passar informações em primeira mão, recém-adquiridas em conversas com fontes. Marilena Chiarelli entrava ao vivo de Brasília, e Carlos Monforte, de São Paulo, com entrevistas ou apresentação de notícias. Segundo Renato Machado, foi a primeira tentativa de fazer o jornal ancorado em várias praças. (MEMORIA GLOBO, 2012)

Esse foco, na análise das notícias apresentadas, é encontrado desde o lançamento até o presente momento, e observado também a partir da gravação do programa. Frente aos outros jornais da emissora, neste é o que mais encontramos o papel do âncora, dividindo espaço com o Bom Dia Brasil, que apresenta também alguns entrevistados, comentaristas, reportagens especiais, etc. Com isso, a partir do



conteúdo desses dois programas, percebemos que o público que dispensa mais tempo, acorda cedo ou fica até mais tarde para acompanhar o noticiário, é o que quer receber uma informação mais aprofundada. Isto justifica o comentário das notícias, algo que não ocorre com frequência no Jornal Nacional, ou mesmo no Jornal Hoje.

No ano 2000, Ana Paula Padrão assume a diretoria executiva do jornal, bem como a apresentação, substituindo Lilian Witte Fibe. A jornalista, na época, declarou a revista *Istoé Gente* (2000) que não iria apenas apresentar as notícias, continuaria sendo uma repórter na função de apresentadora e que nunca deixaria de apurar uma informação antes de noticiá-la, para isso a jornalista chegava a redação às 10 horas e não saía antes da meia noite. Dessa forma, mesmo que não existam comentários extensos por parte dos apresentadores, percebe-se que há uma preocupação em analisar a veracidade das informações e como devem ser melhor noticiadas para que haja compreensão dos telespectadores. (RAMOS, 2000)

Em entrevista ao Globo Repórter Especial Jornalismo, nos 40 anos da Rede Globo, a ex-apresentadora Ana Paula Padrão corrobora esse caráter analítico do telejornal

Como somos o último jornal do dia e, de certa forma, o primeiro da manhã, temos por obrigação não só dar a notícia, mas dar a notícia mastigada, com análise, com furo, com reportagem especial, exclusiva, com muita informação. (ESPECIAL GLOBO 40, 2009)

Desenhado para ampliar o contato entre os telespectadores e a equipe do telejornal, o *Jornal da Globo* estreou um novo site em setembro de 2003. O site reforçava a interatividade com os internautas através de novas seções, além de mostrar os bastidores da produção do jornal. Um dos destaques era a seção especial sobre *Profissões*, com informações sobre recolocação no mercado de trabalho, canais de busca de oportunidades de vagas e dicas para elaboração de currículos. Outra novidade era a seção *Colunas*, em que os repórteres, editores e convidados do jornal podiam redigir depoimentos pessoais com informações sobre reportagens de que tivessem participado ou experiências que quisessem dividir com os internautas. O site trazia ainda o *Bônus do JG*, seção com informações complementares sobre as reportagens exibidas.

Ana Paula Padrão deixou a apresentação do *Jornal da Globo* em junho de 2005, e o telejornal passou a ser apresentado novamente por uma dupla de jornalistas, William Waack e Christiane Pelajo, que estrearam com novo cenário. A bancada ficou ainda mais ampla, com espaço para receber convidados. Quatro telões ao fundo

passaram a ser usados para entrevistas e para facilitar a interação com os comentaristas.

William Waack entrou na TV Globo em 1996 e apresentou o *Jornal da Globo* algumas vezes antes de assumir a bancada e Christiane Pelajo foi apresentadora da Globo News por dez anos (de 1996 a 2005) antes de estreiar no *Jornal da Globo*.

### 3.1.2 GÊNERO/SEXO

Na obra *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*, organizada pelas professoras Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (2003) a variável gênero/sexo é observada analisando-se as distinções entre a fala de mulheres e homens no plano lexical. As autoras abordam estudos realizados sobre o português do Brasil em que se verifica que a mulher tende a ser inovadora nas formas de prestígio e conservadora frente a formas desprestigiadas. Aponta-se, também, a diferença cultural entre o homem e a mulher nas sociedades ocidentais, por exemplo, as sociedades muçulmanas, onde o homem usa formas de prestígio.

Para exemplificar como o gênero é empregado nos estudos sociolinguísticos, abaixo apresentamos alguns pontos relevantes aceitos pela sociolinguística quando se trata do fator sexo. (LABOV, 1972; CHAMBERS, 1995):

1. As mulheres tendem a usar menos variantes com estigma frente aos homens, mesmo que pertençam a um grupo social equivalente e enfrentem situações semelhantes, optam por variantes com mais prestígio.
2. Linguisticamente, elas se adaptam melhor do que os homens a situações sociolinguísticas.

A partir dessas conclusões, podemos observar as seguintes explicações:

- a) Conservadorismo – as mulheres, geralmente da classe média, têm a tendência em ser mais conservadoras, a inovar em menor grau do que os homens.
- b) Status – elas tentam, ao utilizar formas com mais prestígio, conseguir status social, isso decorre do fato de terem mais sensibilidade e consciência quanto ao status social do que os homens.

- c) Solidariedade – em suas redes sociais as mulheres sofrem menos pressões do que os homens ao usarem as normas da fala, já que eles participam de redes mais complexas e múltiplas do que elas.

Os autores reforçam que essa variável social não deve ser analisada de forma isolada, uma vez que ao cruzar com outras variáveis independentes, como classe social, idade ou estilo de fala, podemos observar formas de correlação diferentes entre o uso de variantes linguísticas e o sexo do falante.

As variáveis sociais estão vinculadas; a variável sexo é um rótulo que abrange várias nuances sociais e estilísticas. A relação entre as variáveis é tão intensa que essa variável é geralmente chamada de *sexo/gênero* por ir muito além do biológico, ou seja, envolve também os papéis sociais desempenhados por ambos os sexos.

Esta distinção também incorre em outro problema: ao assumirmos a interação entre o biológico e social, o recorte sociolinguístico concebe uma sociedade em que só existem homens e mulheres, tanto na perspectiva biológica como na perspectiva social. Ou, pelo menos assim a sociedade é representada nas amostras sociolinguísticas. Para tanto, o processo de produção da identidade feminina deve ser visto de uma forma mais ampla, englobando, entre outros, as escolhas e usos linguísticos como efeitos da construção de uma dada identidade em um dado contexto e com uma certa finalidade.

Para este estudo mantivemos a linha tradicional de pesquisa em sociolinguística. Analisamos a diferença entre a fala de mulheres e homens, diferenciando-os entre feminino e o masculino, e os termos *gênero* e *sexo* têm o mesmo significado.

### 3.1.3 FAIXA ETÁRIA

Diversas pesquisas de cunho sociolinguístico apontaram a variável faixa etária como um fator com influência no modo de falar das pessoas. Preti (1982) destaca o trabalho de H. A. Gleason (1978) cujo resultado revela a importância de alguns fatores nos estudos de variação linguística, como por exemplo, o contexto do enunciado, a posição social do locutor, bem como, geográfica e também sua idade. O estudo de Pottier (1968) sobre o bilinguismo em determinadas localidades da França afirma que as diferenças linguísticas seriam provocadas por fatores como posição geográfica,

atividades profissionais, gênero, classe social e idade. Preti (1982) também levanta considerações a respeito dessa variável. Segundo o autor, quando se investiga falantes adultos as variações são baseadas mais fortemente no vocabulário. Ao tratar da fala de jovens, o autor destaca a questão das gírias, que são mais comumente empregadas por adolescentes.

Monteiro (2000) discute as conclusões de Labov (1972), em que este afirma que as diferenças entre faixas etárias podem ser fictícias quando se leva em conta a distinção entre os grupos não apenas pela passagem do tempo, “um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas (...) E assim, o que parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores.” (MONTEIRO, 2000, p.51)

Em um dos estudos mais citados relativos ao efeito da variável faixa etária, Labov (1972a) em sua pesquisa na ilha de Martha's Vineyard utilizou o seguinte recorte na idade para a seleção dos seus informantes: 14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a e 75 acima. Para Labov os jovens estão mais próximos do vernáculo da ilha do que os adultos, especialmente os do sexo masculino. A explicação para tal motivação de mudança neste sentido estaria baseada no desejo, por parte dos jovens, de se identificarem como “vineyarders” (moradores da ilha) frente a uma invasão de veranistas. Esta afirmação pode ser conflitante se pensarmos que não só os jovens, mas também os adultos e idosos compartilham dos mesmos valores sociais, ou seja, de acordo com os estudos de Labov boa parte da população (incluindo jovens, adultos e idosos) era afetada pela invasão dos veranistas, mas o reflexo dessas mudanças só foi significativo na fala dos jovens.

Na sua pesquisa, OMENA (1996) comprovou que o uso de *a gente* se apresenta maior na faixa etária mais jovem, um forte indicativo, segundo a Teoria Sociolinguística, de um processo de mudança linguística em curso.

No presente estudo, o recorte foi feito da seguinte maneira: 25-34a, 35-45a, 46-56a, 56 acima. Sendo 1 informante na primeira faixa etária; 7 na segunda; 4 na terceira e 3 na quarta faixa. Acreditamos que a faixa etária não seria tão significativa para explicar a variação analisada, uma vez que, as falas muitas vezes são lidas e escritas de acordo com o perfil do jornal e do público em questão, ou seja, o apresentador em si muitas vezes não manifesta o seu vernáculo, ele lê um texto produzido por outra pessoa.

### 3.1.4 APRESENTADORES

Os apresentadores que fizeram parte das gravações dos telejornais realizadas para esse trabalho no ano de 2010, são os seguintes, presentes no quadro 6:

<b>Apresentadores</b>	<b>Idade</b>	<b>Jornal</b>
Renata Vasconcellos	41	Bom Dia Brasil
Renato Machado	70	Bom Dia Brasil
Sandra Annenberg	45	Jornal Hoje
Evaristo Costa	36	Jornal Hoje
Willian Bonner	49	Jornal Nacional
Fátima Bernardes	50	Jornal Nacional
Christiane Pelajo	42	Jornal da Globo
William Waack	61	Jornal da Globo
Alexandre Garcia	72	Bom Dia Brasil
Michelle Loreto	33	Bom Dia Brasil
Miriam Leitão	60	Bom Dia Brasil
Alex Escobar	38	Bom Dia Brasil
Marcio Gomes	42	Bom Dia Brasil
Carla Vilhena	46	Bom Dia Brasil
Zileide Silva	54	Jornal Hoje
Cleber Machado	54	Jornal da Globo
Luiz Roberto	58	Jornal da Globo

QUADRO 6 – APRESENTADORES DE TELEJORNAIS DA REDE GLOBO  
Fonte: Primária (2014)

Em seguida, discutiremos o perfil dos âncoras de acordo com os respectivos telejornais que apresentam, enquadrando-os segundo a tipologia proposta por Silva (2009), apresentada no capítulo 2.3 do presente trabalho.

#### 3.1.4.1 RENATO MACHADO E RENATA VASCONCELLOS

Em 2010, quando foram gravados os telejornais para a presente pesquisa, os apresentadores do Bom Dia Brasil eram Renato e Renata Vasconcelos, que também era editora do programa. Durante a apresentação eles geralmente se alternavam entre a tradicional bancada e poltronas em um ambiente que lembra uma sala de estar. Os apresentadores ora estão sentados ora em pé e essa alternância dá ao programa um ritmo agradável para o início da manhã.

Machado e Vasconcellos interagem entre si com muita naturalidade assim como fazem com Miriam Leitão, na economia, e Alexandre Garcia, na política, que

são presenças frequentes no matutino que ainda abre espaço para a previsão do tempo apresentada por Michelle Loreto.

A dupla de apresentadores é, portanto, o único exemplo do tipo 3 de âncora na Rede Globo. Ao apresentar o telejornal, eles demonstram certo desapego do script e se permitem comentários particulares e reações menos programadas, o que os torna mais próximos dos telespectadores.

Embora seja um jornal longo, hoje com uma hora de duração, não é cansativo pela diversidade de editorias e pelo próprio entrosamento dos apresentadores com os comentaristas e correspondentes.

#### 3.1.4.2 EVARISTO COSTA E SANDRA ANNEMBERG

Desde 2004, Evaristo Costa, que antes apresentava o quadro do tempo, passou a ocupar a bancada ao lado de Sandra Annemberg. A dupla mantém o estilo inovador, leve e descontraído característico do programa.

Espontâneos na apresentação, Evaristo e Sandra conversam entre si enquanto ancoram o programa e, assim como o matutino Bom Dia Brasil, eles também conduzem com muita naturalidade as intervenções dos correspondentes internacionais, dos entrevistados que, de vez em quando, estão no estúdio e com Flávia Freire, que apresenta a previsão do tempo. Gesticulam bastante e deixam fluir naturalmente a expressão facial.

Na tipologia de Silva (2009), se encaixam no tipo 1, o formal e pré-definido, porém eles têm um estilo mais solto de apresentar que quebra um pouco o protocolo.

Outro fator que contribui para o clima descontraído do programa é a flexibilidade com relação às roupas usadas principalmente por Sandra Annemberg. Cores mais vibrantes e modelos que fogem um pouco aos já tradicionais terninhos dão mais vida às expressões da apresentadora.

Evaristo Costa às vezes aparece fora do estúdio atuando também como repórter em séries especiais. Entrando ao vivo de diversos lugares do país, sempre conversando com Sandra que permaneceu no estúdio.

#### 3.1.4.3 WILLIAM BONNER E FÁTIMA BERNARDES

No ano de 2010, ano em que se analisamos os telejornais, Fátima Bernardes dividia a bancada com William Bonner, que acumulava também as responsabilidades de editor-chefe, como acontece até hoje.

O casal encaixa-se na tipologia de Silva (2009) como âncoras do tipo 1. Adotam uma postura bastante formal. Em circunstâncias específicas, a formalidade característica dá lugar a um pouco de descontração, geralmente quando um dos dois está fora do estúdio. Foi o caso, por exemplo, da Copa do Mundo de 2006, quando Fátima Bernardes acompanhou a seleção e entrava, ao vivo, direto da Alemanha, interagindo com Bonner que estava no estúdio do JN.

Do ponto de vista da apresentação, mantêm-se fiéis ao script, os comentários são raros e, normalmente, com os dois no estúdio, interagem muito pouco entre si.

#### 3.1.4.4 WILLIAM WAACK E CHRISTIANE PELAJO

Depois de muitas mudanças de apresentadores, em 2005, o Jornal da Globo passa a ser ancorado por William Waack e Christiane Pelajo. Pela primeira vez uma dupla de repórteres à frente do programa.

Quando há entrevistas, o convidado divide a bancada com os jornalistas que costumam seguir o script com bastante formalidade.

Os assuntos abordados, geralmente do âmbito econômico ou político, tomam forma com a participação dos comentaristas fixos. A interação entre Waack e Pelajo não existe, diferente do que acontece entre os apresentadores do Bom Dia Brasil e Jornal Hoje, por exemplo. Uma linha editorial menos flexível, exige dos apresentadores uma performance mais centrada na notícia e não no telespectador. Eles nunca saem do estúdio, mantendo assim o distanciamento do fato. Com tudo isso, esses âncoras encaixam-se na tipologia de Silva (2009) como 1.

### 3.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Como variáveis linguísticas temos a variável dependente *nós/a gente*, a *marcação do sujeito* e a presença/ausência do pronome. Abaixo discutiremos cada uma delas, com exceção da variável dependente que foi desdobrada no capítulo 2, no ponto 2.1.2.

### 3.2.1 MARCAÇÃO DO SUJEITO

A *marcação do sujeito* é entendida no presente trabalho como na definição de Naro (apud SILVA, 1988), ou seja, quanto ao grau de concordância, se ela é mais ou menos saliente. Em 1 temos a transcrição da fala de umas das apresentadoras do telejornal Bom Dia Brasil, nela temos a configuração do pronome *nós* e o verbo com a desinência saliente ou também chamada pelo autor de desinência forte:

- 1) É isso Renato, ***nós fomos*** ouvir uma representante da Suipa, a Sociedade protetora dos animais, para saber qual seria a solução para os cães abandonados. E é essa solução que *nós* estamos cobrando aqui, é um modo digno de tratamento pra eles, o fato é que a sociedade precisa com urgência discutir o assunto. Vamos lembrar então a reportagem e saber o que disse a representante da Suipa. – Bom Dia Brasil - Carla Vilhena - 00:41:05 h

Em 1 vemos que a desinência dos verbos que acompanham o pronome *nós* foi marcada de forma plena, ou seja, segundo Naro de forma mais saliente, forte. Em 2 podemos observar a variação da desinência, sem a presença do –s final, o que Naro chama de menos saliente

- 2) Pois é, segundo os pesquisadores, a herança genética que ~~Ø~~trazemos dos neandertais é equivalente ao que herdamos do tataravô, portanto não é pouco não, então ***nós vamô*** falá com Flávio Fachel ao vivo lá de Nova Iorque. Fachel, boa tarde, como os cientistas chegaram a essa conclusão agora? – Sandra Annerberg

No exemplo 2, apesar de termos a desinência fazendo concordância com o pronome *nós*, verificamos a ausência do –s no final verbo (*vamos* > *vamô*).

Marinho (1998), explica como foi realizado o trabalho de Naro (apud Silva, 1988), descrevendo como funciona a questão da saliência fônica

Naro (apud SILVA 1988) analisa o apagamento do pronome sujeito de terceira pessoa do plural na fala de analfabetos. O autor examina o efeito da variação de concordância (aplicação ou não da regra de concordância verbal) e do grau de concordância (desinência verbal mais ou menos saliente) na distribuição de sujeitos vazios. A hipótese levantada inicialmente foi a de que deveriam ocorrer sujeitos vazios mais freqüentemente com verbos de



desinência forte, mais saliente do que com os de desinência menos saliente. Essa hipótese é confirmada em seus resultados. Ainda, ao examinar os casos em que a regra de concordância verbal não se aplicou, ele verifica que há uma tendência maior a apagar o sujeito dos verbos de desinência mais saliente para se evitar construções estigmatizadas como "eles falou". A presença dos pronomes sujeitos em seus dados, é reduzida mesmo com a perda das desinências pessoais. Em nossos dados, não há casos em que a concordância verbal na primeira pessoa do plural com o pronome *nós* não é feita, e verificamos que esse pronome tanto é usado com formas verbais mais salientes, quanto com formas verbais menos salientes, como nos exemplos 1 e 2 acima apresentados. (MARINHO, 1998, p.15)

Para o pronome *a gente*, essa regra não se aplica neste trabalho, uma vez que em todos os momentos em que esse pronome apareceu, fez a concordância, de acordo com as gramáticas tradicionais, com a terceira pessoa do singular, como no exemplo 3:

- 3) Agora uma e trinta e oito pelo horário de Brasília, **a gente** volta já – Jornal Hoje  
Sandra Annemberg - 22:41 h

Dessa forma, não há como existir a questão da saliência de Naro. Para não dar nocaute no programa GoldVarb, incluímos um dado fictício em que o pronome *a gente* faz a concordância tradicional do pronome *nós*. O dado é o expresso em 4.

- 4) **A gente** vamos ver agora.

Nocaute é uma terminologia de análise do GoldVarb (também utilizada em todos os programas da série VarbRul), “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o que exprimir pesos e frequências. 9

No ponto 3.2.2, a seguir, discutiremos mais questões relacionadas à concordância pronominal e verificaremos estudos que apontaram determinada mudança no quadro pronominal do português por conta da variação pronominal.

### 3.2.2 PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME

A maioria dos manuais escolares e gramáticas tradicionais descreve o sistema pronominal brasileiro constituído das seguintes formas eu/tu/ele/nós/ vós/eles. Porém vários estudos demonstraram que estamos diante de processo de mudança desse sistema.

Omena (1998), trabalhou com a distribuição social das formas *nós* e *a gente* e verificou que, o uso de *nós* e *a gente*, em alguns momentos, depende do contexto da fala, porém, em outros, existe uma distribuição condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Abraçado (1991) e Omena (1998) analisaram a variação entre *nosso* e *a gente*. Estudando o dialeto dos falantes da capital do Rio de Janeiro, constataram um aumento no uso da forma considerada pelas autoras como não-padrão, no caso *a gente*, em contraposição a uma diminuição da forma padrão *nós*.

Menon (1995) demonstra que o sistema pronominal do Brasil sofreu mudanças e que, muitas vezes, essas transformações não são levadas em conta por educadores e que isso pode acarretar problemas, contradições e equívocos no ensino da língua.

Lopes (1999) faz um percurso histórico-descritivo do processo de gramaticalização de *gente* para a forma *a gente* em textos escritos do século XIII ao século XIX e em textos orais do século XX.

Naro, Göski & Fernandes (1999) analisam a distribuição da 1ª pessoa do plural como uma mudança na flexão verbal. Os autores apontam que a forma *nós* é pronominal e tem como forma preferida de uso do verbo com a desinência “mos”, enquanto *a gente* é derivado de um substantivo e tem como forma preferida o verbo na 3ª pessoa com desinência Ø.

Zilles (2005) em seu estudo mostra as evidências que comprovam uma reorganização no sistema pronominal do português brasileiro. Para Zilles (2005), um dos processos de reorganização resulta no uso do pronome *a gente* em alternância com o pronome *nós*. Zilles, citando Castilho (1997) e Kuteva (2002), afirma que a língua lança mão de nomes genéricos para pronomes pessoais. Palavras como *homem*, *pessoas* ou *pessoal*, provavelmente por razões semânticas, são boas candidatas para se gramaticalizarem como pronomes indefinidos. De acordo com Zilles, um caminho para se explicar a gramaticalização é considerar um continuum de mudanças que se definem como diferentes processos que afetam um item através do

tempo. A ideia é de que a gramaticalização envolva mudanças inter-relacionadas; uma forma não muda abruptamente de uma categoria para outra, mas passa por estágios graduais dentro da língua. Para a autora, a mudança da forma *a gente* começa no século XVI com o declínio do uso de *homem* como expressão genérica ou indeterminada. De acordo com Lopes (1999), essa é uma das razões do aumento do uso da forma *a gente* no português brasileiro. Segundo Zilles, o surgimento de *a gente* representa um novo ciclo no processo de gramaticalização. O que se viu é que o processo de gramaticalização da forma *a gente* foi lento e gradual, passando por um estágio intermediário em que o nome *gente* perdeu seu traço sintático de [+ plural], cristalizando-se como artigo definido + nome com interpretação semântica coletiva e genérica.

A autora cita os estudos de Menon (1996) e Lopes (1999) que identificam um outro aspecto a ser levado em conta no processo de gramaticalização da forma *a gente*: a mudança no paradigma verbal. Para Zilles (2005), essas observações mostram que a forma *a gente* está adquirindo propriedades semânticas de pronome pessoal apoiada em um processo de gramaticalização. Paralelamente ao surgimento da forma *a gente*, houve o surgimento da forma *você*, que trouxe um grande impacto na concordância sujeito – verbo. Segundo Zilles, a perda progressiva da 2ª pessoa do singular em favor da 3ª pessoa e a integração da forma *a gente* trouxeram consequências para o sistema verbal e pronominal. Para a autora, essas mudanças acarretam redução da morfologia verbal.

No próximo capítulo apresentaremos os resultados da presente pesquisa, mostrando como a variação entre os pronomes *nós* / *a gente* ocorre nos telejornais selecionados. Os resultados serão demonstrados a partir dos dados fornecidos pelo programa GoldVarb.

#### 4 RESULTADOS DA PESQUISA

A partir de rodada realizada pelo programa Goldvarb, a que foram submetidos os dados, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos testados e selecionados como mais relevantes para entendermos o processo de alternância representado pelos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* nos telejornais da Rede Globo foram: *Presença/Ausência do pronome antes do verbo*, *gênero/sexo* e *telejornais*.

Os presentes resultados vão ao encontro de nossa hipótese, de que a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* está presente nos principais telejornais da Rede Globo, corroborando também com o que afirma Tarallo (1999) que esses meios de comunicação, apesar de tentarem refletir a norma padrão, apresentam traços variáveis da fala. Tarallo propõe ainda que os meios de comunicação sejam analisados por pesquisadores da área de sociolinguística e argumenta que se o fenômeno analisado estiver presente nos meios de comunicação, a forma concorrente, no caso o *a gente*, já está instaurada na fala da sociedade em questão, fato comprovado no presente estudo.

Da totalidade de 211 dados, temos 112 dados com o uso de *nós* e 98 com o uso de *a gente*. O gráfico 3 apresenta em porcentagem esse resultado:

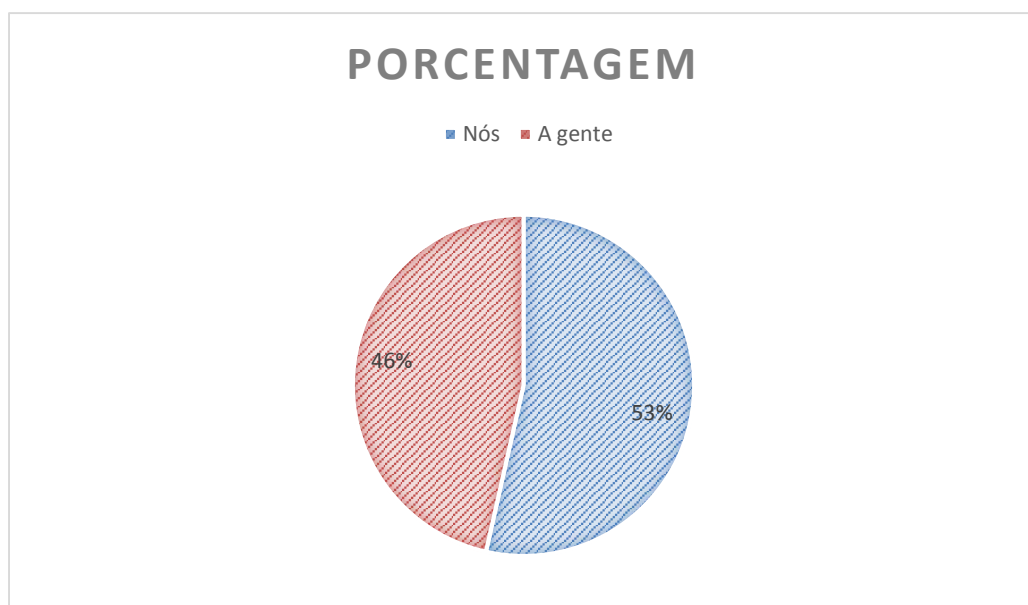


GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO GERAL EM PORCENTAGEM DOS USOS DE *NÓS* E DE *A GENTE* NA AMOSTRA  
 FONTE: O Autor (2013)

Apesar de *nós* apresentar um percentual maior, a diferença de apenas 7 pontos percentuais pode demonstrar que *a gente* já está bastante incorporado na fala dos informantes da amostra, indicando um uso crescente do mesmo.

Em seguida, apresentaremos os resultados por meio das rodadas e discutiremos os dados obtidos, comparando-os com outros trabalhos para detectar se o processo de alternância e variação analisado nesse trabalho segue a mesma tendência dos estudos anteriores.

#### 4.1 PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME

A variável linguística *Presença/Ausência* de pronome foi destacada em primeiro lugar pelo programa Goldvarb entre os demais grupos de fatores testados. No entanto essa variável não contribui diretamente para explicar o fenômeno de variação proposto nesse trabalho, porém vem reforçar outros estudos que demonstram que o português está deixando de ser uma língua de sujeito nulo. Esse fato vai ao encontro da discussão realizada por Duarte (1995), que demonstra a reestruturação do paradigma verbal frente ao sistema pronominal, em que a flexão dos verbo passa de seis para três formas básicas: (Eu falo, Você/Tu/Ele/A *gente*/Nós fala, Vocês/Eles falam). Diante disso a autora aponta que o português estaria passando de uma língua de sujeito nulo, para uma língua de sujeito pleno. Isso se confirma no presente estudo com os telejornais, uma vez que o pronome *a gente* é usado de forma expressa<sup>1</sup> em 99% dos dados em que aparece.

Podemos observar que, nas gramáticas tradicionais, para cada pronome verifica-se a correspondência exata entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Mas algumas variedades do português brasileiro, que incluíram diferentes formas de menção à segunda pessoa (singular/plural) e à primeira pessoa do plural reelaboraram o quadro pronominal e de concordância verbal, como demonstram alguns estudos de ordem variacionista (OMENA e BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1999, 2003; ZILLES, 2005).

Dessa forma, se o falante não expressar o pronome, pode ser que a sentença se torne ambígua. O quadro 5, retirado de Zilles (2005) demonstra esse processo, onde são comparados o sistema pronominal denominado pela autora como antigo e

---

<sup>1</sup> O termo *expresso* se refere a presença do pronome na frase, e tem o mesmo sentido que do termo pleno usado por Duarte (1995)

o quadro pronominal em uso, com suas respectivas concordâncias:

	Sistema pronominal antigo	Concordância	Sistema pronominal em uso	Concordância
P1	Eu	cantO	Eu	cantO
P2	Tu	CantaS	Você/Tu	cantaØ
P3	Ele/ela	cantaØ	Ele/ela	cantaØ
P4	Nós	cantaMOS	Nós/ A gente	cantaØ
P5	Vós	cantaIS	Vocês	cantaM
P6	Eles/elas	cantaM	Eles/elas	cantaM

QUADRO 7 – PARADIGMA PRONOMINAL PARA POSIÇÃO DE SUJEITO COM AS FORMAS VERBAIS CORRESPONDENTES DO PORTUGUÊS

FONTE: Zilles (2005)

No quadro, verificamos que as desinências verbais que apontam as pessoas do discurso não estão sendo marcadas no sistema pronominal em uso, ou seja, se o falante não expressar o pronome, somente a desinência não dará conta de apontar a pessoa a qual o falante está se referindo.

Duarte (1995) analisa a trajetória do preenchimento do sujeito no português brasileiro e em seu estudo verifica a inclusão do pronome *a gente* no quadro pronominal da língua, com destaque para o uso do pronome pelos jovens e a crescente utilização do mesmo por pessoas idosas. O autor afirma ainda, citando Galves (1990, 1991) que a redução dos pronomes do quadro pronominal é responsável pela perda do traço semântico, relacionado com as três pessoas do discurso, na categoria gramatical de pessoa, restando-lhe apenas o traço sintático.

Nesse mesmo sentido, Monteiro (1994, p. 146), afirma que essa reestruturação do paradigma pronominal no português do Brasil pode ter origem nessa possível diminuição do sistema de conjugação verbal; o autor observa que para algumas mudanças existe a diminuição do uso dos pronomes envolvidos, como é o caso do *vós*; e outras ainda estão em fase de variação, ocorrendo com *a gente*, em vez de *nós*, referindo-se à primeira pessoa do plural.

Em nosso estudo constatamos o que afirma Monteiro, percebemos a presença quase obrigatória do pronome no momento em que o *a gente* aparece. Em contrapartida, o uso do pronome *nós* na maioria dos casos em que ocorre, não é expresso, justamente pela concordância verbal.

Na tabela 1 temos os resultados apresentados pelo programa Goldvarb para a rodada dos dados da presente pesquisa:

TABELA 1 – PRESENÇA/AUSÊNCIA DOS PRONOMES *NÓS* / *A GENTE* EM NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESO RELATIVO

Nós				A gente		
Input 0,685 Log likelihood = -77,699 Significance = 0,229						
Fatores	Aplicação//Total	%	P.R.	Aplicação//Total	%	P.R.
Presença	47 // 145	32	0.15	98 // 145	67	0.84
Ausência	65 // 66	98	0.97	01 // 66	1	0.02
Subtotal	112 // 211	53		99 // 211	46	

Fonte: GoldVarb2001

Analisando a tabela, ao olharmos para os pesos relativos (P.R.), que é a probabilidade do fenômeno acontecer na língua, a oposição entre os pronomes analisados é grande. Enquanto o pronome *nós* não expresso apresenta peso relativo de 0.97, o *a gente* expresso conta com 0.84.

Nossa explicação para esse fenômeno vai ao encontro das conclusões de Borba (1993), ou seja, o fato do pronome *nós* tender a não ser expresso decorre da marcação na desinência “mos”.

Borba (1993) foi a primeira a analisar a variação entre *nós* e *a gente* em entrevistas do VARSUL/Paraná na cidade de Curitiba. Com a finalidade de analisar o uso na função de sujeito, a autora investigou quatro entrevistas, sendo duas de pessoas do sexo masculino e duas do feminino, divididos igualmente entre as faixas etárias A (25 a 49 anos) e B (50 anos ou mais), todos com escolaridade secundária.

Nos resultados em pesos relativos, *a gente* apresentou 0.37 para não-preenchimento, enquanto *nós*, para o mesmo fator, apresentou 0.63. A autora conclui que este resultado se deve por conta da marca verbal, pois a flexão “mos” marca o uso de *nós*, favorecendo a ausência, enquanto a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular pode se referir a outros pronomes além de *a gente*, por isso o preenchimento é necessário para esclarecer a referência.

Em nosso estudo, percebemos um distanciamento inverso da forma canônica, para a forma inovadora, quando olhamos para o ponto neutro de análise, que é 0.50. A forma *nós*, segundo o resultado, tende a ser cada vez menos usada ou quando usada, não expressa. Enquanto a forma *a gente* contará com o pronome presente (expresso).

Analisando o número de dados da tabela 1 temos 145 dados em que tanto o pronome *nós* como *a gente* aparecem de forma expressa nas falas dos informantes. E um total de 66 dados em que os pronomes não são expressos.

Olhando separadamente para os dados com o pronome *Nós*, temos um total de 112 dados dos quais 47 apresentam o pronome expresso na fala, como demonstram os seguintes exemplos:

- 5) E assim, ***nós*** encerramos essa edição, outras informações no Globo Esporte ao meio dia e quarenta e cinco e, logo em seguida, no Jornal Hoje, tenham todos um bom dia. Bom Dia Brasil – Renato Machado - 00:45:49 h
- 6) Agora ***nós*** vamos falar do tempo. Depois de uma trégua, a chuva volta com força ao sul do país. As regiões mais afetadas estão na faixa oeste dos três estados. Jornal Hoje – Evaristo Costa - 00:12:17

E a maioria, 65 dados, o pronome não é expresso, como por exemplo:

- 7) O futebol continua aqui no Jornal da Globo; vai continuar a emoção de você torcedor, mas *nós* vamos tratar também do seu bolso, ~~o~~ vamos tratar do aumento para os aposentados que deixou o governo numa situação política difícil. – Willian Waack. - 00:00:10 h

Uma das explicações para o pronome *nós* não ser expresso é que no português ainda se mantém a morfologia canônica da primeira pessoa do plural, em que a desinência “mos” está presente, como também demonstra o estudo de Borba já citado acima. Desta forma, a presença do pronome não é obrigatória, sendo o português identificado como uma língua de sujeito nulo (DUARTE, 1995), por conta justamente da desinência verbal.

Porém, com o pronome *a gente* percebemos resultados diferentes, uma vez que dos 99 dados em que aparece, em 98 deles está expresso. Apenas em um dos dados não foi expresso devido a uma retomada anafórica do pronome, o dado segue abaixo:



- 8) E é bom **a gente** lembrar que isso é o mínimo, porque se Ø deixar como está indo, perde a credibilidade, as pessoas não vão mais acreditar em mensagens da internet.” Bom Dia Brasil – Alexandre Garcia - 00:03: 50 h

Percebemos que o *a gente* não foi expresso por conta da anáfora, que propiciou que o pronome se tornasse oculto em um segundo momento sem comprometer a identificação do sujeito na sentença. Essa foi a única sentença em que se identificou o pronome *a gente* oculto. Acreditamos que esse fenômeno ocorreu apenas uma vez por conta da natureza dos dados coletados, uma vez que temos frases curtas, não existindo muitos casos com mais de um pronome na mesma sentença. Sendo esse um fenômeno raro.

Tamanine (2002), em seu estudo intitulado *A Alternância Nós/A gente* no interior de Santa Catarina, investigou, além da ocorrência isolada (exemplo 1), como fizemos no trabalho com os telejornais, o uso das duas formas pronominais quando em sequência, de dois e três pronomes, no mesmo turno de fala, o que denominou de sequência binária (exemplo 10) e ternária (exemplo 11) respectivamente:

- 9) *A gente* precisa trabalhar pra viver, né? (BLU19 SL 0006)
- 10) Não, *a gente* continua levando as coisas como *nós* levávamos em casa antigamente também. (BLU 10 SL 0600)
- 11)(...) que *a gente* morava numa casa nesse local mesmo que *nós* estamos sendo entrevistados aqui era mais do lado aqui a casa, *a gente* morou aqui, foi do meu avô, depois o meu pai comprou, hoje é minha. (LGS 16 SL 0084)

Como ocorreu na fala do apresentador Alexandre Garcia e nos exemplos acima, Tamanine (2002) considerou como sequência de formas aqueles pronomes que estivessem relacionados entre si, que mantivessem um elo na fala do informante no mesmo turno de fala.

Quanto aos resultados do trabalho, a autora observou a força do fator linguístico paralelismo, ou seja, a partir da primeira forma usada pelo falante em relação a um dos pronomes e a uma das marcas verbais consideradas, foi essa forma que, na grande maioria dos dados, se manteve num mesmo turno de fala. Além dessa informação, pertinente apenas à produção de fala do indivíduo, a autora constatou que nas ocorrências de sequências mistas, binárias e ternárias, a maior tendência

apontou para aquelas que se iniciavam pelo pronome inovador *a gente*. Apesar de a mudança de *nós* para *a gente* ter sido a mais recorrente, não encontrou claramente entre os fatores testados alguma responsabilidade direta que pudesse explicar de maneira coerente o porquê dessa alternância.

Os resultados de Tamanine (2002) indicam, numa tomada geral do ambiente das sequências, para a maior frequência da troca de *nós* por *a gente* em todos os grupos de fatores testados. “Isso mostrou que o falante não consegue mais manter o uso de *nós*, e que o pronome canônico está perdendo terreno em todos os fatores testados” (TAMANINE, 2002, p.105)

Esta pesquisa, como as demais citadas, comprovou uma tendência maior no uso da forma *a gente* e uma diminuição da forma considerada canônica. E demonstrou ainda que o *nós*, nos momentos em que é usado, na maioria das vezes, não é expreso, sendo que a identificação do pronome na sentença se dá pela desinência.

## 4.2 GÊNERO/SEXO

Em segundo lugar o programa Goldvarb destacou o fator Gênero/ Sexo, cujos dados são apresentados na tabela 2:

TABELA 2 – NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESOS RELATIVOS DE GÊNERO / SEXO APRESENTADOS PELO GOLDVARB

Nós				A gente		
Input 0,685 Log likelihood = -77,699 Significance = 0,229						
Fatores	Aplicação//Total	%	P.R.	Aplicação//Total	%	P.R.
Feminino	60 // 113	53	0.33	53 // 113	46	0.79
Masculino	52 // 98	53	0.69	46 // 98	46	0.30
Subtotal	112 // 211	53		99 // 211	46	

Fonte: GoldVarb2001

Primeiramente analisando o peso relativo, vê-se que as mulheres tendem a usar mais o pronome inovador do que os homens. O peso relativo foi de 0.79 para feminino com o uso de *a gente*, em oposição a 0.69 do uso de *nós* pelos homens. Consequentemente temos uma tendência de menor uso de *nós* pelas mulheres, com 0.33 de peso relativo, e uma tendência menor dos homens em usar *a gente*, com 0.30 de peso relativo.

Um estudo realizado em Santa Catarina por Seara (2000), que realizou pesquisa com dados de 12 entrevistas do VARSUL de Florianópolis, teve resultados próximos à presente pesquisa com telejornais quanto a variável sexo. Na distribuição geral entre *nós* e *a gente*, o uso de *a gente* representou 72% das ocorrências. Em seus resultados, mesmo usando outros grupos de fatores, destacaram-se como fatores significativos para aplicação de *a gente*: o tempo verbal (pretérito imperfeito, 82% e 0.68, associado a menor saliência fônica); **sexo (80% e 0,66 entre as mulheres)**; traço semântico do sujeito (expressão de sujeitos indeterminados 78% e 0.68) e faixa etária (primeira faixa etária, 15 a 24 anos, 76% e 0.69).

Sob a ótica de Labov (1972) as mulheres usam em menor escala variantes estigmatizadas em relação aos homens e tendem a usar mais as variantes de prestígio. Ao usarem formas com mais prestígio social, buscam alcançar status social. Almeida (1995), nesse mesmo sentido, ao tratar sobre a variável sexo afirma que há diferentes estudos sociolinguísticos que indicam que as mulheres tendem a usar formas linguísticas socialmente aceitas, rejeitando as formas estigmatizadas de forma muito mais acentuada do que os homens o fazem.

Podemos com nossos resultados verificar a confirmação dos pressupostos da sociolinguística destacados por Labov (1972) sobre o uso da variante pelas mulheres quando essa não se encontra mais estigmatizada, uma vez que ficou evidente no presente estudo que as mulheres estão à frente da mudança em questão. O fato das mulheres estarem protagonizando a mudança nos telejornais pode significar que o pronome *a gente* está incorporado na língua, sem estigma social. O resultado demonstra também que o *a gente* é usado não só em meios informais, mas também formais, como o telejornal. E mesmo em um ambiente “controlado” as mulheres tiveram peso relativo maior para *a gente*.

#### 4.3 TELEJORNAIS

O terceiro fator selecionado pelo programa GoldVarb foi o que denominamos como *telejornais*. A tabela 3 apresenta o número de dados, a porcentagem e os pesos relativos do uso de *nós/ agente* apresentados pelo GoldVarb,

TABELA 3 - NÚMERO DE DADOS, PORCENTAGEM E PESOS RELATIVOS DE TELEJORNAIS APRESENTADOS PELO GOLDVARB

Nós				A gente		
Input 0,685 Log likelihood = -77,699 Significance = 0,229						
Fatores	Aplicação/Total	%	P.R.	Aplicação/Total	%	P.R.
Bom dia Brasil	66 // 95	69	0.68	29 // 95	30	0.31
Jornal Hoje	31 // 70	44	0.39	39 // 70	55	0.60
Jornal Nacional	2 // 6	33	0.31	4 // 6	66	0.78
Jornal da Globo	13 // 40	32	0.27	27 // 40	67	0.72
Subtotal	112 // 211	46		99 // 211	53	

Fonte: GoldVarb2001

Analisando os pesos relativos verificamos que a maioria dos telejornais tendem a usar mais o pronome *a gente*. O *Jornal Hoje*, o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo* apresentaram os seguintes pesos relativos para *a gente* respectivamente: 0.60, 0.78 e 0.72. O jornal Bom Dia Brasil foi o único que destoou, apresentando 0.31 pra *a gente* e 0.68 para *nós*.

Olhando pontualmente para cada telejornal, e analisando primeiramente o Bom Dia Brasil (BDB), verificamos que quanto ao número de dados, temos um total 95 pronomes empregados nos 5 programas gravados, 66 deles são com o pronome *nós* e 29 com o pronome *a gente*. Em porcentagem temos 69% para *nós* contra 30% de uso do pronome inovador, ou seja, nesse telejornal o pronome *nós* foi mais utilizado que o *a gente*. Sendo que, como já observado, o peso relativo é de 0.68 para *nós* e 0.31 para *a gente*.

Quando olhamos para o Jornal Hoje (JH) observamos quase que o inverso da análise do BDB. Temos um total de 70 dados e um maior número de casos com o pronome *a gente*, 39, contra 31 de *nós*. Sendo assim, 55% da amostra usa o pronome inovador e 44% utiliza *nós*. Os pesos relativos demonstram 0.60 para *a gente* e 0.39 para *nós*.

No Jornal Nacional tivemos poucas ocorrências com o uso de pronomes, apenas 6, porém os dados apontam na mesma direção do JH. Sendo 2 com o *nós* e 4 com *a gente*. Percentualmente temos 33% e 66% respectivamente. O peso relativo acusa a tendência de maior uso do pronome *a gente*, com 0.78, contra 0.33 de *nós*.

O Jornal da Globo (JG) também segue a linha dos dois últimos telejornais (JH e JN) com mais ocorrências de *a gente* frente a *nós*. Da totalidade de 40 dados, 13 são relacionados ao *nós* e 27 ao *a gente*, apresentando um percentual de 32% e 67% respectivamente. Os pesos relativos também apontam para a uma maior tendência ao uso de *a gente*, com 0.72, em contrapartida a 0.27 de *nós*.

Se olharmos para os dados dos quatro telejornais ao mesmo tempo, percebemos que o BDB é o único que apresenta o maior uso de *nós*, enquanto o JH, JN e JG utilizam mais a forma inovadora, *a gente*.

Em nossa análise prévia do telejornal BDB, presente na metodologia deste trabalho, onde consta que segundo os produtores o programa apresenta uma dinamicidade maior que os demais, acreditávamos que seriam usados mais vezes o pronome inovador, porém isso não foi comprovado, uma vez que os dados mostraram o contrário. A tabela 4 mostra o cruzamento entre as variáveis *apresentadores* e a *presença/ausência* dos pronomes a fim de verificarmos se a fala de algum dos âncoras teve maior peso nos resultados,

TABELA 4 – CRUZAMENTO ENTRE APRESENTADORES E PRESENÇA / AUSÊNCIA DOS PRONOMES

		Ausência		Presença		T	%
Fatores	Pronomes	n	%	n	%		
Renato Machado	<i>A gente</i>	0	0	3	19	3	16
	<i>Nós</i>	3	100	13	81	16	84
	Total	3		16		19	
Renata Vasconcelos	<i>A gente</i>	0	0	15	65	15	42
	<i>Nós</i>	13	100	8	35	21	58
	Total	13		23		36	
Michele Loreto	<i>A gente</i>	0	0	3	100	3	14
	<i>Nós</i>	18	100	0	0	18	86
	Total	18		3		21	
Alex Escobar	<i>A gente</i>	0	0	3	100	3	43
	<i>Nós</i>	4	100	0	0	4	57
	Total	4		3		7	
Carla Vilhena	<i>A gente</i>	0		1	50	1	50
	<i>Nós</i>	0		1	50	1	50
	Total	0		2		2	
Marcio Gomes	<i>A gente</i>	0	0	1	33	1	25
	<i>Nós</i>	1	100	2	67	3	75
	Total	1		3		4	
Alexandre Garcia	<i>A gente</i>	1	100	2	40	3	50

	<b>Nós</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>60</b>	<b>3</b>	<b>50</b>
	<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>5</b>		<b>6</b>	
<b>TOTAL</b>	<b>A gente</b>	<b>1</b>		<b>28</b>		<b>29</b>	
	<b>Nós</b>	<b>40</b>		<b>26</b>		<b>66</b>	
	<b>Total</b>	<b>41</b>		<b>54</b>		<b>95</b>	

Fonte: GoldVarb2001

Olhando para os números, percebemos que todos os apresentadores do Bom Dia Brasil usaram o pronome *nós* mais vezes que o *a gente*, sendo a âncora Renata Vasconcellos que mais usou pronomes, em 36 momentos. Uma das explicações para esse fato pode ser que Vasconcellos, ao lado de Renato Machado, é âncora do telejornal e, com isso, tem mais falas que os demais. Porém se olharmos isoladamente para Renato Machado, perceberemos que ele usa menos vezes os pronomes que a garota do tempo Michelle Loreto, que conta com apenas uma inserção por edição. Isso se dá pelo fato de que em cada momento que aparece, Loreto utiliza várias vezes o pronome em sua fala, como mostram os exemplos abaixo:

12) **Nós** vamos ver imagens agora de Porto Alegre, parque “Marinha do Brasil”, o dia começou com muito nevoeiro e faz quinze graus agora na capital Gaúcha. ØViajamos pro Sudeste, pra Ouro Preto, em Minas, sol já aparece faz dezesseis graus. ØVamos ver imagens agora de Palmas, capital do Tocantis, essa aí é a Praça dos Girassóis, o dia amanheceu com algumas nuvens e faz vinte e dois graus. ØParamos agora no nordeste em Aracaju, Orlindo, um bairro industrial, o céu tem algumas nuves também, mas o sol já brilha e a temperatura é de vinte e quatro graus. – Michele Loreto - 00:33:55 h

13) A neblina também atinge as principais rodovias da região. **Nós** vamos então ver como o dia começou em Porto Alegre, bairro Menino Deus, muito, muito nevoeiro, quinze graus de temperatura. Agora **a gente** vai vê Curitiba, tai a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens ai nesse ponto da cidade, e faz doze graus. E hoje volta chover forte em parte da região Sul, é que estão chegando muitas nuvens carregadas do Norte da Argentina aqui pro Brasil. Vamos viajar mais um pouquinho? Esse aí que **a gente** vê agora Horizonte, na capital é Belo mineira a manhã começa com sol

e temperatura na casa dos dezessete graus. – Michelle Loreto – previsão do tempo - 00:10:25 h

Percebemos que Loreto tem uma característica própria de apresentar o tempo frente a outras jornalistas que o fazem diante de um mapa. Loreto narra enquanto imagens ao vivo das cidades são veiculadas, focando em um ponto de referência de cada localidade. Certamente a jornalista antecipadamente recebe um roteiro da ordem da entrada das imagens das cidades, mas percebemos que em alguns momentos existe certo improviso, quando por exemplo, a imagem demora para aparecer ou a imagem mostra algo diferente do relatado no texto, como no exemplo:

14) Agora *a gente* vai vê Curitiba, taí a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens aí nesse ponto da cidade e faz doze graus. – Michelle Loreto – 00:10:20 h

Nesse momento percebemos que o texto pré-escrito para a narração acusava o dia com nuvens e as imagens mostram poucas nuvens, dessa forma, a apresentadora descreve de forma espontânea o que vê, com isso podemos inferir que em alguns momentos Loreto utiliza a fala de forma improvisada, sem ler, porém não temos como afirmar que esse fato possa colaborar para o uso dos pronomes *nós* e *a gente* e se seu uso é aleatório ou previamente programado. Loreto foi a única *garota do tempo* analisada em todos os telejornais, uma vez que somente ela usou os pronomes analisados nesta pesquisa.

Frente a totalidade dos dados do BDB e o uso maior do pronome *nós*, podemos conjecturar que isso ocorre por um perfil editorial do telejornal, em que os jornalistas que escrevem os textos são direcionados para essa questão, porém não temos como comprovar esse fato.

Pelo perfil dos telespectadores registrado pelo IBOPE, sendo 49% do público formado por mulheres e 51% por homens. Desse total, 37% são das classes A e B e 36% da classe C. A maioria dos telespectadores, 66%, tem mais de 35 anos. (SECHIN, 2003, p. 24) percebemos que uma grande parcela é das classes A e B e com essa percepção os produtores podem de alguma forma eleger o pronome *nós* como mais culto frente ao *a gente*, mas não há como afirmar esse fato, e os dados coletados também não nos garantem essa realidade.

Também não identificamos um assunto ou outro que seria motivo para o uso de um pronome ou outro e tanto homens quanto mulheres usaram mais a forma *nós*; sendo assim, concluímos que o uso nesse telejornal dos pronomes *nós* e *a gente* não segue um padrão.

Ao analisarmos o Jornal Hoje percebemos que o resultado é inversamente proporcional ao BDB, ou seja, temos um maior número do uso de *a gente*, com 0.60 de peso relativo, contra 0.39 do uso de *nós*. Concluímos que esse fato pode estar relacionado à questão do JH ser veiculado para um público bem eclético, uma vez que é veiculado às 13h15. Como já apontado na descrição do telejornal na metodologia, a percepção dos produtores do programa baseia-se no público o qual programa atinge (crianças, idosos, donas de casa, executivos ou ainda pessoas em um restaurante almoçando). É a partir dessa percepção que podemos conjecturar que o *a gente* seja empregado por um perfil editorial do programa, perfil este diferente do jornal anteriormente analisado, o BDB. Apesar de que na descrição dos dois telejornais os produtores apontarem que seguem uma linha mais informal, o JH usou mais o *a gente*. Lembrando de que quando se fala em informalidade não estamos nos referindo especificamente à língua, também se trata do cenário que pode apresentar características mais interativas, poltronas, entrevistados no estúdio, interação entre os apresentadores, entre outras coisas.

Quanto ao Jornal Nacional, o número de dados em que são usados os pronomes em questão são poucos frente aos outros telejornais, apenas 6 vezes. Sendo em 2 momentos usados o *nós* e 4 vezes o *a gente*. O peso relativo apontou, como na maioria dos telejornais, uma tendência maior do uso de *a gente*, com 0.78.

Em apenas um dia, dos cinco programas gravados, foram usados 3 vezes o pronome *a gente*, isso se deve a uma entrevista com o então técnico da seleção brasileira de futebol, Dunga, o que pode ter motivado o uso do pronome inovador, uma vez que a apresentadora não leu o TP e falou olhando diretamente para o técnico; e não é comum este telejornal receber convidados para serem entrevistados na bancada. Abaixo seguem as transcrições dos momentos em que o pronome *a gente* apareceu nessa entrevista:

- 15) Com **a gente** aqui no estúdio do Jornal Nacional está o técnico da seleção brasileira, Dunga. Boa noite, muito obrigada por participar aqui com **a gente**.  
Jornal Nacional – Fátima Bernardes – 08:15



- 16) Vamô então agora jogá pra frente. Nessa primeira fase que **a gente** vai enfrenta lá na copa do mundo, qual é a equipe que mais preocupa? E também depois, já no mata-mata, quem é que deve merecer uma atenção maior? – Jornal Nacional - Fátima Bernardes – 11:21

Percebemos que nesses momentos quem faz uso do *a gente* é a apresentadora Fátima Bernardes, porém não há como afirmar que é por ela ser uma mulher que o pronome foi usado, porém esse fato vai ao encontro das noções de sociolinguística descritas por Labov sobre o uso de formas inovadoras não estigmatizadas por mulheres.

O outro momento do Jornal Nacional em que se usa o pronome *a gente* é o seguinte:

- 17) Nesta semana, o Jornal Nacional vai tratar de uma ameaça ambiental que não depende de acidente nenhum. Ao contrário: ela cresce no mundo todo dentro da mais absoluta normalidade. A ameaça do lixo. Numa série de reportagens especiais, **a gente** vai ver como esse problema tem provocado preocupação e tentativas de solução. Nesta segunda, o correspondente Roberto Kovalick vai mostrar o destino dos celulares velhos num país que é sinônimo de tecnologia. – Jornal Nacional – Willian Bonner - 08:30.

O que pode ter motivado o uso do *a gente* é o fato do apresentador estar tratando de um assunto diferenciado, uma série de reportagens especiais que motivou os produtores a usar uma linguagem diferente da usada tradicionalmente no telejornal, ou seja, fazendo uso de um pronome, uma vez que quase não se usam os pronomes em questão nesse programa, porém, não há como afirmar essa questão.

Acreditamos que o telejornal Jornal Nacional, por ser o mais tradicional e antigo da emissora, segue um perfil editorial que tenta repassar aos telespectadores a ideia de imparcialidade, tentando não lhes atribuir opiniões sobre os recortes dos fatos e, para tal, acaba por não fazer uso de pronomes de primeira pessoa do plural, deixando a linguagem mais impessoal. Isso, de alguma forma, explica a exclusão quase que total desses pronomes da fala dos apresentadores.

O Jornal da Globo, último telejornal veiculado pela emissora diariamente, apresentou poucas ocorrências de pronomes se comparados aos jornais Bom Dia

Brasil e Jornal Hoje; apresentando 40 dados, sendo 13 para *nós* e 27 para *a gente*. Quanto ao peso relativo, existe uma tendência maior para o uso de *a gente*, com 0.72. Esse baixo uso dos pronomes se deve ao fato do telejornal, que apesar de apresentar quadros diferenciados e um maior tempo de duração, também segue uma linha mais impessoal, tentando deixar as informações com um tom maior de imparcialidade, como observado no Jornal Nacional.

A tabela abaixo mostra a distribuição em número de dados e porcentagem para cada telejornal:

TABELA 5 – COMPARATIVO ENTRE O USO DE *A GENTE* E *NÓS* NOS TELEJORNAIS

	<b>Bom dia Brasil</b>		Jornal Hoje		Jornal Nacional		Jornal da Globo	
<b>Pronome</b>	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
<b><i>a gente</i></b>	29	31	39	56	04	67	27	78
<b><i>nós</i></b>	66	69	31	44	02	33	13	32
<b>TOTAL</b>	<b>95</b>		<b>70</b>		<b>06</b>		<b>40</b>	

Fonte: GoldVarb2001

Podemos observar na tabela acima que os telejornais matutinos apresentam um maior número de uso de pronomes, apesar do BDB usar mais o *nós* e o JH usar mais o *a gente*. E os jornais noturnos tenderem a usar menos os pronomes, porém, quando usaram, tenderam mais para o pronome inovador, *a gente*.

Diante dessas análises, constatamos que o pronome *a gente* está inserido nos meios formais de comunicação como os telejornais estudados e, com isso, alcançamos o objetivo dessa dissertação, que era verificar a presença do pronome *a gente* nos telejornais veiculados pela Rede Globo. Dessa forma, podemos inferir que o pronome *a gente* não é estigmatizado e está inserido no quadro pronominal do português, tanto na forma falada quanto escrita, uma vez que as falas dos jornalistas são previamente escritas.

## 5 CONCLUSÃO

Diante das hipóteses levantadas durante a realização desta pesquisa, pôde-se constatar que os resultados da investigação sobre a alternância pronominal *nós/ a gente* nos telejornais da Rede Globo apresentaram informações relevantes. No cômputo dos 211 dados analisados, obtivemos como resultado geral do estudo sobre

a alternância pronominal *nós/a gente* nos telejornais Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, o uso maior do pronome *a gente* que o de *nós* como referência à primeira pessoa do plural. Verificamos que foram as variáveis *Presença Ausência do Pronome*, *Sexo/Gênero* e *Telejornais* que se constituíram como os fatores mais relevante para determinar a mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*, apontando para a mudança em progresso da forma inovadora.

A variável linguística *Presença/Ausência de pronome*, foi destacada em primeiro lugar pelo programa Goldvarb entre os demais grupos de fatores testados. Apesar dessa variável não contribuir diretamente para explicar os fenômenos de variação proposto neste trabalho, reforça outros estudos que demonstram que o português está deixando de ser uma língua de sujeito nulo. Esse fato vai ao encontro da discussão realizada em estudos de ordem variacionista (OMENA e BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1999, 2003; ZILLES, 2005).

Quanto à variável *Sexo/Gênero* chegamos à conclusão que as mulheres tendem a usar mais o pronome inovador que os homens, sendo que o peso relativo foi para feminino de 0.79 usando *a gente*, em oposição a 0.69 do uso de *nós* pelos homens. Com esse resultado confirmamos um dos pressupostos da sociolinguística destacados por Labov sobre o uso da variante não estigmatizada pelas mulheres, uma vez que ficou evidente no presente estudo que as mulheres estão à frente da mudança em questão, usando mais o pronome *a gente*. Isso implica que o *a gente* não é estigmatizado no português do Brasil.

Quanto aos *telejornais*, destacados pelo programa Goldvarb como terceiro fator relevante, inferimos que o uso do pronome *a gente* tende a ser mais usado nos telejornais Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. O Jornal Bom Dia Brasil foi o único em que o uso do pronome canônico foi maior. Porém, as conclusões que chegamos para explicar esse fenômeno foram conjecturais, partindo do princípio que o uso dos pronomes segue uma linha editorial de cada programa.

Procuramos com a presente pesquisa contribuir para o debate acerca do paradigma pronominal do português do Brasil e comprovar, como afirma Tarallo (1999) que, por meio da análise dos meios de comunicação, a variação, aqui em questão entre os pronomes *nós* e *a gente*, existe na língua falada no país e deve ser melhor analisada e considerada pelos gramáticos e por aqueles que produzem os livros didáticos, a fim de levantarmos um debate maior nas escolas sobre o real uso da língua no país.



## REFERÊNCIAS

ALBÁN, M. de I R; FREITAS, J. **Eu, você em três diálogos**. Estudos linguísticos e literários, Salvador: UFBA/Instituto de Letras, 1991;11:25-38.

\_\_\_\_\_. (a) *Nós ou a gente?* In: **Estudos linguísticos e literários**. Salvador, UFBA, 1991;11:75-89.

\_\_\_\_\_. (b) *Nós e a gente* em elocuções formais. In: **Estudos linguísticos e literários**. Salvador, UFBA/IL, 1991;11:91-102.

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v.1. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-47.

ANDRADE, M. **Empalhador de Passarinho**. 3ed. São Paulo: Martins, 1972

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **HOUAISS, Antônio. O linguista e o filólogo**. UERJ/ABF. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ09\\_5.htm](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ09_5.htm) s/d. Acessado em: 12/07/2013.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBEIRO, H. e LIMA, P. R. de. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA LIMA, Fernando et alii. **Televisão e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985, (Coleção Brasil - os anos de autoritarismo).

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.

BOM DIA BRASIL. **Conheça a equipe do 'Bom Dia Brasil'**. Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/09/conheca-equipe-do-bom-dia-brasil.html>> Acessado dia 15/01/2013.

BONNER, W. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BORBA, F. da S. et al. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

\_\_\_\_\_. **Alguns aspectos sobre o uso de 'nós' e 'a gente' em Curitiba**. Fragmenta, Curitiba, n. 10. Editora da UFPR, 1993.

BRASIL, Antonio Claudio. **Antimanual de jornalismo e comunicação**. São Paulo: Senac, 2007.

BRITO, A. Jornal Hoje completa 40 anos. São Paulo. 21 de abril de 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/04/jornal-hoje-completa-40-anos.html>. Acessado em: 06/02/2012.

BUENO, E. S. da S. **Nós, a gente e o boia fria**: uma abordagem sociolinguística. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, E. A. **O uso do pronomes nós e a gente no gênero entrevista da mídia televisiva – uma análise do português culto falado em Belém**. [Artigo]. USP, 2008.

CASTRO DA SILVA, C. C. S. **A variação nós e a gente no português culto carioca**. Revista do GELNE, Piauí, v. 12, n.1, 2010.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

DE FLEUR, Melvim. **Teorias da comunicação de massa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

DEURSEN, F. V. **Como se consegue a concessão para operar um canal de TV no Brasil?**. Edição 65. São Paulo. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-se-consegue-a-concessao-para-operar-um-canal-de-tv-no-brasil>. Acessado em: 23/05/2012.

DUARTE, M. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito n o português do Brasil**. In: I. Roberts & Kato, Mary A. (orgs.) *Português brasileiro: u ma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. 2ª ed. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1996, p. 107-128. Coleção repertórios.

\_\_\_\_\_. 1995. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. UNICAMP: Campinas, SP: UNICAMP. Tese de Doutorado

FEITOZA, M. **Uma reflexão sobre o telejornalismo**. OBSERVATÁRIO DA IMPRENSA. Edição 687, 27 de março de 2012. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed687\\_uma\\_reflexao\\_sobre\\_o\\_telejornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed687_uma_reflexao_sobre_o_telejornalismo)> Acessado em 06/02/2013.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. M. **A concordância verbal com os sujeitos nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança**. Atas do I simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: Instituto de Letras, UFBA, 1986, p. 175-183.

G1. **Facebook alcança 1 bilhão de usuários ativos mensais**. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>> Acessado em: 04/03/2013

GALVÃO, A. M. O; BATISTA, A. A. G. **Oralidade e escrita: uma revisão**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago. 2006.

GAMA, A. M. M; SOUZA, SANTOS, M. F. **A comunicação midiática e a manipulação da massa**. Recanto das Letras s/d. Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3032343>>. Acessado em: 07/02/2013.

GLOBO REPORTER. **Jornalismo 24 horas**. Disponível em: <<http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-5556-2-91025,00.html>> Acessado em: 21 de novembro de 2012.

GONÇALVES, E. **A reportagem na Televisão**. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/forumedia/4/17.htm>>. Acesso em 21/01/2010.

HAUGEN (1966); HIRSH (1977). In: ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

HILGERT, J. G. **A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet**. 6. ed. São Paulo: Humanitas, NURC/SP – Núcleo USP; 2006; 4:17-55.

ILARI, R; BASSO, R. **O português da gente**. A língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

JUNIOR, E. V. Precisamos de âncoras-padrão? **JORNAL DE DEBATES**. Edição 332, junho 2005. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/precisamos\\_de\\_ancoraspadr\\_a](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/precisamos_de_ancoraspadr_a)>. Acesso em: 30/04/2013.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. 1985. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1985.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

\_\_\_\_\_. Principles of Linguistic Change: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LAPA, R. (org.) **Lições de jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. [Dissertação]. Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. C. R dos S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. [Tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1999.

MACIEL, P. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra – D. C. Luzzatto Editores, 1995.

MAIA, I. **Preconceito que cala, língua que discrimina**. BRASIL DE FATO. 23 DE DEZEMBRO DE 2010. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/5396>> Acessado em: 10/05/2013

MARINHO, J. H. S, de. **Situação atual do pronome sujeito no discurso coloquial espontâneo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1990.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010, p.220.

MENON, O. P. S, da. **O sistema pronominal do português no Brasil**. LETRAS. Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19069/12374>> Acesso em: 10/04/2014

MENON, O. P. S. **Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC/SP**. [Tese]. Universidade Paris 7, 1994.

\_\_\_\_\_. **A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil**. In: MOURA, M. D. (org). Anais do II Encontro Nacional Sobre Língua Falada e Escrita – ELFE. UFAL, Maceió, p. 397-403, 1995

\_\_\_\_\_. LAMBACH, J. B.; LANDARIN, N. R. X. N. **Alternâncias nós e a gente nos quadrinhos, análise em tempo real**. In: RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, J. (org.). **Português Brasileiro, contatos linguísticos, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal da Globo – 1979/no ar**. Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237493,00.html>> Acessado em: 15 de novembro de 2012.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, R.J. Ed. Vozes, 2000.

MOREIRA, D. **Ninjas x barões: pelos 20 centavos da comunicação**. CIRANDA INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO COMPARTILHADA. Terça-feira 16 de julho de 2013. Disponível em: <[http://www.ciranda.net/article7155.htmlhttp://www.ciranda.net/article7155.html?lang=pt\\_br](http://www.ciranda.net/article7155.htmlhttp://www.ciranda.net/article7155.html?lang=pt_br)> Acessado em: 10/04/2014



MOUILAND, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: UNB, 2002.

MURRIE, Zuleika de Felice. **Universos da palavra: da alfabetização à literatura**. São Paulo, Iglu, 1995, p. 13-24.

OMENA, Nelize Pires de. **A referência à primeira pessoa do plural**. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

PAREDES DA SILVA, V. L. **Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal**. Tese de Doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola, 2009.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira**. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

RAMOS, C.H. **Ana Paula Padrão: o desafio da repórter**. REVISTA ISTO É GENTE, editora Abril, 04 de junho de 2014. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoegente/53/reportagem/rep\\_anapaula.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/53/reportagem/rep_anapaula.htm)> Acessado em: 20 de novembro de 2012.

RANGEL, E. D. **A notícia na América Latina: mudanças de forma e conteúdo**. In: Comunicação & Sociedade. São Paulo, Cortez/IMS, 1981, nº 5.

REIS, A S; MOURA, M A; RIBAS, C S. C. **Oralidade, mediações e digital storytelling: potencialidades e a afirmação das narrativas do sujeito**. Perspect Ciênc Inf, 2009;14. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--190.pdf>>. Acesso em 19 dez 2010.

RESUMO DO DIA. **Audiência: Globo, SBT, Record**. Disponível em: <<http://resumododia.wordpress.com/?s=%22Jornal+Hoje%22>> Acessado em 20 de agosto de 2012)

SILVA B, E. S. da. **Nós, a gente e o bóia fria: uma abordagem sociolinguística**. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. EUMS, s/d.

SILVA, C., da; CESAR C. A variação *nós* e *a gente* no português culto carioca. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n.1, 2010.

SILVA, C. P. G, da. Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística. **TEMÁTICA**. Ano V, n. 06 – junho/2009. Disponível: <[http://www.insite.pro.br/2009/Junho/ancora\\_telejornalismo\\_camila.pdf](http://www.insite.pro.br/2009/Junho/ancora_telejornalismo_camila.pdf)> Acessado em: 06/02/2013.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy**. O âncora no telejornalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1993.

TAMANINE, A. M. B.. **A alternância *nós/a gente* no interior de Santa Catarina**. [Dissertação]. Mestrado. UFPR: Curitiba, 2002.

\_\_\_\_\_. **Curitiba da *gente*: um estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* na cidade de Curitiba/PR**. [Tese]. Doutorado. Curitiba: UFPR, 2010.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

YORKE, I. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

**ANEXOS**

ANEXO 01 – DADOS .....	103
ANEXO 02 - TABELA DE CODIFICAÇÃO .....	128

## ANEXO 1

DADOS
Brasil a fora essas lojas servem como uma ferramenta importante da tão falada inclusão digital. O problema é que boa parte das lan houses funciona de forma irregular, nós vamos agora a São Paulo pra falar com a Carla. Carla, e sem fiscalização, claro, esses espaços acabam sendo mal utilizados.” – Renata Vasconcelos. 00:03: 50 h – BDB – 03/05/2010.
E é bom a gente lembrar que isso é o mínimo, porque se Ø deixar como está indo, perde a credibilidade, as pessoas não vão mais acreditar em mensagens da internet. – Alexandre Garcia - 00:03: 50 h – BDB – 03/05/2010.
E é bom a gente lembrar que isso é o mínimo, porque se Ø deixar como está indo, perde a credibilidade, as pessoas não vão mais acreditar em mensagens da internet.” – Alexandre Garcia - 00:03: 50 h – BDB – 03/05/2010.
A neblina também atinge as principais rodovias da região. Nós Vamos então ver como o dia começou em Porto Alegre, bairro Menino Deus, muito, muito nevoeiro, quinze graus de temperatura. Agora a gente vai vê Curitiba, tai a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens ai nesse ponto da cidade e faz doze graus. E hoje volta chover forte em parte da região Sul, é que estão chegando muitas nuvens carregadas do Norte da Argentina aqui pro Brasil. Vamos viajar mais um pouquinho? Essa ai que a gente vê agora é Belo Horizonte, na capital mineira a manhã começa com sol e temperatura na casa dos dezessete graus.” – Michelle Loreto – previsão do tempo - 00:10:25 h – BDB – 03/05/2010.
A neblina também atinge as principais rodovias da região. Nos vamos então ver como o dia começou em Porto Alegre, bairro Menino Deus, muito, muito nevoeiro, quinze graus de temperatura. Agora a gente vai vê Curitiba, tai a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens ai nesse ponto da cidade e faz doze graus. E hoje volta chover forte em parte da região Sul, é que estão chegando muitas nuvens carregadas do Norte da Argentina aqui pro Brasil. Vamos viajar mais um pouquinho? Essa ai que a gente vê agora é Belo Horizonte, na capital mineira a manhã começa com sol e temperatura na casa dos dezessete graus.” – Michelle Loreto – previsão do tempo - 00:10:25 h – BDB – 03/05/2010.

A neblina também atinge as principais rodovias da região. Nós vamos então ver como o dia começou em Porto Alegre, bairro Menino Deus, muito, muito nevoeiro, quinze graus de temperatura. Agora a gente vai vê Curitiba, tá a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens aí nesse ponto da cidade e faz doze graus. E hoje volta chover forte em parte da região Sul, é que estão chegando muitas nuvens carregadas do Norte da Argentina aqui pro Brasil. Vamos Ø viajar mais um pouquinho? Essa aí que a gente vê agora é Belo Horizonte, na capital mineira a manhã começa com sol e temperatura na casa dos dezessete graus.” – Michelle Loreto – previsão do tempo - 00:10:25 h – BDB – 03/05/2010.

A neblina também atinge as principais rodovias da região. Nós vamos então ver como o dia começou em Porto Alegre, bairro Menino Deus, muito, muito nevoeiro, quinze graus de temperatura. Agora a gente vai vê Curitiba, tá a praça Tiradentes, o dia começou com algumas nuvens, poucas nuvens aí nesse ponto da cidade e faz doze graus. E hoje volta chover forte em parte da região Sul, é que estão chegando muitas nuvens carregadas do Norte da Argentina aqui pro Brasil. Vamos Ø viajar mais um pouquinho? Essa aí que a gente vê agora é Belo Horizonte, na capital mineira a manhã começa com sol e temperatura na casa dos dezessete graus.” – Michelle Loreto – previsão do tempo - 00:10:25 h – BDB – 03/05/2010.

A gente, daqui a pouco vai mostrar também muito mais campeões aí estaduais pelo Brasil. E agora a gente fala de maratona internacional de São Paulo, a brasileira Marizete Moreira foi bicampeã da competição. Vamos ver as imagens da Marizete chegando... – Alex Escobar - 00:20:57 h – BDB – 03/05/2010.

A gente, daqui a pouco vai mostrar também muito mais campeões aí estaduais pelo Brasil. E agora, a gente fala de maratona internacional de São Paulo, a brasileira Marizete Moreira foi bicampeã da competição. Vamos ver as imagens da Marizete chegando... – Alex Escobar - 00:20:57 h – BDB – 03/05/2010.

A gente, daqui a pouco vai mostrar também muito mais campeões aí estaduais pelo Brasil. E agora, a gente fala de maratona internacional de São Paulo, a brasileira Marizete Moreira foi bicampeã da competição. ØVamos ver as imagens da Marizete chegando... Alex Escobar - 00:20:57 h – BDB – 03/05/2010.

Pesquisadores descobrem uma família de onças vivendo no Parque Nacional de Foz do Iguaçu. A gente volta num instante.”– Renata Vasconcelos. - 00:28:28 h – BDB – 03/05/2010.

<p>ØVamo volta falá de futebol, nós vamos vê quem mais foi campeão ontem. Escobar, Rio grande do Sul agora.” – Renata Vasconcelos - 00:31:17 h – BDB – 03/05/2010.</p>
<p>ØVamo volta falá de futebol, nós vamos vê quem mais foi campeão ontem. Escobar, Rio grande do Sul agora.” – Renata Vasconcelos - 00:31:17 h – BDB – 03/05/2010.</p>
<p>E assim, nós encerramos essa edição, outras informações no Globo Esporte ao meio dia e quarenta e cinco e, logo em seguida, no Jornal Hoje, tenham todos um bom dia. – Renato Machado - 00:45:49 h – BDB – 03/05/2010.</p>
<p>Uma ótima segunda feira pra você, a gente volta a se encontrar amanhã, até lá. – Renata Vasconcelos - 00:46:00 h – BDB – 03/05/2010.</p>
<p>Nós abrimos esta edição com a história de duas mulheres grávidas que no ano passado se internaram no hospital de Goiânia. – Renato Machado - 00:01:16 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>A história do jornalismo no século vinte, como nós o conhecemos, se divide, praticamente, em duas metades: antes e depois de Carl Bourton e do episódio watergait.” – Renato Machado - 00:10:02 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Carl Steak é autor de vários livros e muitas pesquisas, está no jornalismo a cinquenta anos, e nós vamos perguntar pra ele o que que mudou nestes cinqüenta anos.” Renato Machado - 00:10:50 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Agora a gente vai ver, justamente um vídeo do filme “todos os homens do presidente”, justamente o informante, aquela pessoa que dá a chave, que dá o caminho das pedras pro repórter... - Renato Machado - 00:12:40 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Nós Vamos falar agora da previsão do tempo com a Michelle Loreto. Michele tem frente fria hoje no sul do Brasil?” – Renata Vasconcelos - 00:14:39 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Nós Vamos, então, agora ver imagens de Florianópolis, essa ai é a avenida beira mar Norte, o dia amanheceu com algumas nuvens, vai chover forte hoje na cidade, neste momento faz vinte graus.” – Michele Loreto - 00:15:01 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Nós vamos ver então imagens ao vivo da capital paulista, o dia amanheceu com muito muito sol, poucas nuvens e agora faz dezoito graus.” – Michele Loreto - 00:15:19 h – BDB – 04/05/2010.</p>
<p>Nós Vamos ver agora como o dia começou pelo Brasil afora? Essas são imagens do farol de Olinda, o dia começou com tempo nublado e calor, faz vinte e seis graus agora na cidade. Vamos pra Brasília, no centro oeste, esplanada dos ministérios, o sol já brilha forte e os termômetros marcam agora quinze graus.” – Michele Loreto - 00:16:00 h – BDB – 04/05/2010.</p>

Nós Vamos ver agora como o dia começou pelo Brasil afora? Essas são imagens do farol de Olinda, o dia começou com tempo nublado e calor, faz vinte e seis graus agora na cidade. Vamos pra Brasília, no centro oeste, esplanada dos ministérios, o sol já brilha forte e os termômetros marcam agora quinze graus.” – Michele Loreto - 00:16:00 h – BDB – 04/05/2010.

Daqui a pouco nós vamos voltar a falar do caso dos bebês trocados em Goiânia.” - Renato Machado – 00:17:01 h – BDB – 04/05/2010.

A gente conta esta história já já, agora são sete e trinta e seis – Renata Vasconcelos - 00:21:32 h – BDB – 04/05/2010.

Um problemão Renato, uma dor de cabeça. Nós vamos, então, a São Paulo, falar com a Carla Vilhena.” – Renata Vasconcelos - 00:24:09 h – BDB – 04/05/2010.

No começo desta edição, nós falamos sobre o caso dos bebês trocados em Goiânia, uma história absurda. Ontem, depois de um ano de sofrimento, eles foram destrocados. Nós vamos conversar, agora ao vivo, com o repórter Fábio Castro que tem outras informações. - Renato Machado - 00:39:00 h – BDB – 04/05/2010.

No começo desta edição, nós falamos sobre o caso dos bebês trocados em Goiânia, uma história absurda. Ontem, depois de um ano de sofrimento, eles foram destrocados. Nós vamos conversar, agora ao vivo, com o repórter Fábio Castro que tem outras informações. - Renato Machado - 00:39:00 h – BDB – 04/05/2010.

A gente volta num instante, agora são oito horas em ponto. Renata Vascellos - 00:42:46 h – BDB – 04/05/2010.

E assim nós encerramos esta edição, mais informações a uma e quinze da tarde no Jornal Hoje, tenham todos um bom dia.” – Renato Machado - 00:51:32 h – BDB – 04/05/2010.

Uma ótima terça feira pra você, a gente volta a se encontrar amanhã, até lá.” – Renata Vasconcelos - 00:51:43 h – BDB – 04/05/2010.

A câmara derrubou o fator previdenciário, é um nome complicado, mas a gente vai tentar explicar. Na prática o fator previdenciário é um mecanismo que diminui o benefício de quem se aposenta cedo demais. – Renata Vasconcellos - 00:02:03 h – BDB – 05/05/2010.

Nós Vamos falá da previsão do tempo agora. Na maior parte do país sol, e chuva na região norte. Mas a gente quer saber os detalhes, vamo conversar com a Michele Loreto. A gente pode esperar mudanças pros próximos dias, Michele?” – Renata Vasconcellos - 00:13:00 h – BDB – 05/05/2010.

Nós Vamos falá da previsão do tempo agora. Na maior parte do país sol, e chuva na região norte. Mas a gente quer saber os detalhes, vamo conversar com a Michele Loreto. A gente pode esperar mudanças pros próximos dias, Michele?” – Renata Vasconcellos - 00:13:00 h – BDB – 05/05/2010.

Nós vamos ver agora como o dia começa em algumas cidades... Vamos viajar pro Sul, essa ai é a praia de Caiobá, no Paraná. O dia começou com o tempo aberto, dezenove graus de temperatura... Vamos ver imagens agora de Maceió...” – Michelle Loreto - 00:13:29 h – BDB – 05/05/2010.

Nós vamos ver agora como o dia começa em algumas cidades... Vamos viajar pro Sul, essa ai é a praia de Caiobá, no Paraná. O dia começou com o tempo aberto, dezenove graus de temperatura... Vamos ver imagens agora de Maceió...” – Michelle Loreto - 00:13:29 h – BDB – 05/05/2010.

Nós vamos ver agora como o dia começa em algumas cidades... Vamos viajar pro Sul, essa ai é a praia de Caiobá, no Paraná. O dia começou com o tempo aberto, dezenove graus de temperatura... Vamos ver imagens agora de Maceió...” – Michelle Loreto - 00:13:29 h – BDB – 05/05/2010.

ØVamos falar das eleições dois mil e dez” – Renato Machado - 00:15:08 h – BDB – 05/05/2010.

ØVamô falar de futebol agora, Renata teve jogo do São Paulo ontem a noite na Libertadores.” – Renato Machado - 00:17:12 h – BDB – 05/05/2010.

A gente mostra já já, agora são sete e trinta e sete” – Renata Vasconcellos - 00:22:39 h – BDB – 05/05/2010.

e dos avanços da tecnologia, a gente foi ouvir especialistas. Carla os médicos tão otimistas, mas também tem cautela” – Renata Vasconcellos - 00:25:20 h – BDB – 05/05/2010.

A gente volta num instante, agora são sete e quarenta e cinco” – Renata Vasconcellos - 00:30:14 h – BDB – 05/05/2010.

Eu queria lembrar, inclusive a nós jornalistas, houve uma época em que nós condenávamos as adoções de crianças brasileiras por estrangeiros, políticos, entidades da sociedade, se mobilizavam para trazer de volta crianças retiradas da sarjeta aqui no Brasil, que já estavam saudáveis, falando a língua do país, estudando, desfrutando do aconchego de um lar” – Alexandre Garcia - 00:35:32 h – BDB – 05/05/2010.

E a gente volta num instante para mostrar o projeto que impede a candidatura de condenados pela justiça foi aprovado pelo congresso. – Renato Machado - 00:38:22 h – BDB – 05/05/2010.



Nós Vamos voltá a Brasília agora. Além do reajuste dos aposentados, a câmara aprovou outra votação importante no fim da noite de ontem, conta pra gente Zileide. – Renata Vasconcellos - 00:43:31 h – BDB – 05/05/2010.

Conseguiu-se um texto, o texto vai para a câmara, ai os deputados dizem assim “não, vocês não sabem de nada, nós é que sabemos o que é bom para os políticos” e ai fizeram emendas que esterilizam o projeto original... – Alexandre Garcia - 00:44:35 h – BDB – 05/05/2010.

É muito normal, a gente fica às vezes preso no engarrafamento que se forma na marginal né, e vê famílias de capivaras. – Carla Vilhena - 00:53:32 h – BDB – 05/05/2010.

E assim nós encerramos esta edição, outras informações a uma e quinze da tarde no jornal hoje, tenham todos um bom dia.” – Renato Machado - 00:53:13 h – BDB – 05/05/2010.

Uma ótima quarta feira pra você, a gente volta se encontrar amanhã, até lá.– Renata Vasconcellos - 00:53:20 h – BDB – 05/05/2010.

Nós abrimos esta edição com uma notícia esperada há muito tempo. Foram localizadas as caixas pretas do voo 447 da AirFrance. - Renato Machado - 00:01:35 h – BDB – 06/05/2010.

ØVamos, então, direto ao escritório da Globo na Europa, falar ao vivo com o correspondente Marcos Losekann – Renata Vasconcellos - 00:01:58 h – BDB – 06/05/2010

Qualquer outra informação a gente volta com o Losekann ainda nesta edição” – Renata Vasconcellos - 00:03:13 h – BDB – 06/05/2010

A gente vai falar agora da crise que vem preocupando o mundo. – Renata Vasconcellos - 00:18:56 h – BDB – 06/05/2010

ØVamos voltar a Londres conversar com Marcos Losekann.” Renato Machado - 00:21:53 h – BDB – 06/05/2010

Nós voltamos já, já! Agora são sete e trinta e um” – Renato Machado - 00:24:35 h – BDB – 06/05/2010

ØVamos a Brasília conversar com Zileide Silva.” – Renata Vasconcelos - 00:27:16 h – BDB – 06/05/2010

Nós vamos ver imagens agora de Porto Alegre, parque “Marinha do Brasil”, o dia começou com muito nevoeiro e faz quinze graus agora na capital Gaúcha. Viajamos pro Sudeste, pra Ouro Preto, em Minas, sol já aparece faz dezesseis graus. Vamos ver imagens agora de Palmas, capital do Tocantis, essa ai é a Praça dos Girasóis, o dia amnaheceu com algumas nuvens e faz vinte e dois graus. Paramos agora no nordeste em Aracaju, Orlindo, um bairro industrial, o céu tem algumas nuves também, mas o sol já brilha e a temperatura é de vinte e quatro graus.” – Michele Loreto - 00:33:55 h – BDB – 06/05/2010

Nós vamos ver imagens agora de Porto Alegre, parque “Marinha do Brasil”, o dia começou com muito nevoeiro e faz quinze graus agora na capital Gaúcha. Viajamos pro Sudeste, pra Ouro Preto, em Minas, sol já aparece faz dezesseis graus. Vamos ver imagens agora de Palmas, capital do Tocantis, essa ai é a Praça dos Girasóis, o dia amnaheceu com algumas nuvens e faz vinte e dois graus. Paramos agora no nordeste em Aracaju, Orlindo, um bairro industrial, o céu tem algumas nuves também, mas o sol já brilha e a temperatura é de vinte e quatro graus.” – Michele Loreto - 00:33:55 h – BDB – 06/05/2010

Nós vamos ver imagens agora de Porto Alegre, parque “Marinha do Brasil”, o dia começou com muito nevoeiro e faz quinze graus agora na capital Gaúcha. Viajamos pro Sudeste, pra Ouro Preto, em Minas, sol já aparece faz dezesseis graus. Vamos ver imagens agora de Palmas, capital do Tocantis, essa ai é a Praça dos Girasóis, o dia amnaheceu com algumas nuvens e faz vinte e dois graus. Paramos agora no nordeste em Aracaju, Orlindo, um bairro industrial, o céu tem algumas nuves também, mas o sol já brilha e a temperatura é de vinte e quatro graus.” – Michele Loreto - 00:33:55 h – BDB – 06/05/2010

Nós vamos ver imagens agora de Porto Alegre, parque “Marinha do Brasil”, o dia começou com muito nevoeiro e faz quinze graus agora na capital Gaúcha. Viajamos pro Sudeste, pra Ouro Preto, em Minas, sol já aparece faz dezesseis graus. Vamos ver imagens agora de Palmas, capital do Tocantis, essa ai é a Praça dos Girasóis, o dia amnaheceu com algumas nuvens e faz vinte e dois graus. Paramos agora no nordeste em Aracaju, Orlindo, um bairro industrial, o céu tem algumas nuves também, mas o sol já brilha e a temperatura é de vinte e quatro graus.” – Michele Loreto - 00:33:55 h – BDB – 06/05/2010

Daqui a pouco, nós voltamos pra falar de uma história incrível – Renato Machado - 00:37:06 h – BDB – 06/05/2010

A gente volta num instante, agora são sete e cinquenta e dois – Renata Vasconcellos - 00:37:23 h – BDB – 06/05/2010

Na terça feira nós exibimos uma reportagem falando sobre o problema dos cães e dos gatos abandonados nas grandes cidades. A reação foi muito grande, nós recebemos muitas mensagens na nossa página da internet [g1.com.br/bomdiabrasil](http://g1.com.br/bomdiabrasil). E muita gente, com razão, fez duras críticas quando o assunto é eutanásia. - Renata Vasconcellos - 00:40:38 h – BDB – 06/05/2010

Na terça feira nós exibimos uma reportagem falando sobre o problema dos cães e dos gatos abandonados nas grandes cidades. A reação foi muito grande, nós recebemos muitas mensagens na nossa página da internet [g1.com.br/bomdiabrasil](http://g1.com.br/bomdiabrasil). E muita gente, com razão, fez duras críticas quando o assunto é eutanásia. - Renata Vasconcellos - 00:40:38 h – BDB – 06/05/2010

Carla, a gente volta a falr do assunto para fazer alguns esclarecimentos” – Renato Machado - 00:40:58 h – BDB – 06/05/2010

É isso Renato, nós fomos ouvir uma representante da Suipa, a Sociedade protetora dos animais, para saber qual seria a solução para os cães abandonados... E é essa solução que nós estamos cobrando aqui, é um modo digno de tratamento pra eles, o fato é que a sociedade precisa com urgência discutir o assunto. Vamos relebrar então a reportagem e saber o que disse a representante da Suipa. – Carla Vilhena - 00:41:05 h – BDB – 06/05/2010

A metade azul de Porto Alegre té feliz, a gente já mostrou o Grêmio na semi final da Copa do Brasil...” – Alex Escobar - 00:51:13 h – BDB – 06/05/2010

E assim nós encerramos esta edição, outras informações no Globo Esporte ao meio dia e quarenta e cinco e, logo em seguida, no Jornal Hoje. Tenham todos vocês um bom dia” – Renato Machado - 00:54:49 h – BDB – 06/05/2010

Uma ótima quinta feira pra você, a gente volta a se encontrar amanhã, até lá. – Renata Vasconcellos - 00:55:01 h – BDB – 06/05/2010

Nós hoje preparamos uma cobertura especial para você ai de casa que quer ver o que está acontecendo na economia mundial. Estamos aqui em nossos estúdios com a Miriam Leitão e ali no nosso telão, ao vivo de Tóquio, nosso correspondente Roberto Covalini. – 00:01:23 h - Marcio Gomes. – BDB – 07/05/2010

Nós hoje preparamos uma cobertura especial para você ai de casa que quer ver o que está acontecendo na economia mundial. Estamos aqui em nossos estúdios com a Miriam Leitão e ali no nosso telão, ao vivo de Tóquio, nosso correspondente Roberto Covalini. - Marcio Gomes – 00:01:23 h – BDB – 07/05/2010

No Japão o governo adotou medidas para tentar conter os efeitos do choque na economia mundial, mas o temor dos investidores não diminuiu e as bolsas voltaram a fechar no vermelho, isso a gente vai ver agora saber dos detalhes lá em Tóquio com Roberto Kovalik. - Renata Vasconcelos - 00:02:02 h – BDB – 07/05/2010

Mirian Leitão, bolsas em queda na Ásia, crise na Europa, um nervosismo fora do comum nos Estados Unidos. Será que a gente tá prevendo aí uma nova crise global? – Renata Vasconcelos - 00:06:02 h – BDB – 07/05/2010

Nós vamos direto a Londres agora de onde fala ao vivo o correspondente Marcos Losekan. – Renata Vasconcelos - 00:09:33 h – BDB – 07/05/2010

Bom, vamos mudá um pouquinho de assunto agora, Mirian, respira um pouquinho, conversa com a Michele Loreto, porque o fim de semana tá chegando e a gente quer saber como é vai ficar o tempo. Michele Loreto, e aquela frente fria de ontem? – Renata Vasconcelos - 00:13:12 h – BDB – 07/05/2010

Nós vamos ver então como é que tá o tempo agora em São Paulo? Essas são imagens ao vivo da região da Avenida Paulista, ainda tem um pouco de nevoeiro, você vê aí, dezoito graus de temperatura neste momento em São Paulo. Agora vamos imagens do Rio de Janeiro, aterro do Flamengo, o dia também amanheceu com muito nevoeiro no Rio, os aeroportos estão abertos, agora faz vinte e três graus na cidade. Viajamos pro Sul, pra Foz do Iguaçu, as cataratas aí, tempo tá nublado, faz vinte graus, vai chover forte hoje em todo o estado do Paraná. No Norte e no Nordeste o tempo não muda quase nada, vamos ter chuva, tempo abafado em grande parte dessas regiões e tempo seco no sertão nordestino. Vamos então ver imagens da Zona Rural de Vitória da Conquista, na Bahia, o céu tá aberto, o sol já aparece e faz dezenove graus. – Michele Loreto - 00:14:00 h – BDB - 07/05/2010.

Nós vamos ver então como é que tá o tempo agora em São Paulo? Essas são imagens ao vivo da região da Avenida Paulista, ainda tem um pouco de nevoeiro, você vê aí, dezoito graus de temperatura neste momento em São Paulo. Agora vamos imagens do Rio de Janeiro, aterro do Flamengo, o dia também amanheceu com muito nevoeiro no Rio, os aeroportos estão abertos, agora faz vinte e três graus na cidade. Viajamos pro Sul, pra Foz do Iguaçu, as cataratas aí, tempo tá nublado, faz vinte graus, vai chover forte hoje em todo o estado do Paraná. No Norte e no Nordeste o tempo não muda quase nada, vamos ter chuva, tempo abafado em grande parte dessas regiões e tempo seco no sertão nordestino. Vamos então ver imagens da Zona Rural de Vitória da Conquista, na Bahia, o céu tá aberto, o sol já aparece e faz dezenove graus. – Michele Loreto - 00:14:00 h – BDB - 07/05/2010.

Nós vamos ver então como é que tá o tempo agora em São Paulo? Essas são imagens ao vivo da região da Avenida Paulista, ainda tem um pouco de nevoeiro, você vê aí, dezoito graus de temperatura neste momento em São Paulo. Agora Øvemos imagens do Rio de Janeiro, aterro do Flamengo, o dia também amanheceu com muito nevoeiro no Rio, os aeroportos estão abertos, agora faz vinte e três graus na cidade. ØViajamos pro Sul, pra Foz do Iguaçu, as cataratas aí, tempo tá nublado, faz vinte graus, vai chover forte hoje em todo o estado do Paraná. No Norte e no Nordeste o tempo não muda quase nada, Øvamos ter chuva, tempo abafado em grande parte dessas regiões e tempo seco no sertão nordestino. ØVamos então ver imagens da Zona Rural de Vitória da Conquista, na Bahia, o céu tá aberto, o sol já aparece e faz dezenove graus. – Michele Loreto - 00:14:00 h – BDB - 07/05/2010.

Nós vamos ver então como é que tá o tempo agora em São Paulo? Essas são imagens ao vivo da região da Avenida Paulista, ainda tem um pouco de nevoeiro, você vê aí, dezoito graus de temperatura neste momento em São Paulo. Agora Øvemos imagens do Rio de Janeiro, aterro do Flamengo, o dia também amanheceu com muito nevoeiro no Rio, os aeroportos estão abertos, agora faz vinte e três graus na cidade. ØViajamos pro Sul, pra Foz do Iguaçu, as cataratas aí, tempo tá nublado, faz vinte graus, vai chover forte hoje em todo o estado do Paraná. No Norte e no Nordeste o tempo não muda quase nada, Øvamos ter chuva, tempo abafado em grande parte dessas regiões e tempo seco no sertão nordestino. ØVamos então ver imagens da Zona Rural de Vitória da Conquista, na Bahia, o céu tá aberto, o sol já aparece e faz dezenove graus. – Michele Loreto - 00:14:00 h – BDB - 07/05/2010.

Nós vamos ver então como é que tá o tempo agora em São Paulo? Essas são imagens ao vivo da região da Avenida Paulista, ainda tem um pouco de nevoeiro, você vê aí, dezoito graus de temperatura neste momento em São Paulo. Agora Øvemos imagens do Rio de Janeiro, aterro do Flamengo, o dia também amanheceu com muito nevoeiro no Rio, os aeroportos estão abertos, agora faz vinte e três graus na cidade. ØViajamos pro Sul, pra Foz do Iguaçu, as cataratas aí, tempo tá nublado, faz vinte graus, vai chover forte hoje em todo o estado do Paraná. No Norte e no Nordeste o tempo não muda quase nada, Øvamos ter chuva, tempo abafado em grande parte dessas regiões e tempo seco no sertão nordestino. ØVamos então ver imagens da Zona Rural de Vitória da Conquista, na Bahia, o céu tá aberto, o sol já aparece e faz dezenove graus. – Michele Loreto - 00:14:00 h – BDB - 07/05/2010.

00:18:30 h - E daqui a pouco a gente vai falar de saúde, o desespero de quem precisa de uma consulta em Vitória – Renata Vasconcellos – BDB - 07/05/2010.

Alexandre Garcia, surto de doença que se repete, uma hora é a dengue, agora é a meningite. A gente viu, lá em Vitória, filas enormes, descabidas pra atendimento em hospital público, e como bem lembrou a entrevistada, a Dona Maria de Fátima, é uma pessoas que paga imposto, ou seja, são pessoas, cidadãos que pagam seus impostos, é um direito do cidadão ter um atendimento digno na saúde NE, o que que tá, o que que falta? – Michele Loreto - 00:26:14 h – BDB - 07/05/2010.

O Estado não está cumprindo os seus deveres, é o que a gente vê em toda parte. – Alexandre Garcia - 00:26:14 h – BDB - 07/05/2010.

Mostrando que nas estatísticas, nós somos tão imperfeitos quanto no combate as doenças anuais. Alexandre Garcia - 00:27:45 h – BDB - 07/05/2010.

Vamos até lá então falar com a Carla Vilhena. – Renata Vasconcelos - 00: 32:49 h – BDB - 07/05/2010.

Será que isso é seguro, a gente fez o teste, olha só. – Renata Vasconcellos - 00:35:36 h – BDB - 07/05/2010.

A gente mostra num instante, agora são sete e cinquenta e dois. – Renata Vasconcelos - 00:37:42 h – BDB - 07/05/2010.

Vamô voltá a São Paulo, Carla são mães que nunca saem de perto dos seus filhos. – Renata Vasconcelos - 00:40:23 h – BDB - 07/05/2010.

A gente volta já já com esse enigma, agora são oito horas em ponto pelo horário de Brasília. - Marcio Gomes - 00:45:12 h – BDB - 07/05/2010.

Mas valeu a brincadeira, então vamô fazê o seguinte, vamô brinca de novo. Dá uma olhada aí nos resultados pra primeira rodada. – Alex Escobar - 00:53:39 h – BDB - 07/05/2010.
Mas valeu a brincadeira, então vamô fazê o seguinte, vamô brinca de novo. Dá uma olhada aí nos resultados pra primeira rodada. – Alex Escobar - 00:53:39 h – BDB - 07/05/2010.
O fenômeno ficou muito triste com as críticas ao desempenho dele, vamô vê o que ele disse ontem – Alex Escobar - 00:59:00 h – BDB - 07/05/2010.
E assim nós encerramos esta edição, outras informações no globo esporte ao meio dia e quarenta e cinco. - Marcio Gomes - 01:02:14 h – BDB - 07/05/2010.
Uma ótima sexta feira pra você, a gente se despede com as imagens da semana – Renata Vasconcellos - 01:02:25 h – BDB - 07/05/2010.
A gente começa essa edição falando de uma pesquisa feita nos Estados Unidos que concluiu que a Fé pode ajudar na prevenção de doenças cardiovasculares – Evaristo Costa - 00:02:00 h – JH - 03/05/2010.
Agora, uma boa notícia se você estiver procurando emprego. Então preste atenção nesta reportagem porque nós vamos apresentar quatro grandes setores com muita oferta no país – Evaristo Costa - 00:07:00 h – JH - 03/05/2010.
Agora nós vamos falar do tempo. Depois de uma trégua, a chuva volta com força ao sul do país. As regiões mais afetadas estão na faixa oeste dos três estados. – Evaristo Costa - 00:12:17 – JH - 03/05/2010.
Eu vou explicar para o telespectador. A gente tem um computador aqui a gente tem um teclado, e dez vez em quando a gente troca umas mensagens. Agora eu tava vendo, por exemplo, se a gente tem tempo pra bater esse papo – Sandra Annenberg - 00:13:55 h – JH - 03/05/2010.
Eu vou explicar para o telespectador. A gente tem um computador aqui a gente tem um teclado, e dez vez em quando a gente troca umas mensagens. Agora eu tava vendo, por exemplo, se a gente tem tempo pra bater esse papo – Sandra Annenberg - 00:13:55 h – JH - 03/05/2010.
Eu vou explicar para o telespectador. A gente tem um computador aqui a gente tem um teclado, e dez vez em quando a gente troca umas mensagens. Agora eu tava vendo, por exemplo, se a gente tem tempo pra bater esse papo – Sandra Annenberg - 00:13:55 h – JH - 03/05/2010.
Eu vou explicar para o telespectador. A gente tem um computador aqui a gente tem um teclado, e dez vez em quando a gente troca umas mensagens. Agora eu tava vendo, por exemplo, se a gente tem tempo pra bater esse papo – Sandra Annenberg - 00:13:55 h – JH - 03/05/2010.

E a gente ta fazendo essa brincadeira, pra gente podê entrá no nosso próximo assunto. Que é a curiosidade das pessoas. Nós vamos alar também dos namorados, ciumentos, que fiscalizam as mensagens dos parceiros – Evaristo costa - 00:14:05 – JH - 03/05/2010.

E a gente ta fazendo essa brincadeira, pra gente podê entrá no nosso próximo assunto. Que é a curiosidade das pessoas. Nós vamos alar também dos namorados, ciumentos, que fiscalizam as mensagens dos parceiros – Evaristo costa - 00:14:05 – JH - 03/05/2010.

E a gente ta fazendo essa brincadeira, pra gente podê entrá no nosso próximo assunto. Que é a curiosidade das pessoas. Nós vamos falar também dos namorados, ciumentos, que fiscalizam as mensagens dos parceiros – Evaristo costa - 00:14:05 – JH - 03/05/2010.

Agora uma e trinta e um, pelo horário de Brasília, a gente volta já já – Sandra Annenberg - 00:16:38 h – JH - 03/05/2010.

ØVamos falar ao vivo com Flavio Fachel. Fachel, boa tarde, cada imagem gravada ta ajudando a polícia a montar esse quebra-cabeça ali na Times Square, né? – Sandra Annenberg - 00:17:10 h – JH - 03/05/2010.

O Fachel, essa é mais uma preocupação pro governo Obama, pode dizer pra gente como que ta o vazamento de petróleo lá no golfo do México, pode dizer como é que áa a situação por lá? – Evaristo Costa - 00:18:45 h – JH - 03/05/2010.

Vamô muda completamente de assunto, sai das notícias internacionais, e a gente vai falá agora de maquiagem. – Sandra Annenberg - 00:20:10 h – JH - 03/05/2010.

Agora uma e quarenta pelo horário de Brasília, a gente volta já já – Sandra Annenberg - 00:22:47 h – JH - 03/05/2010.

ØEstamos na contagem regressiva para a copa do mundo e Øvamos dar um pulinho na Africa do Sul, onde há muitas línguas oficiais para gritar é gol. – Sandra Annenberg - 00:23:04 – JH - 03/05/2010.

ØEstamos na contagem regressiva para a copa do mundo e Øvamos dar um pulinho na Africa do Sul, onde há muitas línguas oficiais para gritar é gol. – Sandra Annenberg - 00:23:04 – JH - 03/05/2010.

Já que a gente ta falando de copa né, já que a gente ta no clima da copa, os meninos já mostram os pentiados que farão sucesso na hora de torcer pela nossa seleção – Evaristo Costa - 00:24:10 h – JH - 03/05/2010.

Já que a gente ta falando de copa né, já que a gente ta no clima da copa, os meninos já mostram os pentiados que farão sucesso na hora de torcer pela nossa seleção – Evaristo Costa - 00:24:10 h – JH - 03/05/2010.



Eu acho que nós estávamos ali com as imagens invertidas – Sandra Annenberg - 00:27:45 h – JH - 03/05/2010.
Boa tarde pra você, amanhã a gente se vê. – Sandra Annenberg - 00:29:00 h – JH - 03/05/2010.
Bom, desde a semana passada a gente ta noticiando aqui no Jornal Hoje uma sucessão de histórias envolvendo crianças – Evaristo Costa - 00:04:30 h – JH - 05/05/2010.
Oi, a gente ainda vai continuar falando sobre crianças, o assunto ainda é crianças. A Justiça do Rio pode decretar ainda hoje a prisão da procuradora aposentada acusada de maus tratos contra a criança que estava adotando. – Evaristo Costa - 00:07:10 h – JH - 05/05/2010.
Bom você se lembra que a gente mostrou ontem aqui no Jornal Hoje aquela cratera que se formou em Aracaju, né. E hoje nós vamos conversar com a Eliana. Eliana, parece que aquela cratera aumentou ainda mais por causa da chuva, isso? – Evaristo Costa 00:11:25 h – JH - 05/05/2010.
Bom você se lembra que a gente mostrou ontem aqui no Jornal Hoje aquela cratera que se formou em Aracaju, né. E hoje nós vamos conversar com a Eliana. Eliana, parece que aquela cratera aumentou ainda mais por causa da chuva, isso? – Evaristo Costa - 00:11:25 h – JH - 05/05/2010.
Agora uma e vinte e sete pelo horário de Brasília, a gente volta já já – Sandra Annenberg - 00:12:50 h – JH - 05/05/2010.
Bom agora a gente vai falar, porque tem uma pesquisa que diz que quem dorme pouco, que isso faz muito mal à saúde. A pesquisa dos cientistas britânicos descobriu que a falta de sono pode até matar. – Evaristo Costa - 00:16:29 h – JH - 05/05/2010.
Isso é preocupante, então vamos à Londres. Marcos Losecam, quantas horas a gente deve dormir por noite? – Sandra Annenberg. – JH - 05/05/2010.
Agora, uma e trinta e seis pelo horário de Brasília, a gente volta já já – Sandra Annenberg – JH - 05/05/2010.
Uma ótima tarde pra você, amanhã a gente se vê – Sandra Annenberg - 00:05:24 h - JH - 05/05/2010.
06:20 - Desde ontem os policiais tentam localizar Vera Lucia Gomes, e quem traz mais informações pra gente é a repórter Gabriela de Palhano – Evaristo Costa. – JH - 06/05/2010.
Nós vamos mudar de assunto. – Sandra Annenberg - 00:06:50 h – JH - 06/05/2010.
06:54 Vamo falar de Jiló. Você gosta de Jiló? – Evaristo Costa - – JH - 06/05/2010.

Então você vai gostar dessa reportagem que nós vamos mostrar agora. Lá em Belo Horizonte, tem um festival de comida de boteco, que lançou um desafio esse ano: deixar uma carne que tem fama de calórica mais saudável. E fazer um aperitivo delicioso, desse fruto que é o Jiló. Que muita gente come, não come né, por causa do sabor amargo – Evaristo Costa. - Evaristo Costa - 00:08:45 h – JH - 06/05/2010.

Então vamô falá logo dessa frente fria que ta pra chegá, esfriando mais o tempo pra todo mundo comê Jiló ou não? – Sandra Annenberg - 00:11:38 h – JH - 06/05/2010.

Agora pelo horário de Brasília, uma hora e vinte minutos, a gente volta já – Evaristo Costa - 00:14:12 h – JH - 06/05/2010.

Vamos ao vivo à Londres com Marcos Losecam. Losecam, o sistema político daí é tão diferente do nosso, né! - Sandra Annenberg - 00:14:34 h – JH - 06/05/2010.

Mas será que veste bem? Bom nós vamos ver com a reporte Renata Capucci na Cabine do JH. – Evaristo Costa - 00:18:25 h – JH - 06/05/2010.

Então vamos lá, em Ourinhos, no interior de São Paulo, uma cadela resolveu adotar um filhote de Jaguatirica. – Evaristo Costa. - 00:22:00 h – JH - 06/05/2010.

Agora uma e trinta e sete, a gente volta já – Evaristo Costa - 00:22: 45 h – JH - 06/05/2010.

No fim da rodada tivemos brasileiros divididos entre a euforia e também entra a frustração – Evaristo Costa - 00:25:50 h – JH - 06/05/2010.

Uma ótima tarde pra você, amanhã a gente se vê – Sandra Annenberg - 00:29:24 h – JH - 06/05/2010.

Surpresa, nós descendemos dos neandertais – Evaristo Costa - 00:00:43 h – JH - 07/05/2010.

08:00 – Eliana, hoje é sexta-feira, adianta aí pra gente o final de semana, por favor. ( Evaristo costa falando com a moça do tempo). – JH - 07/05/2010.

Bom tudo bem, ai a gente fica mais agarradinho com a mãe da gente, né?. Sandra Annenberg - 00:08:31 h – JH - 07/05/2010.

10:25 – Bom, Cientistas alemães descobriram que muitos de nós carregamos o DNA característico do homem neandertal, uma espécie extinta há mais de vinte e nove mil ano né Sandra. – Evaristo Costa. – JH - 07/05/2010.

Pois é, segundo os pesquisadores, a herança genética que trazemos dos neandertais é equivalente ao que herdamos do tataravô, portanto não é pouco não, então vamô falá com Flávio Fachel ao vivo lá de Nova Iorque. Fachel, boa tarde, como os cientistas chegaram a essa conclusão agora? – Sandra Annenberg - 00:10:35 h – JH - 07/05/2010.

Pois é, segundo os pesquisadores, a herança genética que trazemos dos neandertais é equivalente ao que herdamos do tataravô, portanto não é pouco não, então vamos falar com Flávio Fachel ao vivo lá de Nova Iorque. Fachel, boa tarde, como os cientistas chegaram a essa conclusão agora? – Sandra Annerberg - 00:10:35 h – JH - 07/05/2010.

Pois é, segundo os pesquisadores, a herança genética que trazemos dos neandertais é equivalente ao que herdamos do tataravô, portanto não é pouco não, então vamos falar com Flávio Fachel ao vivo lá de Nova Iorque. Fachel, boa tarde, como os cientistas chegaram a essa conclusão agora? – Sandra Annerberg - 00:10:35 h – JH - 07/05/2010.

Pois é, segundo os pesquisadores, a herança genética que trazemos dos neandertais é equivalente ao que herdamos do tataravô, portanto não é pouco não, então vamos falar com Flávio Fachel ao vivo lá de Nova Iorque. Fachel, boa tarde, como os cientistas chegaram a essa conclusão agora? – Sandra Annerberg - 00:10:35 h – JH - 07/05/2010.

Bom, agora a gente vai falar do Dia das Mães. Toda mãe, toda mulher gosta de receber flores, não gosta Sandra? – Evaristo Costa - 00:12:00 h – JH - 07/05/2010.

Eu acho que é um gesto tão bom né? A hora que a gente recebe da aquele friozinho na barriga – Sandra Annerberg - 00:13:12 h - JH – JH - 07/05/2010.

E muitas mães devem receber flores nesse dia delas, né? A minha mãe deve tá me assistindo também, não vou falar o que é que eu vou dar de presente (Sandra: se não perde a graça), mas vem flores por aí também. E é isso que nós vamos mostrar agora, como prolongar a vida desse presente tão delicado, que é preciso tomar uns cuidados aí, nós vamos ver os cuidados na reportagem de Paulo Gonçalves. – Evaristo Costa - 00:14:00 h – JH - 07/05/2010.

E muitas mães devem receber flores nesse dia delas, né? A minha mãe deve tá me assistindo também, não vou falar o que é que eu vou dar de presente (Sandra: se não perde a graça), mas vem flores por aí também. E é isso que nós vamos mostrar agora, como prolongar a vida desse presente tão delicado, que é preciso tomar uns cuidados aí, nós vamos ver os cuidados na reportagem de Paulo Gonçalves. – Evaristo Costa - 00:14:00 h – JH - 07/05/2010.

Agora uma e trinta e um pelo horário de Brasília, a gente volta já – Sandra Annerberg – 00:15:24 - JH - 07/05/2010.

Pois é, os conservadores venceram mas não conseguiram maioria no parlamento. Vamos entender um pouquinho mais sobre isso lá com Marcos Losekan, ao vivo de Londres. – Sandra Annenberg - 19:12 - JH - 07/05/2010.

E é difícil escolher a armação do óculos mesmo né? Quando eu vo lá fico olhando, olhando. Porque a gente, eu por exemplo uso sete graus, é um fundo de garrafa, então o vidro só, quadradinho e a armação. – Evaristo costa – 00:23:51 h – 07/05/2010.
E agora a gente vai ver uma dica para funcionar melhor o seu intestino. – Sandra Annerberg – 00:24:24 h – JH – 07/05/2010.
Agora pelo horário de Brasília uma e trinta e um. A gente volta já – Sandra Annenberg - 00:23:55 h JH – 07/05/2010.
Nossa, que trajeto hein Sandra, bom depois que a gente conhece o lugar fica fácil entender porque mesmo tão longe Boipéba atrai turistas de todo o Brasil. – Evaristo Costa - 00:29:35 h – JH – 07/05/2010.
Pois é, a gente tem que ficá mais atento né, é uma questão de de mais atenção mesmo no trânsito. Agora, a sensação que eu tenho é que a gente tem que tomar cuidado sempre com os outros. – Sandra Annenberg - 00:04:00 h – JH – 10/05/2010.
É porque a gente não dirige só pra gente, a gente dirige pelos outras também, né. Ai tem que ter o respeito também, como você no seu dia a dia, de deixar as pessoas atravessarem, deixar o pedestre atravessar, dá a passagem pro motociclista, dá a passagem pro outro carro, isso é questão de respeito, de educação. – Evaristo Costa – JH – 10/05/2010.
Vamô mudá um pouquinho de assunto, né, a gente passa boa parta da vida trabalhando né! – Sandra Annenberg – 00:07:48 h – JH – 10/05/2010.
Pois é, vamô explicá que não é o nosso caso, mas e pode namorar no serviço Evaristo? – Sandra Annenberg – JH - – 10/05/2010.
Não perca, agora uma e meia, a gente volta já – Evaristo Costa. 00:14:25 h - JH – 10/05/2010.
17:20 – Vamô continuá falando de assuntos internacionais. Mas esse é um assunto gostoso, né? Vamô falá é da Itália, né? Qual é a primeira coisa que quando a gente pensa na Itália? Em pizza, na? Mas a gastronomia italiana vai muito ale da pizza. – Sandra Annenberg – 00:17:20 h – JH – 10/05/2010.
22:25 Agora um convite a todos que conhecem as receitas italianas, as mamas italianas, mande a sua pro Jornal Hoje, a sua receita, que nós vamos divulgar na nossa página na internet. Lá também, você já pode rever essa reportagem que acabamos de exhibir. – Sandra Annenberg - 00:22:25 h – JH - – 10/05/2010.
Bom e amanhã nós vamos mostrar os segredos do vinagre balsâmico. – Evaristo Cost- – 10/05/2010.
Agora uma e trinta e oito pelo horário de Brasília, a gente volta já – Sandra Annenberg - 00:22:41 h – JH – 10/05/2010.
Uma ótima tarde, amanhã a gente se vê. – Sandra Annenberg - 00:30:00 h – JH – 10/05/2010.

Nesta semana, o Jornal Nacional vai tratar de uma ameaça ambiental que não depende de acidente nenhum. Ao contrário: ela cresce no mundo todo dentro da mais absoluta normalidade. A ameaça do lixo. Numa série de reportagens especiais, a gente vai ver como esse problema tem provocado preocupação e tentativas de solução. Nesta segunda, o correspondente Roberto Kovalick vai mostrar o destino dos celulares velhos num país que é sinônimo de tecnologia. - William Bonner – 00:08:30 h – JN – 03/05/2010.

Com a gente aqui no estúdio do Jornal Nacional está o técnico da seleção brasileira, Dunga. Boa noite, muito obrigada por participar aqui com a gente – Fátima Bernardes - 00:08:15 – JN – 03/05/2010.

Com a gente aqui no estúdio do Jornal Nacional está o técnico da seleção brasileira, Dunga. Boa noite, muito obrigada por participar aqui com a gente – Fátima Bernardes - 00:08:15 – JN – 03/05/2010.

09:20 – Dunga, nós convidamos os telespectadores a usar a internet pra enviar perguntas pra gente fazer pra você aqui. Então separamos em alguns blocos, perguntas mais comuns, né! Eu vou passar pra você algumas delas aqui. – William Bonner – 00:09:20 h – JN - 03/05/2010.

11:21 – Vamô então agora jogá pra frente. Nessa primeira fase que a gente vai enfrentar lá na na copa do mundo, qual é a equipe que mais preocupa? E também depois, já no mata mata , quem é que deve merecer uma atenção maior? – Fátima Bernardes -00:11:21 – JN – 03/05/2010.

Vamô então agora jogá pra frente. Nessa primeira fase que a gente vai enfrentar lá na na copa do mundo, qual é a equipe que mais preocupa? E também depois, já no mata mata , quem é que deve merecer uma atenção maior? – Fátima Bernardes - 00:12:00 h – JN – 03/05/2010.

É comum a gente pedir a ficha de alguém, empregadores por exemplo pedem a ficha de empregados, e quem tem ficha ruim sabe que é difícil conseguir emprego. - Marcio Gomes – 00:00:10 h - JG – 03/05/2010.

Chegou a hora do nosso bate papo esportivo. E quem ta aqui com a gente é o narrador Luis Roberto. Christiane Pelajo - 00:12:19 h - JG – 03/05/2010.

Eu acho que qualquer campeonato é uma referencia na hora de convocação. A gente vai, a gente separou aqui, por exemplo, a gente ta falando especificamente de Ganso e Neymar, que são digamos os ícones desse momento NE. – Luis Roberto – 00:13:38 - JG – 03/05/2010.

Eu acho que qualquer campeonato é uma referencia na hora de convocação. A gente vai, a gente separou aqui, por exemplo, a gente ta falando especificamente de Ganso e Neimar, que são digamos os ícones desse momento NE. – Luis Roberto – 00:13:38 - JG – 03/05/2010.

A gente ta vendo as imagens né, a gente não acreditava eu, isso tinha dito que não tava muito bem, o Dorival ameaçou tirá-lo, isso mostra personalidade, mostra a liderança de um jovem, de um menino que desabrochou para o futebol brasileiro, nesse nível ai, o Paulo Henrique Ganso. E ainda, ainda sobre o Ganso, é, nós, nesses jogos do meio de semana, os meninos do Santos fizeram uma espécie de uma provocação, a gente vai até mostrar de novo, a gente já mostro (uma especie você ta sendo bonzinho né – interrompe a apresentadora) até porque Cristiane, na comemoração ontem, porque eu acho que a gente tem que ter um pouco de bom humor no futebol. – Luis Roberto - 00:14:35 h – JG – 03/05/2010.

A gente ta vendo as imagens né, a gente não acreditava eu, isso tinha dito que não tava muito bem, o Dorival ameaçou tirá-lo, isso mostra personalidade, mostra a liderança de um jovem, de um menino que desabrochou para o futebol brasileiro, nesse nível ai, o Paulo Henrique Ganso. E ainda, ainda sobre o Ganso, é, nós, nesses jogos do meio de semana, os meninos do Santos fizeram uma espécie de uma provocação, a gente vai até mostrar de novo, a gente já mostro (uma especie você ta sendo bonzinho né – interrompe a apresentadora) até porque Cristiane, na comemoração ontem, porque eu acho que a gente tem que ter um pouco de bom humor no futebol. – Luis Roberto - 00:14:35 h – JG – 03/05/2010.

A gente ta vendo as imagens né, a gente não acreditava eu, isso tinha dito que não tava muito bem, o Dorival ameaçou tirá-lo, isso mostra personalidade, mostra a liderança de um jovem, de um menino que desabrochou para o futebol brasileiro, nesse nível ai, o Paulo Henrique Ganso. E ainda, ainda sobre o Ganso, é, nós, nesses jogos do meio de semana, os meninos do Santos fizeram uma espécie de uma provocação, a gente vai até mostrar de novo, a gente já mostro (uma especie você ta sendo bonzinho né – interrompe a apresentadora) até porque Cristiane, na comemoração ontem, porque eu acho que a gente tem que ter um pouco de bom humor no futebol. – Luis Roberto - 00:14:35 h – JG – 03/05/2010.

A gente tá vendo as imagens né, a gente não acreditava eu, isso tinha dito que não tava muito bem, o Dorival ameaçou tirá-lo, isso mostra personalidade, mostra a liderança de um jovem, de um menino que desabrochou para o futebol brasileiro, nesse nível aí, o Paulo Henrique Ganso. E ainda, ainda sobre o Ganso, é, nós, nesses jogos do meio de semana, os meninos do Santos fizeram uma espécie de uma provocação, a gente vai até mostrar de novo, a gente já mostro (uma espécie você tá sendo bonzinho né – interrompe a apresentadora) até porque Cristiane, na comemoração ontem, porque eu acho que a gente tem que ter um pouco de bom humor no futebol. – Luis Roberto - 00:14:35 h – JG – 03/05/2010.

00:05:03 h – A gente conversa agora com nosso comentarista de economia Carlos Alberto Sandemberg – Willian Waack – JG – 04/05/2010.

Bom, vamos trazer um pouquinho aqui pro Brasil, a gente viu a situação lá fora, como é que isso meche com a gente aqui no Brasil? – Cristiane Pelajo - 00:08:04 h – JG – 04/05/2010.

Se for tudo emocionante assim, vai ser divertido... (Waack) Vai ser, pra gente vai ser ótimo – Cristiane Pelajo - 00:27:14 h – JG – 04/05/2010.

O futebol continua aqui no Jornal da Globo, vai continuar a emoção de você torcedor, mas nós vamos tratar também do seu bolso, vamos tratar do aumento para os aposentados que deixou o governo numa situação política difícil. – Willian Waack – 00:00:10 h – JG - 05/05/2010.

O futebol continua aqui no Jornal da Globo, vai continuar a emoção de você torcedor, mas nós vamos tratar também do seu bolso, vamos tratar do aumento para os aposentados que deixou o governo numa situação política difícil. – Willian Waack – 00:00:10 h – JG - 05/05/2010.

00:03:01 h - Daqui a pouco a gente vai falar mais do jogo do Pacaembu, vamos mostrar também os gols das outras partidas da noite e conversar sobre os detalhes que fizeram desta quarta-feira uma super quarta no futebol - Willian Waack – 00:03:01 h - JG - 05/05/2010.

E a gente volta a falar do jogo entre Corinthians e Flamengo pela Libertadores, o repórter Eric Faria está no gramado do Pacaembu e tem novidades pra gente. - Cristiane Pelajo – 00:08:29 h - JG – 05/05/2010.

00:09:06 h – Nós vamos falar muito de futebol ainda, e ainda nesta edição: tevê de plasma, caça níqueis, garçonne, até salão de beleza. Um bingo clandestino que funcionava dentro de um dos principais centros de abastecimento do Rio, foi fechado hoje - Willian Waack – 00:09:06 h – JG – 05/05/2010.

Agora a gente vai pros números do mercado financeiro, o Ibovespa oscilou durante o pregão e fechou praticamente estável, em zero vírgula zero sete por cento. – Cristiane Pelajo - 00:12:37 h - JG – 05/05/2010.

00:23:41 h - A gente volta a falar do estádio do Pacaembu em São Paulo, agora com o repórter Mauro Naves. - Willian Waack – 00:23:41 h – JG – 05/05/2010.

A gente volta a falar da super quarta no futebol, momentos dramáticos nas decisões da Libertadores e da Copa do Brasil. E agora a pouco ainda saiu o campeão pernambucano. Luiz Roberto já ta aqui com a gente para mostrar os gols, dessa emocionante quarta feira da rodada da noite. Você vai narrá ao vivo pra gente. – Cristiane Pelajo - 00:30:35 h - JG - 05/05/2010.

A gente volta a falar da super quarta no futebol, momentos dramáticos nas decisões da Libertadores e da Copa do Brasil. E agora a pouco ainda saiu o campeão pernambucano. Luiz Roberto já ta aqui com a gente para mostrar os gols, dessa emocionante quarta feira da rodada da noite. Você vai narrá ao vivo pra gente. – Cristiane Pelajo - 00:30:35 h – JG - 05/05/2010.

Continuação da fala acima - Foi uma quarta feira, realmente, de tirar o fôlego né. ØComeçamos com mais um campeão estadual. – Luiz Roberto. 05/05/2010.

Luiz Roberto, a gente vai pro intervalo, respira um pouco, toma uma água, daqui a pouquinho a gente, no próximo bloco Øvamo continuá falando de futebol - Willian Waack - 00:33:15 h – JG – 05/05/2010.

Luiz Roberto, a gente vai pro intervalo, respira um pouco, toma uma água, daqui a pouquinho a gente, no próximo bloco Øvamo continuá falando de futebol - Willian Waack - 00:33:15 h – JG – 05/05/2010.

O Luiz Roberto vai analisar esses jogos todos que ele acabou de narrar pra gente, já já. – Cristiane Pelajo - 00:33:22 h – JG – 05/05/2010.

00:37:10 h – A gente volta a falar de futebol. Willian Waack – 00:37:10 – 05/05/2010.

O narrador Luiz Roberto continua aqui com a gente e analisa essa emocionante rodada da noite – Cristiane Pelajo - 00:37:12 h – JG – 05/05/2010.

Exatamente Cris, eu acho que nós tivemos o maior Flamengo e Corinthians, no confronto de dois jogos, de todos os tempos né... Entrou muito mais ligado no jogo, então a gente teve um primeiro tempo muito distinto do segundo tempo.– Luiz Roberto. 00:37:27 h – JG – 05/05/2010.



Exatamente Cris, eu acho que nós tivemos o maior Flamengo e Corinthians, no confronto de dois jogos, de todos os tempos né... Entrou muito mais ligado no jogo, então a gente teve um primeiro tempo muito distinto do segundo tempo.– Luiz Roberto - 00:37:27 h – JG – 05/05/2010.

Você até comentou aqui com a gente que esse aí foi o momento desse jogo né. – Cristiane Pelajo - 00:39:06 h - JG – 05/05/2010.

É difícil de apontar um favorito né, mas como a gente tá aqui pra não ficar em cima do muro, o Cruzeiro entra nesse confronto com um leve favoritismo. – Luiz Roberto 00:40:20 h – 05/05/2010.

Pois é, porque nesse emparelhamento na Copa do Brasil, que nós teremos Atlético Goianiense num jogo contra o Vitória. Olha só o Nilton chega, ele encosta o corpo no atacante Neto Berola, que é tipo cai cai, e o juiz não só marcou penalti, como também espusô o jogador do Vasco. – Luiz Roberto JG - 00:41:16 h – 05/05/2010.

E aí a gente vai ter Atlético Goianiense e Vitória, que são dois times que estão na série A né, o Atlético Goianiense, que subiu esse ano, e o Vitória, que se mantém na série A. E no outro emparelhamento nós teremos então Grêmio e Santos. Luiz Roberto - 00:42:10 h – JG – 05/05/2010.

E aí a gente vai ter Atlético Goianiense e Vitória, que são dois times que estão na série A né, o Atlético Goianiense, que subiu esse ano, e o Vitória, que se mantém na série A. E no outro emparelhamento nós teremos então Grêmio e Santos. Luiz Roberto - 00:42:10 h – JG – 05/05/2010.

Pra gente entender, olha só, a situação já não estava boa aqui em Wall Street, no início da tarde, por causa das notícias que vinham da Grécia, como nesse mercado incerteza e desconfiança deixam todos nervosos, veja o que aconteceu. - Cristiane Pelajo - 00:08:49 – JG – 06/05/2010.

Pra gente entender, olha só, a situação já não estava boa aqui em Wall Street, no início da tarde, por causa das notícias que vinham da Grécia, como nesse mercado incerteza e desconfiança deixam todos nervosos, veja o que aconteceu. - Cristiane Pelajo - 00:08:49 – JG - 06/05/2010.

E já que a gente tá falando de carro, o carro mais caro do mundo setenta milhões de reais, é isso aí que você ouviu, setenta milhões de reais, é também um dos mais antigos. – Willian Waack – 00:19:29 h - 06/05/2010.

A gente teve, a gente teve um pequeno problema. Agora sim Ø vamos falar dessa eleição na Grã-bretanha. (lendo um papel). A eleição mais concorrida das últimas décadas na Grã- Bretanha terminou num difícil embate político. – Cristiane Pelajo - JG - 00:19:55 - 07/05/2010..

E agora sim, agora sim nós vamos mostrar pra vocês a reportagem sobre o carro mais caro do mundo. Eu disse setenta milhões de reais, é isso mesmo que você ouviu, setenta milhões de reais, custa esse carro, que aliás é também um dos mais antigos. – Willian Waack – 00:24:15 - 07/05/2010.

Futebol: o internacional está nas quartas de final da Libertadores e um time com nome Argentino, River Plate, é o campeão de Sergipe. Ø Vamos aos gols da noite. Cristiane Pelajo - 00:25:00 – JG – 07/05/2010.

## ANEXO 2

TABELA DE CODIFICAÇÃO

Variável			Código
Linguística	Dependente	Nós	n
		A gente	g
	Presença/Ausência do pronome	Presença	p
		Ausência	a
	Marcação do Sujeito	Marcado	s
		Não se aplica	/
		Não Marcado	0
Social	Telejornais	Bom Dia Brasil	1
		Jornal Hoje	2
		Jornal Nacional	3
		Jornal da Globo	4
	Sexo/Gênero	Masculino	m
		Feminino	f
	Faixa etária	25 a 34 anos	8
		35 a 45 anos	5
		46 a 56 anos	6
		56 anos acima	7
	Apresentadores	Renata Vasconcellos	R
		Renato Machado	M
		Sandra Annenberg	S
		Evaristo Costa	E
		William Bonner	W
		Fátima Bernardes	F
		Christiane Pelajo	H
		William Waack	K
		Alexandre Garcia	G
		Michelle Loreto	L
		Miriam Leitão	I
		Alex Escobar	X
		Marcio Gomes	C
		Carla Vilhena	V
		Zileide Silva	Z
		Cleber Machado	B
		Luiz Roberto	T